

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

INSPIRAÇÃO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DEZOITO)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Março 2018

Novembro 2024 Revisão 01

ÍNDICE

A CAMINHO DO LUZ.....	04
A INSPIRAÇÃO ESPIRITUAL NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA.....	04
A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS.....	04
A VIDA NAS ESFERAS ESPIRITUAIS.....	05
A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS.....	05
ALLAN KARDEC - VOL II.....	05
ALLAN KARDEC - VOL III.....	06
ALQUIMIA DA MENTE.....	07
ANTÔNIO DE PÁDUA.....	07
AOS MÉDIUNS.....	09
ARQUITETOS DE IDEIAS.....	09
AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM.....	10
AUTO DESOBSCESSÃO.....	10
BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO.....	10
CAMINHO VERDADE E VIDA.....	11
CARIDADE DO VERBO.....	12
CORAGEM.....	12
DEVIANDO O INVISÍVEL.....	13
DICIONÁRIO DA ALMA.....	13
DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO.....	14
DINÂMICA PSI.....	14
ELO DE AMOR.....	14
ENCONTROS COM JESUS.....	14
ENFOQUES CIENTÍFICOS NA DOCTRINA ESPÍRITA.....	15
ENTRE A MATÉRIA E O ESPÍRITO.....	15
ESPÍRITOS E MÉDIUNS.....	15
FORÇAS SEXUAIS DA ALMA.....	17
GRILHÕES PARTIDOS.....	17
HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE.....	21
INFÂNCIA E MEDIUNIDADE.....	21
LÁZARO REDIVIVO.....	22
MECANISMOS DA MEDIUNIDADE.....	22
MEDIUNIDADE DOS SANTOS.....	22
MEMÓRIAS DA LOUCURA.....	28
MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO.....	28
O CRISTIANISMO DO CRISTO E DOS SEUS VIGÁRIOS.....	29
O ESPIRITISMO NA ARTE.....	29
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	37
O LIVRO DOS MÉDIUNS.....	40
O MATUTO.....	41
O PORQUÊ DA VIDA.....	43
O PROBLEMA DO SER DO DESTINO E DA DOR.....	44
O QUE É A MORTE.....	45
O SEMEADOR DE ESTRELAS.....	46
O SER SUBCONSCIENTE.....	47

OS ESPÍRITOS, A MÚSICA CELESTE E A MÚSICA TERRENA.....	48
OS EXILADOS DA CAPELA.....	49
OS FUNERAIS DA SANTA SÉ.....	50
PARAPSIKOLOGIA: DA BRUXARIA À CIÊNCIA.....	50
PASSES APRENDENDO COM OS ESPÍRITOS.....	52
PÉROLAS DO ALÉM.....	52
PSIKOLOGIA ESPÍRITA - VOLUME I.....	53
PSIKUISMO: FONTE DA VIDA.....	54
RAIO X DO LIVRO ESPÍRITA.....	54
REGIÃO EM LITÍGIO.....	55
REPOSITÓRIO DE SABEDORIA - 2º VOLUME.....	69
REUNIÕES MEDIÚNICAS PMPM.....	69
REVISTA ESPÍRITA 1865.....	69
REVISTA ESPÍRITA 1868.....	71
REVISTA ESPÍRITA 1869.....	74
SAÚDE E ESPIRITISMO.....	76
SEARA DOS MÉDIUNS.....	76
SEAREIROS DE VOLTA.....	79
SOBREVIVÊNCIA E COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS.....	80
SOCIALISMO E ESPIRITISMO.....	86
TRANSE.....	87
UM HOMEM NO FUNDO DO ESPELHO.....	87
VIDA DE JESUS.....	88
VOZES DO GRANDE ALÉM.....	89
ENSINA-NOS A ORAR.....	90
A GÊNESE.....	91

A CAMINHO DA LUZ

Emmanuel

Capítulo VIII.4 §1 (77)

“O Senhor dos Céus é bom e generoso, e o homem sábio é um pouco de suas manifestações. Na estrada da inspiração, eles caminham juntos e o sábio lhe recebe as ideias, que enchem a vida de alegria e de bens.” Lao-Tsé

A INSPIRAÇÃO ESPIRITUAL NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Cristina da Costa Pereira

Introdução §11 (23)

A proposta deste livro, isto sim, é sugerir que a inspiração do artista pode *também* lhe chegar pela via espiritual e, nesse momento específico, ou o artista perceberá a sua voz interior, o seu próprio espírito, com toda a bagagem adquirida ao longo de várias encarnações, ou será uma antena, exercendo um tipo de mediunidade, o que lhe exigirá disponibilidade e humildade, através da consciência de que, por vezes, ele é um canal da espiritualidade para conduzir a arte à Terra. Isto sem nos esquecermos do sonho, pois, durante o sono, ao se libertar da matéria, outros espíritos podem inspirar-lhe músicas, poesias, pinturas, coreografias etc.

1ª Parte – Cap. 1.c (81)

Quando trabalhamos com o belo, com mestres, com Deus, somos assessorados. Especificamente os artistas são inspirados por anjos-artistas. Há os que auxiliam os professores, os cientistas, os estadistas etc. São raios de luz.

A MEDIUNIDADE SEM LÁGRIMAS

Eliseu Rigonatti

MÉDIUNS INSPIRADOS (32)

Médiuns inspirados são aqueles aos quais os espíritos sugerem pensamentos.

Nas outras mediunidades nós reconhecemos facilmente a ação dos espíritos sobre os médiuns. Porém, com relação aos médiuns inspirados, tal não se dá; a ação dos espíritos sobre eles é tão oculta, tão sutil que mesmo o próprio médium não a sente, apenas percebe que está sendo ajudado em suas ideias.

A pessoa que possui a mediunidade de inspiração, se quiser tirar o máximo proveito dela, precisa estudar muito. É dever de todo o médium estudar; mas para o médium inspirado, o estudo é uma necessidade imperiosa. Repetimos que é uma necessidade imperiosa, porque os médiuns inspirados transmitem seus próprios pensamentos que os

espíritos avivam, despertam e ajudam a dar forma. Eis porque se não estudarem ativamente não poderão servir de instrumentos eficazes aos espíritos que lutam por difundir as luzes espirituais em nosso planeta.

Foi através de uma magnífica mediunidade inspirada que Allan Kardec codificou o Espiritismo.

A VIDA NAS ESFERAS ESPIRITUAIS

Geziel Andrade

Cap. 14 §3 (144)

São cooperadores eficientes que agem no plano invisível, oferecendo influências notáveis, intuições oportunas e inspirações valiosas para que os homens permaneçam na prática das virtudes, principalmente nos seus momentos de dificuldades, lutas, impasses, constrangimentos e contrariedades.

A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS

Anthony Borgia

2ª Parte – Cap. XIV §14 (164)

À parte os guias espirituais, há outra prolífica fonte de influências que deriva do mundo espiritual. Já disse, por exemplo, como as mãos terrenas dos médicos podem ser guiadas, ao realizar uma operação, pelas mãos espirituais. Em muitos outros planos da vida a inspiração é levada dessa maneira. O homem encarnado pouco pode fazer de per si, e ele é o primeiro a compreendê-lo quando vem morar aqui. O homem pode realizar certas ações mecânicas com precisão, pode pintar um quadro, pode tocar um instrumento, pode manejar máquinas, mas todas as maiores descobertas são obras do mundo espiritual. Se o homem, usando a livre vontade, pretende pôr suas invenções a serviço de maus fins, então pode receber o crédito das calamidades que se seguirão. A inspiração devotada a boas causas vem do mundo do espírito, e de nenhum outro lugar. Se for para o bem da Humanidade a fonte é igualmente boa, se a inspiração não vem para bem dela, então sua fonte é indubitavelmente ruim. O homem tem em suas mãos a escolha da fonte em que beberá — boa ou má.

ALLAN KARDEC – Vol. 2

Zeus Wantuil – Francisco Thiesen

Cap. I.11§26 (113)

Se incidentes vários se urdiram para lhe comprovar que os Espíritos superiores tomavam parte em seus trabalhos (66); se mereceu ser assistido, de modo todo particular, até pelo

Mestre de todos nós, quando da elaboração de “O Evangelho segundo o Espiritismo” (67); se — como lhe afirmou um Espírito superior e seu companheiro de velhos tempos — o seu cérebro percebia as inspirações de mais Alto com uma facilidade de que nem ele mesmo suspeitava (68), ninguém, de boa mente, poderia pontificar que, na elaboração da segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, prevalecera exclusivamente o critério humano e pessoal do Missionário, tanto mais que, nos “Prolegômenos” desta edição, o mestre reiterou, incisiva e bem claramente, o que já havia afirmado para a 1ª edição:

(63) “Oeuvres Posthumes”, 1^{re} éd., p. 314.

(64) Id., ib., p. 352.

(65) “Revue Spirite”, 1861, p. 340.

(66) “Oeuvres Posthumes”, 1^{re} éd., p. 353.

(67) Id., ib., p. 351.

(68) Id., ib., p. 352.

(69) Veja-se a nota 60.

ALLAN KARDEC Vol. III

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen

Cap. 06 §5, 6 (274)

O primeiro exemplo é colhido na página, em forma de *nota*, redigida por Kardec, em Paris, aos 14-9-1863, explicando a origem da mensagem mediúnica que ele reproduz, a qual havia solicitado para ser-lhe remetida ao endereço de Sainte-Adresse, onde se encontrava, em retiro. “Quero falar-te de Paris — diz a comunicação — (...) uma vez que *as minhas vozes íntimas se fazem ouvir* EM TORNO DE TI e que teu cérebro percebe as nossas inspirações com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, *principalmente a do Espírito de Verdade*, é constante em teu derredor e tal que não a podes negar. (...) a respeito do plano que, segundo meus conselhos ocultos (o plano do Evangelho, obra que viria à luz no ano seguinte, em abril, “Imitation de l’Évangile selon le Spiritisme”), modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos *ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. (...).*”

Aí está a confirmação. O valor de uma mensagem como essa cresce naturalmente aos nossos olhos. Kardec era médium intuitivo tão desenvolvido que “ouvia”, “percebia” facilmente tudo, mas nem sempre sabia onde terminava o médium e começava o Espírito; ou onde este cessava, para que recomeçasse aquele. *Médium do Espírito da Verdade* (cuja ação era constante em seu derredor). A importância fundamental do ambiente cristãmente disposto, verdadeiro santuário (no melhor sentido), casa-se, no caso de Kardec e dos que vêm ao mundo com tarefas espiritualmente relevantes (os livros de André Luiz, pelo médium F. C. Xavier, explicam isso à sociedade), perfeitamente com a condição, num dado momento alvitrada pelo Alto, de recolher-se, retirar-se, em regime de dedicação exclusiva e tempo integral à Doutrina. A expressão usada pelo Espírito: “*compreendes agora por que 'precisávamos ter-te sob as mãos...'*”, evidencia que houve relutância do Codificador em concordar com a sugestão, que fugia à regra, às diretrizes

comuns; porém, Kardec tinha de fugir a determinadas regras; não sendo comum — de simples adepto — a sua posição, devia prevalecer-se das exceções justas, desde que pudesse, como pôde, suportar sozinho mais esse ônus (devido às implicações com os problemas da subsistência do próprio lar).

ALQUIMIA DA MENTE

Hermínio C. Miranda

Cap. V 8 §58 (241)

Daí porque o escritor, o poeta, o compositor ou o artista plástico partem para as suas criações do que se habituaram a considerar como inspiração. “Alguma coisa” lhes diz, dentro de si mesmos, que eles têm algo a expressar, a criar ou no qual se podem projetar, ainda que não se saiba precisamente o que seja isso. No nebuloso território fronteiro, torna-se difícil distinguir inspiração de intuição, que parecem fundidas numa só atividade mental, empenhada em fazer emergir no ambiente da personalidade aquilo que a individualidade elaborou: uma dissertação, um poema, um quadro, uma sinfonia.

ANTÔNIO DE PÁDUA

Almerindo Martins de Castro

Inspirado
Cap. II F (34)

A maior, a mais extraordinária faculdade mediúnica de Antônio foi a da inspiração. Quase se pode dizer que foi ele o melhor médium pregador de todos os tempos. Era sempre assistido pelos Espíritos, que o inspiravam e tinham nele o que se chama — um aparelho perfeito.

Moral austera, ilustração, modéstia, desprendimento, caridade, paz, resignação, tais eram as qualidades que o tornavam um ótimo transmissor das manifestações dos Espíritos, que, além da inspiração, apoiavam as suas palavras e a sua ação com fortes provas de efeitos físicos, provas que o Espiritismo contemporâneo tem hoje gravadas até em fotografias autênticas, e demonstram que os antigos milagres nada mais são do que manifestações dos habitantes do Espaço, para nosso ensino e auxílio.

A palavra de Antônio era, por assim dizer, irresistível na vibração fluídica.

Seus sermões registram, ao lado de conhecimentos sobre todas as ciências físicas e naturais do tempo, belíssimos trechos literários, plenos de formosas imagens poéticas, além de interessantíssimas comparações baseadas em textos do Antigo e do Novo Testamento.

Desde os conceitos filosóficos de Aristóteles aos ensinamentos da fisiologia humana, tudo a sua erudição abrangia, em rara elegância de linguagem e invulgar conhecimento.

Falando das aves, das flores, dos astros, das pedras preciosas, sua imaginação tecia rendilhados remígios de poesia, parecendo mais um literato que austero escravo da disciplina franciscana.

Proferindo verdades, duras às vezes, ninguém reagia, ofendido.

Ao contrário, os culposos sentiam-se tocados pela magia das expressões, e arrependiam-se, curvados ao jugo espiritual dos ensinamentos e admoestações.

As prédicas feriam fundo as almas.

De toda parte vinham ouvi-las letrados e campônios.

E porque não houvesse mais templos capazes de conter tanta gente, Antônio, à semelhança do Cristo, pregava nos campos, ao ar livre, em tribunas improvisadas.

Desses sermões resultavam prodígios.

Certa vez, levados pela fama de Antônio, foram ouvi-lo 12 ladrões, que constituíam uma das perigosas quadrilhas de salteadores daqueles tempos.

Terminada a prédica, estavam conversos e arrependidos, e a Antônio foram confessar as culpas e pedir conforto espiritual para as suas desassossegadas almas.

Em Pádua, uma das cidades do seu nome, Antônio falava a auditórios superiores a trinta mil pessoas.

Bispos, padres, freiras, nobres e plebeus, de toda parte, corriam para ouvi-lo.

Fechavam-se as tendas de comércio.

E Antônio era escutado por todos, no meio de silêncio quase incrível, diante de tanta gente reunida.

É que os Espíritos irradiavam a voz do médium, tanto assim que uma senhora, estando proibida pelo esposo — incrédulo — de assistir a uma dessas pregações, e achando-se a chorar, debruçada à janela da casa, ouviu, entre assustada e cheia de júbilo pela revelação de forças estranhas, todas as palavras que Antônio proferia no púlpito, erguido a quase meia légua de distância.

Hoje, esse fato espírita é comum e repetido em várias ocasiões; mas, naquele tempo, assombrava, não tinha explicação, era tido por milagre de santo...

Nas prédicas, dizia Antônio palavras de crítica e censura que ninguém ousava proferir sem correr os riscos mais graves, expor-se a iras temíveis.

Brevíssimos trechos darão disso clara ideia, e do que fazia assunto dos sermões:

“Os sacerdotes do nosso tempo, uns verdadeiros comerciantes, estendem as redes da sua avareza no Tabor excelso do altar, com o fim único de amontoarem dinheiro, pois que celebram o sacrifício da missa exclusivamente com o lucro da respectiva esmola. Se esta não os ressarcisse e locupletasse, não celebrariam talvez nenhuma. E assim convertem eles o sacramento augusto da salvação em objeto mercantil de avareza.”

Mas não era só contra os padres que proferia destas verdades.

Eis o que tocava diretamente aos mais altos:

“O bispo dos nossos tempos é como Balaam, montado na sua burra, que não chegou a ver o anjo que impressionara a célebre asinina. Balaam simboliza aquele que extingue a fraternidade, perturba as nações ou devora o povo. Assim, o bispo enfatuado é uma individualidade inútil, pernicioso, pois precipita, com o seu exemplo, a fraternidade dos fiéis nas ilusões do pecado, em seguida na voragem do inferno; como insipiente, a sua ignorância perturba a sociedade e a sua avareza arruína o povo... O prelado hipócrita, seduzido pela glória temporal, esquece que os desejos mundanos suplantam os bons afetos, e que os assaltos do demônio oprimem seus súditos. É desumano para com os fiéis, como se eles não fossem quase seus filhos. Como ele é mercenário, não se abeira da sua pessoa nenhuma das suas ovelhas. Estes avarentos e simoníacos de hoje saltam e folgam, como feras, na Igreja do Cristo... Os detratores e aduladores ululam medonhamente, como as corujas de noite, na ausência de quem caluniam...”

Os gulosos e sensuais, como as sereias, pervertem a sua alma e vitimam a sua existência... seduzindo aqueles que vão precipitando consigo no mar da condenação eterna. E eis aqui, com esta enorme aluvião de vícios, como a Igreja de Deus se transforma em espelunca de ladrões, e a consciência do homem em antro de demônios...”

E não o dizia de longe, escondendo-se na distância desses poderosos de quem falava.

Em um sínodo, convocado pelo arcebispo de Bourges, Simão de Sully, em 1225, Antônio atacou fundo os vícios e descarnou, tão eloquentemente e à luz do Evangelho, as mazelas daquele prelado, que este chorou, e, finda a reunião, abriu a alma ao pregador que tão bem soubera ler no âmago da consciência culpada...

Outro, que não fosse médium, e muito assistido pelos Espíritos, não o teria feito impunemente.

Muitos fatos daquela época mostram que, falar contra os poderosos do clero, era buscar a perseguição e a morte...

Mas não era só contra o clero que Antônio despejava as flechas mediúnicas da sua palavra inspirada pelos Guias do Espaço.

AOS MÉDIUNS

Lídia Loureiro

Parte II 14 (95)

Para iluminar os que vivem na cegueira da carne, existem pouquíssimos, porquanto é necessária uma grande formação moral. Geralmente, não são conhecidos como médiuns. São os que chamais de inspirados com a especificação de médiuns, subentendem-se, como não poderia ser o contrário, os que tem o dever de obediência a seu guia para esclarecimento dos espíritos culposos.

ARQUITETOS DE IDÉIAS

Ernest R. Trattner

Cap. 5.13 §4 (125)

Aquilo que surgira, em seu estado embrionário, como uma vaga intuição no cérebro de um médico de bordo, foi coroado pela proclamação da lei da conservação da energia, que tem a glória de ser a maior generalização do século XIX no domínio científico. É assombroso ver como o interesse de Mayer pelo calor nascera daquela observação, e, trabalhando só, ele pôde arrancar daí a relação definida que existe entre o calor desenvolvido por ação mecânica e a força que o produz. Muitos meses depois do seu regresso a Heilbronn, referia-se ele a essa experiência solitária do Java numa carta ao seu amigo Griesinger, o neurologista. “Deixei-me prender pelo assunto com tanto amor e interesse”, escreve Mayer, “que aquelas terras longínquas — e isto fará rir muita gente — me despertaram pouca curiosidade, preferindo eu ficar a bordo, onde podia trabalhar sem interrupção, e onde durante muitas horas me sentia tão inspirado que nada em minha vida ulterior se pode comparar com aquilo. Certos clarões de pensamento que me atravessaram o espírito — isso foi no ancoradouro ao largo de Surabaia — eram logo rastreados e patenteavam-me o caminho de novas questões. Esses tempos já lá vão, mas

um exame sereno de tudo que me acudiu então à mente convence-me de que essas coisas são verdades que não apenas sentimos subjetivamente, mas que podem ser provadas objetivamente. É certo que virá o dia em que essas verdades serão propriedade comum da Ciência.”

AS POTENCIAS OCULTAS DO HOMEM

Dr. A. A. Martins Velho

Cap. XII §33 (349)

Todavia a experiência mostra-nos que, sem por forma alguma coartar o nosso livre arbítrio, uma corrente abundantíssima de *inspiração fecunda* dimana do *Mundo Invisível* sobre a mesquinha humanidade. Porque laços misteriosos ligam as nossas almas àquelas que *já aqui viveram*, e essa *inspiração* é a causa desconhecida de muitas ações humanas tanto boas como más.

Saber dentre essas inspirações aproveitar as boas e rejeitar as más, aí está a *ciência da vida*, aí está *nosso mérito*.

AUTO DESOBSessão

Academia Espírita Argentina

Cap. XII §33 (349)

461. Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não à fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica, se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas ideias?

Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.

BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO

Epes Sargent

Cap. IX §52 (294)

Aquilo que os físicos e filósofos têm considerado como «operações inconscientes da alma» deve ser atribuído simplesmente a um distinto estado mental. A verdade fundamental está encerrada nas seguintes palavras de Job: «Existe um Espírito no homem, e a inspiração do Altíssimo o faz inteligente.»

Cap. X §9 (306)

Estará o Sr. Swing preparado para lançar o descrédito sobre as narrativas da Bíblia ou buscará abrigar-se atrás da indolente e anticientífica asserção de que a inspiração só se deu nos tempos bíblicos, não sendo o homem de hoje sujeito a tal influência?

Quando um jovem sem preparo patenteia uma facilidade inexplicável na resolução de cálculos aritméticos, como Colburn e Bidder, ou uma admirável proficiência musical, como em pequeno Mozart, onde descobrirão as provas do estudo e do trabalho que os preparam para desenvolver tais faculdades? Mozart diz de suas ideias musicais: «Quando e como elas vêm, eu não sei nem posso forçá-las. Conservo na memória aquelas que me agradam.» Aí tem toda a aplicação a teoria de um distinto estado mental, em comunicação com alguma influência espiritual.

Meu amigo William White de Londres, autor da mais liberal, independente e interessante «Vida de Swedenborg» até hoje publicada, com fatos que não se encontram em nenhuma outra biografia do grande vidente sueco, observa:

“Os nossos afetos, pensamentos e sonhos são manifestações espirituais; os nossos bons pensamentos nos vêm da presença dos companheiros celestiais e os maus são devidos aos nossos conhecidos do inferno. Todos e cada um de nós somos médiuns, e um discípulo de Swedenborg há-de sustentar que as manifestações espirituais são coexistentes com a atividade humana. O que é especialmente novo no Espiritismo sobre o Swedenborgismo é a ação dos Espíritos, *exterior* ao médium, possibilidade que julgo houvesse Swedenborg ignorado.”

CAMINHO VERDADE E VIDA

Emmanuel

39

Entra e coopera

“E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: — Levanta-te e entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer”. — ATOS, 9:6.

Esta particularidade dos Atos dos Apóstolos reveste-se de grande beleza para os que desejam compreensão do serviço com o Cristo.

Se o Mestre aparecera ao rabino apaixonado de Jerusalém, no esplendor da luz divina e imortal, se lhe dirigira palavras diretas e inolvidáveis ao coração, porque não terminou o esclarecimento, recomendando-lhe, ao invés disso, entrar em Damasco, a fim de ouvir o que lhe convinha saber? É que a lei da cooperação entre os homens é o grande e generoso princípio, através do qual Jesus segue, de perto, a Humanidade inteira, pelos canais da inspiração.

O Mestre ensina os discípulos e consola-os através deles próprios. Quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influenciación, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e justo.

Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto dos homens.

Essa lição deveria ser bem aproveitada pelos companheiros que esperam ansiosamente a morte do corpo, suplicando transferência para os mundos superiores, tão somente por haverem ouvido maravilhosas descrições dos mensageiros divinos. Meditando o ensinamento, perguntem a si próprios o que fariam nas esferas mais altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. Mais razoável, pois, se levantem do passado e penetrem a luta edificante de cada dia, na Terra, porquanto, no trabalho sincero da cooperação fraternal, receberão de Jesus o esclarecimento acerca do que lhes convém fazer.

CARIDADE DO VERBO

Luiz Signates

Primeiro passo: Escolher o Tema d) Inspiração

- INSPIRAÇÃO - Não é raro contar o expositor dedicado com a assistência espiritual no sentido de determinar o assunto de sua palestra. Sem que se dependa dela, o orador poderá utilizar-se da inspiração, sobretudo se encontra dificuldades de definir o tema, e poderá consegui-la mantendo o culto à oração e ao estudo. Em oportunidade alguma faltará à sua boa vontade o amparo dos Benfeitores da Vida Maior, que, em verdade, detém melhor as informações necessárias para que um planejamento expositivo vá de encontro pleno a seus sagrados objetivos.

CORAGEM

Emmanuel

HORA DIFÍCIL

48

Os amigos espirituais auxiliam aos companheiros encarnados na Terra, em toda parte e sempre. Sobretudo, com alicerces na inspiração e no concurso indireto. Serviço no bem do próximo, todavia, será para todos eles o veículo essencial. Contato fraterno por tomada de ligação.

Suportarás determinadas tarefas sacrificiais com paciência e, através daqueles que se te beneficiam do esforço, os Mensageiros da Vida Superior te estenderão apoio imprevisto.

Darás tua contribuição no trabalho espontâneo, em campanhas diversas, a favor dos necessitados, e, pelos irmãos que te cercam, oferecer-te-ão esperança e alegria.

Visitarás o doente e, utilizando o próprio doente, renovar-te-ão as ideias.

Socorrerás os menos felizes, e, por intermédio daqueles que se lhes vinculam à provação e à existência, dar-te-ão bondade e simpatia.

Ajudarás a criança desprotegida e, mobilizando quantos se lhe interessam pelo destino, descerrar-te-ão vantagens inesperadas.

Desculparás ofensas recebidas e, servindo-se dos próprios beneficiários de tua

generosidade e tolerância, surpreender-te-ão com facilidades e bênçãos a te enriquecerem as horas.

Permaneça o tarefeiro na tarefa que lhe cabe e os Emissários do Senhor encontrarão sempre meios de lhe prestarem assistência e cooperação. Entretanto, eles também, os Doadores da Luz, sofrem, por vezes, a intromissão da hora difícil. Quando o obreiro se deixa invadir pelo desânimo, eis que os processos de intercâmbio entram em perturbação e colapso, de vez que, entorpecida a vontade, o trabalhador descamba para a inércia e a inércia, onde esteja, cerra os canais do auxílio, instalando o deserto espiritual.

DEVASSANDO O INVISÍVEL

Yvonne A. Pereira

Cap. VIII §6 (178) – item 2

Os médiuns espíritas que se entregam à oratória, sempre veemente e profundamente inspirada, não recebem, precisamente, as intuições no momento em que discursam, ao mais das vezes, como nem sempre o seu instrutor espiritual estará presente ao seu lado, na tribuna. O que frequentemente acontece é que, já possuidor do necessário cabedal, embora não seja, verdadeiramente, um orador, na véspera desse trabalho, ou poucas horas antes, o médium será arrebatado em espírito por seu Guia espiritual, durante o sono, para o Espaço. Fornece-lhe as instruções para o discurso; fá-lo discursar em sua presença, imprimindo na mente do seu pupilo o característico da sua própria oratória; exerce sobre ele, enfim, seu intérprete, a sugestão hipnótica, ou «hipnose». Ao despertar do sono, o médium estará tranquilo, sentindo algo indefinível dentro de si, sem, todavia, recordar o que se passou durante o seu repouso. Mas, no momento da oratória, esta será «repetida» exatamente como foi delineada e autorizada no Espaço, com eficiência e agrado geral, sem que o médium vacile por um instante, na eloquência assim adquirida. E' por isso que o estilo deste ou daquele Espírito, se conhecido dos assistentes, chegará a ser reconhecido, para edificação de todos... Daí a necessidade, que todo médium orador sente, de se recolher e isolar horas antes, ocasião em que, geralmente se deixa vencer por um sono ameno e reconfortador...

As melhores palestras que nos foi dado realizar, sobre assuntos espíritas, concederam-nas os nossos amigos espirituais, por essa forma, muito embora no momento do testemunho, ou «reprodução» da peça oratória, costumem eles exercer uma certa vigilância em torno do médium. Será bom, por isso mesmo, para maior grandeza desse feito mediúnicos, que os ambientes dos Centros Espíritas não sejam alterados por quaisquer acidentes profanos.

DICIONÁRIO DA ALMA

Bezerra de Menezes

INSPIRAÇÃO

A inspiração divina só é boa quando se lhe bate às portas. E esse “bater” simbólico, tão bem expresso nas lições de Jesus, representa a atividade incessante dos discípulos da Boa Nova, a fim de materializarem no mundo os ensinamentos do Mestre.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO

João Teixeira de Paula

MÉDIUM INSPIRADO. É aquele que, na definição de A. Kardec, tem a faculdade de receber ideias dos Espíritos, quer sejam relativas aos atos comuns da vida, quer sejam relativas a importantes trabalhos da Inteligência.

DINÂMICA PSI

Jorge Andréa dos Santos

As zonas do superconsciente estariam encarregadas das imagens do trabalho de síntese, de intuição, normal no homem do futuro. O superconsciente possuiria a propriedade não de analisar os fenômenos para depois colocá-los nos devidos lugares, e, sim, de senti-lo diretamente numa total e definitiva percepção. De modo que podemos considerar as suas respectivas zonas interligadas a tal ponto, que o resultado, a conclusão de seu trabalho, só se daria após participação de todos os componentes; haveria uma verdadeira velocidade na conclusão dos processos psíquicos. Devemos reconhecer, entretanto, a influência da adequada arquitetura que o arcabouço anátomo fisiológico de um ser mais evoluído possui. Os pensamentos e diversos atos desses seres são precisos, os diversos problemas da vida são resolvidos momentaneamente em comparação com o homem analítico, que é todo consciência, necessitando, muitas vezes, de tempo para uma pequena solução. São por assim dizer, seres mais sentimento que intelecto, mais percepção que análise e, por isso, os melhores e mais profundos pensamentos são instantâneos, como que inspirados

ELO DE AMOR

Iriê Salomão de Campos

Obedecendo à dura rotina de funcionária estadual, Isabel acordava bem cedo dando início aos preparativos pessoais para mais um dia de trabalho. Arrumava a cama e alimentava-se, mantendo sempre a emoção em prece - não na ladainha dos beatos, mas com a voz silenciosa, de alma e coração. Saía então de casa transmitindo profunda alegria por onde passava. Era como se ela tivesse consciência de que, à sua volta, um mundo de trabalhadores espirituais a acompanhava, aproveitando sua dignidade e conduta moral, instruindo-a por intuição (uma das primeiras manifestações mediúnicas, também chamada de inspiração) para que trilhasse sempre o caminho do bem mantendo-se voltada para as vibrações de amor e equilíbrio.

ENCONTROS COM JESUS

Wallace Neves – Yvonne A. Pereira

André concluiu que havia compreendido que dependeria, concomitantemente, do

pensamento associado ao coração. Todavia, Jesus conclamou a João que completasse.

- Mestre, sinto que é muito mais do que do pensamento e do coração; é preciso força de vontade definida pela fé e o poder do sentimento expresso pelo amor.

- João, a inspiração e a intuição são outras tantas virtudes, como dotes generosos do Pai Celeste a todos, como a que você recebeu agora.

Tiago Maior, a seu turno, ao interpelar o Mestre, estabeleceu relação com a pergunta de André, concluindo, então que seria diferenciada da mulher Hemorroíza, a ação que curou o cego, quando Jesus usou a pasta de saliva misturada à terra, aplicara aos olhos do homem e, posterior mente, por sua orientação, mandou que os lavasse no tanque.

ENFOQUES CIENTÍFICOS NA DOCTRINA ESPÍRITA

Jorge Andréa dos Santos

É nesta fase hipnagógica ou das imagens crepusculares que têm origem muitas das nossas inspirações. É a fase, também, onde as comunicações mediúnicas são mais comuns, parecendo, mesmo, tratar-se de um início de mecanismo mediúnico. Haveria um afrouxamento das organizações perispirituais nas células físicas renunciando específicas percepções? Tem-se observado que os sensíveis ou médiuns apresentam maior facilidade de se adentrarem nesta fase, onde o ritmo de ondas cerebrais não será o mesmo que o da vigília, passando a mostrar o ritmo característico das ondas tetas. Nesta fase, a riqueza criativa e as inspirações são imensas e como que "globulizadas"; isto é, os componentes perceptivos se apresentam adornados e plenos de propostas, traduzindo uma realidade integral.

ENTRE A MATÉRIA E O ESPÍRITO

A. Cesar Perri de Carvalho
Oswaldo Magro Filho

No caso dos cientistas, há também fatos ponderáveis. Os cientistas que abraçam um novo paradigma falam sobre os "insights", a resolução súbita expressa pela exclamação "Ah!", um flash de iluminação intuitiva (30). Além das inspirações repentinas, a casualidade em descobertas, as coincidências, os sonhos. enfim, toda uma série de episódios que contribuíram para a solução de enigmas que os atraíram e vieram a se constituir em desfecho para seus esforços científicos.

30. GROF, S. – *Além do Cérebro. Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*. (Trad. Roselli, W. O.). São Paulo. Mc Graw Hill. 1987. pp.

ESPÍRITOS E MÉDIUNS

Léon Denis

Os inventores, os poetas, os escritores célebres, quase todos aqueles a quem classificamos de gênios, tinham os sentidos psíquicos mais desenvolvidos e recebiam as inspirações de altas entidades do Espaço Parece como se um vasto programa se

desenvolvesse através do tempo. As invenções, os descobrimentos se sucedem numa ordem prevista para marcar as etapas da civilização.

Neste imponente rol, a mulher tem uma parte considerável, sem falar de Joana D'Arc, cuja missão salvou a França no século XV, missão que estudamos em outra parte, com todos os detalhes; recordemos sobre este ponto a opinião de "Paracelso", o grande médico do Renascimento. Depois de lançar ao fogo seus livros de medicina, declara: "É das bruxas de quem aprendi tudo quanto sei de prático e benéfico." Michelet em "La Sorcière", se exprime da mesma forma. Sabido é que na Idade Média e durante o Renascimento todos os médiuns eram considerados como bruxos. Ainda hoje o é entre as mulheres de quem citamos as mais notáveis faculdades psíquicas.

Recordemos também que os grandes predestinados, os profetas, os fundadores de religiões, todos os mensageiros da verdade e do amor mantiveram comunicação com o Invisível. Graças a eles se estendeu pelo mundo o pensamento divino. Suas palavras e seus ensinamentos brilham como relâmpagos em nossa noite e formam outras tantas brechas sobre o desconhecido, sobre o Infinito.

Podem comparar-se a esses clarões que se produzem entre as nuvens quando há tempestades, mostrando-nos o céu azul profundo, luminoso, para ocultar-se em seguida. Porém, esse instante basta para nos permitir entrever a vida ascensional e a grande hierarquia das almas que se escalonam na luz, de círculo em círculo, de esfera em esfera, até Deus.

Em torno de nós flutua, na atmosfera, a multidão de inúmeras almas inferiores e atrasadas, presas por seus fluidos grosseiros à esfera de atração da Terra e de cujos vícios não se livraram com a morte. Porém, acima dos tristes horizontes de nosso globo, plainam as legiões de Espíritos protetores, benfeitores, de todos aqueles que só esperam pelo Bem, pela Verdade, pela Justiça. A escala das inteligências e das consciências vai graduando-se até às almas poderosas e radiantes, depositárias das forças divinas.

Às vezes, essas altas entidades interferem na vida dos povos.

Não o fazem sempre de um modo tão notório como na epopeia de Joana D'Arc. Geralmente sua ação é de menos relevo, mais obscura, porque se as potências invisíveis, se Deus mesmo desejam ser conhecidos, também desejam que o homem faça seu esforço e lute para conhecê-los.

Quanto à eleição dos meios e formas que esses grandes Seres utilizam, temos que recordar que nosso saber é muito restrito e nossas medidas muito curtas para abarcar os vastos planos do Invisível. Porém, os fatos aí estão incontestáveis, inegáveis, como pudemos ver no transcurso da guerra passada.

De tempos em tempos, através da obscuridade que nos envolve, no fluxo e refluxo dos acontecimentos, nas horas decisivas da História, quando uma sociedade, uma nação ou a própria Humanidade se acha em perigo, uma emanação, uma delegação do poder supremo interfere para reagir contra o mal.

Vem mostrar aos homens que há, acima da Terra, infinitos recursos e sociedades melhores, às quais podemos chegar desde já com nossos pensamentos e chamadas e que um dia lograremos alcançar por nosso próprio mérito e esforço.

FORÇAS SEXUAIS DA ALMA

Jorge Andréa dos Santos

Introdução §14 (19)

Sexo é vida, é evolução, quando as emoções pulsam nas asas do bem comum. Sexo é luta, tormento, desequilíbrio, atraso evolutivo, quando abastardamos os sentimentos na satisfação sexual temporária animal, que não acompanha o sentido maior da vida, onde estão sempre presentes os implementos da sinceridade e trocas de afetividades.

Pela morte do corpo, carrega o espírito, no seu estofo, toda a desarmonia que provocou e, em nova reencarnação, levará na mente atribulada as tendências desequilibrantes, que somente o esforço, disciplina e bom senso podem encarregar-se do equilíbrio reconstrutivo.

Daí a necessidade de impor-se, nas mentes em desalinho de ordem sexual, a disciplina corretiva para que as células sexuais, células de maior teor de vitalidade do organismo, não sejam utilizadas indevidamente (contatos sexuais sem justas razões afetivas ou renúncia sexual sem as necessárias condições); isto é, para que não haja dispersão da "seiva energética". Esta, em sendo absorvida, criaria, pela potencialidade vibratória, noutros setores, principalmente da área mental no ponto referente à abertura das janelas da inspiração as percepções maiores dos campos do psiquismo, onde se projetam as vivências maiores da superconsciência. Isso porque, no contacto sexual, existe uma fabulosa troca de energias entre os dois elementos participantes, as quais, espalhadas por todo o corpo físico, serão aos poucos absorvidas pelo psicossoma (capa envoltória do espírito), nutrindo, dessa forma, os vórtices profundos do inconsciente; conseqüentemente, tal fato deve ser considerado um dos baluartes evolutivos do ser.

GRILHÕES PARTIDOS

Divaldo Pereira Franco

410. *"Dá-se também que, durante o sono ou quando nos achamos apenas ligeiramente adormecidos, acodem-nos ideias que nos parecem excelentes e que se nos apagam da memória, apesar dos esforços que fazemos para retê-las. Donde vêm essas ideias?"*

"Provêm da liberdade do Espírito que se emancipa e que, emancipado, goza de suas faculdades com maior amplitude. Também são, frequentemente, conselhos que outros Espíritos dão."

a) — *"De que servem essas ideias e esses conselhos, desde que, pelos esquecer, não os podemos aproveitar?"*

"Essas ideias, em regra, mais dizem respeito ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento."
" 11

L.E. — Parte 2.^a — Cap. VIII.

22

COMENTÁRIOS OPORTUNOS

No dia seguinte, os membros do grupo que participaram da exitosa reunião, conforme previra o Instrutor, traduziam suas impressões de maneira diversa. Somente o médium Joel conservava lucidez quase total das ocorrências felizes.

O casal Santamaria não recordava detalhe algum, exceto de que participara de uma reunião, sem maiores contornos que traduzissem pontos de identificação com o trabalho

desenvolvido. Revelavam, no entanto, excelente disposição interior e um otimismo inusitado.

Dona Margarida, em conversação telefônica com a senhora Sobreira, narrara a leveza de que se sentia possuída, qual se lhe houvessem sido extraídas amargas impressões que a deprimiam, mesmo antes da enfermidade da filha.

O Coronel Sobreira, a seu turno, despertara animado por incomum satisfação. - Cria haver dialogado com o venerando Bezerra e haurido preciosos informes sobre o tratamento da obsidiada. Não lograva coordenar os esclarecimentos, entretanto, algo o estimulava. As imagens difusas na memória pareciam prestes a tomar contorno, e pronto diluíam-se. . .

Rosângela, por sua vez, acordou com a presença de Ester vigorosamente assinalada nas lembranças da véspera. Evocava-a com feição diferente da atual, e não obstante sabia tratar-se dela.

Chegando ao Hospital, foi incontinentemente ao Pavilhão em que a jovem se encontrava internada. Conseguiu da Enfermeira-Chefe aproximar-se da moça, que se mantinha no leito, em demorado cismar.

Saudando-a com cordialidade, a moçoila respondeu com breves palavras e apresentou os olhos grandes imersos em lágrimas.

Desaparecera a expressão de ferocidade e ela voltava a ser uma jovem assustada, arrojada a singular local, sem maiores explicações.

Rosângela perguntou-lhe, estimulando-a ao diálogo:

— Sente-se melhor, hoje, Ester? Note como o dia lá fora está claro. Não quer falar?

— Sim — contestou, receosa —. Sinto-me confusa, cansada. . . tenho medo... Tudo isto me parece um pesadelo... Eu sairei daqui?

— É claro — confirmou a enfermeira, — muito em breve. Você está, realmente, melhor. Necessita cuidar-se, alimentar-se, a fim de alegrar seus pais.

Tenho pais? — inquiriu, algo surpresa — Se tenho, por que não me visitam? Você os conhece? Eu só me lembro de um homem, desejando matar-me... Logo depois ele se transforma num mancebo muito belo, que luta com um padre perverso. Eles vão matar-me. Tenho medo. . . acuda-me...

Ester, combatida pelas contínuas pelejas, com a mente abalada, esforçando-se por arregimentar lembranças, divagou, e, por momento, voltou a perder o contato com a realidade.

Rosângela buscou acalmá-la, sugerindo ideias agradáveis.

Não teve dúvidas: Ester recobrava a lucidez.

À noite, após a sessão de estudos doutrinários, no Centro, o Coronel Santamaria convidou o dr. Albuquerque, senhora e Rosângela, o casal Sobreira e o médium Joel a um lanche na sua residência, quando desejava ouvir os amigos, em torno dos planos delineados, a fim de dar-lhes conhecimento detalhado.

Não desejava equivocar-se outra vez. Desse modo, pretendia agir sem precipitação, porém com segurança.

Concluída a reunião e chegados ao lar dos Santamaria, ora acolhedor, depois do chá, o Coronel expôs:

— A reunião de ontem foi-me incomparável bênção de Deus. Em verdade, não há mistério de qualquer natureza, separando a vida da morte. Uma é continuação da outra,

através de cuja ponte — a desencarnação — se transferem as aquisições e as perdas de um para outro lado, logo recambiadas para a futura viagem corporal. . .

“Consciente do que me cumpre fazer, necessariamente informado da localização de dona Abigail e Josefa, as familiares de Matias, pretendo visitar a Cidade do Salvador, numa tentativa de fazer alguma coisa por ambas.

“Minha esposa, a quem dei ciência do meu desejo, concorda plenamente com o plano. Como naquela Cidade disponho de excelentes amigos, não creio difícil encontrar as pessoas que buscarei. Não me ocorreu, porém, ideia de o que me compete fazer por elas.

“Posso ajudá-las monetariamente com algum recurso. Será isso o bastante?”

“Orando, hoje, resolvi confiar na inspiração dos Bons Espíritos, face à decisão a tomar no momento próprio. Receio não ser bem compreendido e isto me aflige, como se fora uma conspiração contra os meus planos.”

— O essencial, meu amigo — reforçou o Coronel Sobreira — são os seus propósitos de amizade e cooperação. Os resultados, embora devam preocupar-nos, não nos podem afligir. Nesse sentido, a prescrição evangélica é clara: fazer o melhor da nossa parte.

— Tem razão! — acrescentou o médium Joel — Forrados pelas intenções superiores, defendemo-nos das arremetidas negativas de qualquer procedência. O problema, a incompreensão que surja não nos deve quebrantar o entusiasmo ou arrojar-nos na faixa da desconfiança ou do desagrado.

“Naturalmente o seu gesto causará uma compreensível suspeita por parte da sofrida senhora e de sua filha, cujo clima em que vivem não é o da cortesia e da gentileza, exatamente.

“Parece-me que a honestidade que o caracteriza persuadi-las-á, mas não de imediato, o que considero perfeitamente normal. No caso delas, creio que eu agiria da mesma forma. Convém, todavia, que não vejamos apenas as possibilidades negativas que impliquem em insucesso da empresa.

“Além disso, o caro Coronel, como está informado, não agirá a sós...”

— Muito oportunas ambas as ponderações. Sinto-me aliviado — concluiu o anfitrião com jovialidade.

Como o ambiente fosse propício e se fizesse muito descontraído, dona Margarida, dirigindo-se a Joel, indagou:

— Recorda-se o amigo das ocorrências da última noite? De minha parte, conforme confessei a Mercedes, somente ficaram uma sensação de paz, um alívio imenso, permanecendo comigo ao despertar. Poderia, o irmão, mais treinado em tarefas de tal magnitude, esclarecer-nos algo?

A interrogação da senhora recebeu apoio de todos, que se encontravam interessados em anotar apontamentos novos, adicionar esclarecimentos, preparar-se como conveniente para futuros cometimentos.

O abençoado servidor, procurando bem coordenar as ideias e vivamente inspirado pelo Benfeitor Bezerra, que participava espiritualmente do encontro, fez um resumo feliz, apresentando correlações nos fatos, aclarando pontos obscuros, narrando as malogradas experiências dos envolvidos na questão supliciante.

Ao concluir, ante o bom humor geral, Rosângela solicitou permissão para relatar seu encontro com Ester.

Os pais receberam a notícia com lágrimas de júbilo.

O médium Joel, traduzindo com fidelidade as palavras do dr. Bezerra, sugeriu que Ester fosse transferida do Frenocômio em que se encontrava para um Hospital em que

pudesse receber assistência geral, ajudando-a no restabelecimento da saúde.

Quando o Coronel retornasse, após a viagem, sugeria o Emissário Espiritual, seria, então, oportuno trazê-la de volta ao lar definitivamente.

A medida, agora, providencial desintoxicá-la-ia dos fluidos deprimentes do local em que estava, quase sem medicação própria, e, simultaneamente, facultaria nova convivência, com a genitora, através de visitas contínuas, em reais, expressivos resultados para o seu estado geral.

As atividades espirituais a seu e a benefício de Matias prosseguiriam inalteradas.

A emoção incontida que se apossou dos genitores da enferma foi comovedora, generalizando-se.

O pai, com a voz embargada, exclamou:

— Louvado sejais, meu Deus! Raia, novamente, o sol em nossas vidas de sombras e de dor. . . Já não esperávamos essa ventura, acostumados como nos encontrávamos ao rigor da Lei. . . não temos palavras para vos agradecer!

Joel, igualmente ditoso, porquanto, ali, todos se irmanavam na conjugação do verbo ajudar, arrematou:

— Assevera nosso Benfeitor, que a Lei é, sim, de justiça, mas que a justiça de Nosso Pai se chama Amor.

— Oh! graças! — proferiram todos, conjuntamente.

— Quando se dispersaram os companheiros encarnados, indaguei ao Orientador:

— Desde que os participantes da terapêutica do mergulho no passado não iriam guardar lembranças, por que a presença dele?

— Miranda, — respondeu, afável — nenhuma experiência, mesmo as não recordadas, se perde em nosso cabedal de aquisições pessoais. O importante, no caso, não é recordar o erro, mas dele libertar-se, expulsando o débito praticado dos painéis da alma.

“Os assuntos perniciosos que são sepultados sem a elucidação que os anula, ressurgem, quando menos se espera, em forma de ansiedade, frustração, receio ou insegurança.

“As impressões do ódio, quando sufocadas, por falta de oportunidade de serem diluídas no amor, geram enfermidades que afetam o corpo e a mente.

“Procedendo ao ressumar das lembranças, programamos uma psicoterapia de grupo — hoje utilizada na Terra por alguns de forma algo imprevidente — realizando uma catarse verbal, com que desarmamos as ciladas da ira e despindo as personagens da vindita, cujos braços fortes são a traição e a sombra...”

Após uma breve pausa, continuou:

Recordas-te de Jesus, na casa de Zaqueu, o rico cobrador de impostos?

— Sim — redargui, atencioso.

— Pois, ali, — prosseguiu, calmo e seguro — sabendo-se o anfitrião sem mérito para receber o Divino Amigo sob o seu teto, a primeira preocupação foi inquirir à massa que seguira o Senhor, se alguma vez prejudicara ou espoliara injustamente alguém. Se o fizera, estava disposto a ressarcir o dano várias vezes. . . Como o silêncio informasse que era detestado coletor de impostos, mas, não infelicitador do próximo, afirmou ao Mestre, que dividiria parte dos seus bens com os servos e auxiliares, em ação de graças por recebê-lo

— em sua casa. O Senhor, então, asseverou-lhe: “Zaqueu, a felicidade entrou hoje na tua casa.

—“A intenção inicial de Zaqueu, acusado pela consciência de ser avaro, era libertar-se dos remorsos íntimos e recompensar os que lhe foram vítimas.

—“Assim, os atos são nossos benfeitores ou perseguidores cruéis. Imperioso libertar-nos do mal que existe dentro de nós, ao preço de honesta reabilitação.

—“Fazendo nossos amigos recordarem-se das causas anteriores que os afligem hoje, propiciamos-lhes o ensejo de se enfrentarem, uns diante dos outros, sem artilosidades nem desculpismo vulgar, aquilatando cada um a inutilidade de conduzir ácido e lodo nos depósitos da alma, queimando-se e manchando-se eles próprios inicialmente.

—“A recordação total, no entanto, para alguns, na esfera física, não treinados para a vida nos dois planos, simultaneamente, constituiria aflição e distonia desnecessárias. Daí, a misericórdia do Senhor facultando-lhes o olvido.”

—Era lógico, sem dúvida, o oportuno argumento.

—Crianças espirituais, muitas pessoas propõem-se informações das coisas negativas, que passam depois a carregar, sem forças, como tormentos que poderiam ter evitado.

—Enquanto se procedia à execução dos planos futuros com a família de Matias, este fora totalmente desvinculado do psiquismo de Ester e mantido em tratamento cuidadoso, de adaptação à nova fase, no próprio Centro Espírita, onde, igualmente, em caráter precário, se alojavam outros necessitados em processo de urgente recuperação.

HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE

Cesar Lombroso

E o grande Beethoven: “a inspiração é para mim aquele estado misterioso em que o mundo inteiro parece formar vasta harmonia, quando cada sentimento, cada pensamento ressoa em mim, quando todas as forças da Natureza se tornam instrumentos para mim, quando o calafrio me sacode todo o corpo, quando os cabelos se me eriçam na cabeça.”^{0,3}

INFÂNCIA E MEDIUNIDADE

Rafael de Figueiredo

- Tanto os encarnados quanto os desencarnados têm possibilidade de ajudar aqueles que necessitam. Sozinhos não se obterão grandes resultados, mas se afinarmos nossas intenções, conseguiremos compartilhar ideais e concorrer para uma melhora mais profunda. A espiritualidade necessita dos encarnados para auxiliar outros encarnados, porque esses, quando envolvidos em dificuldades e doenças, muitas vezes arvoram-se na atitude de revolta contra Deus e lacram as portas para nosso eficiente auxílio. É importante que nos esforcemos por auxiliar aqueles que se encontram no mesmo plano existencial que nós, esses são os que melhor alcançamos. O papel dos desencarnados é inspirar os que buscam servir envolvidos na matéria; ou seja, os encarnados, que devem se esforçar para conseguir captar essas inspirações através da renovação moral.

LÁZARO REDIVIVO

F.C.X.

Cap. IV §8 (29)

Consolem-se na certeza de que não sofrem inutilmente. Tempo virá em que os homens compreenderão que a mediunidade não está circunscrita a determinados seres. Todas as criaturas são instrumentos do bem ou do mal, médiuns do plano superior ou inferior, no campo infinito da vida. Ninguém foge à corrente de inspiração com que sintoniza. E todos os que marcharam na vanguarda da verdade e da luz sofreram o assédio da mentira e da treva, não obstante a sua condição de instrumentos da Providência Divina para o aperfeiçoamento e felicidade do mundo.

Cap. XXX §5 (154)

Onde, porém, mais se patenteia a técnica da inspiração é justamente no círculo dos que escrevem, Por isso mesmo, é mais que desarrazoada a crítica desfavorável de escritores e jornalistas, diante dos fenômenos das manifestações "post-mortem". A estranheza dos beletristas, que se julgam senhores absolutos da arte de expressão, é sintoma de presunção ou burrice. Desde a Grécia, temos no mundo a história das nove filhas invisíveis de Júpiter, que presidiam às artes liberais, orientando-lhes as realizações. E homem algum que se consagre ao altar do pensamento desconhece a imperiosa necessidade de absorver as inspirações que o cercam.

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

F. C. X. Waldo Vieira

Cap. XXI item 5 (154)

INSPIRAÇÃO E DESDOBRAMENTO — Dormindo o corpo denso, continua vigilante a onda mental de cada um — presidindo ao sono ativo, quando registra no cérebro dormiente as impressões do Espírito desligado das células físicas, e ao sono passivo, quando a mente, nessa condição, se desinteressa, de todo, da esfera carnal.

Nessa posição, sintoniza-se com as oscilações de companheiros desencarnados ou não, com as quais se harmonize, trazendo para a vigília no carro de matéria densa, em forma de inspiração, os resultados do intercâmbio que levou a efeito, porquanto raramente consegue conscientizar as atividades que empreendeu no tempo de sono.

Muitos apelos do plano terrestre são atendidos, integralmente ou em parte, nessa fase de tempo.

Formulado esse ou aquele pedido ao companheiro desencarnado, habitualmente surge a resposta quando o solicitante se acha desligado do vaso físico. Entretanto, como nem sempre o cérebro físico está em posição de fixar o encontro realizado ou a informação recebida, os remanescentes da ação espiritual, entre encarnados e desencarnados, permanecem, naqueles Espíritos que ainda se demorem chumbados à Terra, à feição de quadros simbólicos ou de fragmentárias reminiscências, quando não sejam na forma de súbita intuição, a expressarem, de certa forma, o socorro parcial ou total que se mostrem capazes de receber.

MEDIUNIDADE DOS SANTOS

Clovis Tavares

Cap. 11 (171)

ONIROFANIA, MEDIUNIDADE DE VÁRIOS SANTOS

* *"O exame da inspiração genial, seja durante o sono, seja no estado de vigília, prova-nos que essa descentralização ligeira (...) permite-lhe manifestações mais elevadas, se bem que, frequentemente, menos acessíveis à consciência normal, menos facilmente por ela utilizáveis e irregularmente percebidas."*

GUSTAVE GELEY

(O Ser Subconsciente,
FEB, Cap. Quarto, XI.)

Se buscarmos nas enciclopédias saber quem foi Cedmon, elas nos informarão, sem mais íntimos esclarecimentos, que foi um monge anglo-saxão que viveu no século VII e foi o autor das mais antigas poesias escritas em língua inglesa.

Quem foi, no entanto, esse monge?

Na obra do Padre Rohrbacher, Vidas dos Santos (volume III), dele ficamos sabendo que viveu na Abadia de Whitby, ao tempo da Abadessa Hilda, e ali prestava serviços como simples criado. "Era um homem dócil, silencioso e desajeitado. De canto, por exemplo, não tinha a menor noção. Quando chegava a hora de cantar, nos dias de festa, temeroso de que o convidassem, deixava o recinto e ia trancar-se no seu quartinho."

No convento, conhecida sua modéstia, não insistiam com ele para que cantasse. Um dia, no convento, convidando a Abadessa as freiras para os cânticos sagrados, o humilde servidor afastou-se, tímido, do refeitório, e dirigiu-se para o estábulo da abadia e sentou-se num monte de feno. Pôs-se a pensar na sua incapacidade para cantar os hinos sacros, e entristeceu-se com suas meditações. Acabou por dormir. E sonhou.

Damos a palavra ao escritor eclesiástico:

"Sonhou que um homem, formoso e imponente, lhe aparecia no estábulo. Olhava-o com ternura, e, sorrindo, pediu-lhe:

- Cedmon, por favor, canta-me alguma coisa!
- Cantar-te alguma coisa?
- Sim, peço-te que me cantes algo.
- Eu? Cantar? Eu não sei, não posso!
- Ora, sabe, sim! insistia o homem. Tu podes, Cedmon! Canta-me o que quer que seja, sim?

- E que devo cantar? - perguntou.
- Canta a obra da criação!

Cedmon, então entrou a cantar, a louvar o Criador. E, fazendo-o de modo até então desconhecido, deleitou-se como jamais. Quando estava para terminar, acordou. Impressionado, lembrando-se de tudo, miraculosamente terminou o hino.

À abadessa, Cedmon, com toda a simplicidade, contou o sonho, repetindo-lhe a composição.

- Recebeste de Deus, Cedmon, - disse a abadessa, assim que o servente do mosteiro terminara o hino, - recebeste de Deus um dom especial para a poesia. E dando-lhe algumas passagens da Bíblia, pediu-lhe que as pusesse em versos. Cedmon trabalhou um dia inteiro, terminando a tarefa. Tão bem se desincumbiu, que

Hilda, comovida e enternecida, o colocou num mosteiro, como monge, para que se desse ao estudo dos Livros Santos. Todas as poesias de Cedmon eram duma força desconhecida. A doçura, mais o poder de expressão, davam-lhe um toque celestial. Cedmon foi monge obediente, devoto e humilde. Santa e mansamente, faleceu em 680. (226)

- Aí temos o fenômeno mediúnico da inspiração através do sonho, o que pode ser chamado de “mediunidade onírica”. Toda a Bíblia está cheia de exemplos de revelações transcendentais através do sonho.

- Disse o Senhor a Aarão e a Míriã: “Se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele.” (Números, 12:6)

- Também no livro de Jó (33:14,17) se diz que “Deus fala uma e duas vezes (...) em sonho ou visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens e adormecem na cama; então, abre os ouvidos dos homens, e lhes sela a sua instrução, para apartar o homem do seu desígnio...”

- Não menos incisivo é o trecho encontrado no Profeta Jeremias (23:28): “O profeta que tem um sonho conte o sonho; e aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor.”

- No capítulo 4 do Livro do Profeta Daniel, se expõe como o profeta hebreu interpretou o “sonho da árvore grande” do rei Nabucodonosor da Babilônia, sonho profético historicamente cumprido.

- No Livro de Joel (cap. II), há uma promessa divina de efusão de dons espirituais: “vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões”. (2:28)

O Evangelho se apresenta, desde suas primeiras página, com insofismáveis exemplos de mediunidade onírica.

Após visitarem José, Maria e o Divino Infante, os Magos que vieram do Oriente são “por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes...” (Mateus, 2:12)

Em José Nazareno, o fenômeno mediúnico de revelações espirituais se processa comumente através de sonhos: sua primeira experiência foi quando tentou deixar secretamente Maria, antes do nascimento de Cristo. “E projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um Anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher...” (Mateus, 1:20)

Após a retirada dos Magos do Oriente, “eis que o anjo do ^ Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga, porque Herodes há de procurar o menino para o matar.” (Mateus, 2:13)

Após a morte de Herodes, novamente “o anjo do Senhor apareceu num sonho a José no Egito, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino”. (Mateus, 2:19,20). E na viagem de retorno, receando ir para a Judéia por lá reinar Arquelau, foi novamente “avisado em sonhos por divina revelação”, seguindo para a Galileia. (Mateus, 2:22)

Cláudia Prócula, esposa de Pilatos, também recebe avisos espirituais em sonho e procura impedir que seu marido, o governador da Judéia, intervenha na

condenação de Jesus: "I estando ele (Pilatos) assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele." (Mateus, 27:19)

MEDIUNIDADE ONÍRICA

Na vida de São João Bosco os sonhos representam papel importantíssimo. Sua mediunidade onírica surgiu aos nove anos de idade, com o famoso sonho que define seu destino espiritual e que foi o primeiro de uma série infinda de manifestações desse tipo, de sua múltipla mediunidade.

O Padre Luís Chiavarino, que conheceu Dom Bosco e viveu anos a seu lado até a sua desencarnação, escreveu *Os Sorrisos de Dom Bosco*, (227) onde relata inúmeros dos famosos sonhos mediúnicos do grande missionário italiano, inclusive alguns de caráter brizomântico, ou profético.

Eis o sonho dos nove anos de idade: Encontrava-se o menino João num pátio muito vasto, onde se reuniam muitas crianças que brincavam, riam, brigavam e blasfemavam.

"Ao ouvir blasfêmias, Joãozinho meteu-se no meio deles e não poupou socos nem palavras para os fazer calar." (228)

Nesse instante, apareceu "um homem venerando, de idade viril, vestido com apuro. Cobria-o, ao longo de todo o corpo, um manto branco; mas o seu rosto era tão luminoso que o não podia fitar. Chamou-me pelo nome e mandou que eu pusesse à testa daqueles meninos, acrescentando estas palavras: 'Deves cativar estes bons amigos, não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade. Começa, pois, a fazer-lhes imediatamente uma prática sobre a fealdade do pecado e sobre a preciosidade da virtude'...

As coisas que hoje te parecem impossíveis, tu as tornarás possíveis um dia, quando conquistares a ciência. Eu mesmo te darei a Mestra, em cuja escola te podes tornar sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna loucura'."

O cenário se transforma, então. Os meninos se tornam lobos, ursos, cães... De repente, - relata o próprio Dom Bosco - Q- "vi ao seu lado uma senhora de aspecto majestoso, revestida de um manto todo resplandecente, como se cada parte dele fosse uma fulgidíssima estrela".

A Senhora de semblante majestoso disse-lhe então:

"- Não tenhas medo, Joãozinho; este que vês é o campo do teu trabalho; deverás fazer com os meus filhos o que me verás fazer agora com estes animais. Olha quantos meninos há diante de ti. Torna-os humildes e ao mesmo tempo fortes e robustos. Transforma-os em outras tantas ovelhas."

"João voltou então o olhar - diz Chiavarino - e viu que os animais ferozes se tinham tornado ovelhas mansas, as quais saltando e bailando alegremente, agradavam a senhora que, pousando a mão sobre a cabeça de Joãozinho, acrescentou:

Coragem, meu caro; chegando o tempo, compreenderás tudo!"

E desapareceu."

O sonho dos nove anos foi a preanunciação da obra missionária de Dom Bosco. E durante sua existência de 73 anos (1815-1888), foi principalmente através de sonhos, o que quer dizer, através de sua mediunidade onírica, que ele recebeu avisos, auxílios e orientação para a sua grande tarefa de apóstolo. Seu eminente biógrafo, A. Auffray, em sua obra *Saint Jean Bosco* (229), escreve que "milhares de testemunhos afirmam que

Deus falava a esse humilde padre, durante a noite, em sonhos”. E cita a observação do Padre Lemoyne: “Falar sobre Dom Bosco e não se referir a seus sonhos, seria provocar uma onda de protestos. E os sonhos? - perguntariam todos os seus antigos discípulos, estranhando tal omissão.”

Outro fato notável é ainda narrado por Chiavarino (230). É famosa, atestada por todos os seus biógrafos, a memória de Dom Bosco. O caso seguinte, porém, atesta a existência de algo além de sua pujante memória.

Estudante ginásiano, sonhou certa noite que lhe havia dado um tema e que ele, Bosco, o explanava. Acordou, deixou o leito e escreveu o tema do sonho, que era um trabalho em latim. Traduziu-o, em seguida, e depois voltou à cama, continuando seu sono interrompido.

Pela manhã, no ginásio, teve ele a surpresa de verificar a exatidão de seu sonho: o professor ditou justamente o tema com que sonhara, e em latim. Rapidamente, o jovem João redigiu novamente, em aula, o que já havia feito de madrugada.

(227) Diante da rapidez com que compusera o dever, ante a admiração do mestre e dos colegas, com sua simplicidade habitual,

(228) Bosco confessou o sonho que tivera e como tudo aconteceu, em aula, tal qual sucedera em sonho...

Fato perfeitamente semelhante ainda aconteceu outra vez, com o estudante João Bosco, no ginásio, para espanto de todos.

Outro sonho famoso de Dom Bosco, sonho histórico, foi o referente à morte de vários membros da família real do Piemonte, por volta de 1854 (antes da unificação italiana). (231)

Sonhara que estava no pátio do Oratório, em companhia de outros eclesiásticos, quando viu chegar, de uniforme vermelho, um emissário da Corte, que lhe disse: “Grande notícia!” Dom Bosco perguntou-lhe: “Qual?”

“Anuncia: Grande enterro na Corte” - respondeu o estranho valete, desaparecendo.

Cinco dias mais tarde, novo sonho de Dom Bosco com a f] mesma estranha criatura de libré vermelha, que lhe disse e repetiu as seguintes palavras: “Anuncia: não grande, mas grandes funerais na Corte”.

Dom Bosco, que recebera o emissário em seu escritório - assim se passava no sonho -, viu-o sair, rapidamente, fechando a porta... Correu, então, à sacada para perguntar ao mensageiro a razão daquele aviso funéreo. Ainda chegou a vê-lo e ouviu uma vez mais o triste anúncio: “Grandes funerais na Corte!”

O notável missionário era amigo do Rei do Piemonte, Vítor Emmanuel (mais tarde, com a unificação, Rei da Itália). Já lhe havia, por carta, comunicado o primeiro sonho. Escreveu-lhe novamente, solicitando também a não aprovação da Lei Ratazzi, que suprimia as ordens religiosas no Piemonte e confiscava seus bens.

Dos últimos dias de 1854 aos primeiros de 1855, houve a 5ª) apresentação do projeto e a discussão do mesmo.

Apesar dos instantes pedido, após demoradas discussões, a lei foi aprovada. Mas, nesse ínterim, o sonho de Dom Bosco de foi cumprindo: a Rainha-Mãe, Maria Teresa, adoeceu naqueles dias, e faleceu no dia 12 de janeiro, aos 54 anos de idade. Seus funerais realizaram-se no dia 16 e na tarde desse mesmo dia, adoece a Rainha, Maria Adelaide, que desencarnou no dia 20 com apenas trinta e três anos. O Príncipe Fernando, irmão do Rei, logo adoece, vindo a falecer na noite de 11 de fevereiro, com a mesma idade de sua

cunhada, a Rainha. E no dia 17 de maio, a Casa de Saboia é enlutada pela quarta vez: falece um filho do Rei. Assim, em quatro meses, Vítor Emmanuel assistiu a quatro funerais na Corte de Turim: mãe, esposa, irmão e filho deixaram este mundo... Cumpru-se, assim, mais um sonho de Dom Bosco...

Há um interessante caso de mediunidade onírica na Igreja Católica. Este caso é narrado em um folheto editado pela Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, em 1955, chamado: Carta do Além, com o imprimatur eclesiástico.

Foi originariamente escrito em alemão (Brief aus dem Jenseits), pelo Doutor em Teologia, Bernhardin Krempel, C.P., de Treves, Alemanha, que assim se expressa no Prefácio:

“A carta do Além, transcrita abaixo, conta a história da H condenação eterna de uma jovem.

A carta em apreço foi encontrada tal qual entre os papéis de uma freira falecida, amiga da jovem condenada. Relata a freira os acontecimentos da existência da companheira como fatos históricos sabidos e verificados, e sua sorte eterna comunicada em sonho. A Cúria diocesana de Treves autorizou sua publicação como sumamente instrutiva.”

A seguir a própria freira relata como se deu a captação da mensagem. Na noite da missa em intenção da alma de sua companheira, teve um sonho em que deixara a moça uma carta contando os seus sofrimentos após a morte.

De vida leviana e agnóstica, a companheira da freira, após violento acidente automobilístico, veio a desencarnar. Permanecendo em região de muito sofrimento, relata em sonho para a freira, através de uma carta, os tormentos do que denomina inferno, inclusive de sua convicção de que as penas que sofria seriam eternas.

A despeito de sua interpretação dogmática sobre o que com ela ocorria, as descrições que faz sobre seu sofrimento e «obre as condições das regiões trevosas ou inferno, onde se encontrava, podem ser comparadas às descrições de André Luiz nos seus diversos livros.

Assim diz o espírito comunicante:

"O nosso maior tormento consiste em que sabemos exatamente que nunca veremos Deus.

Todas as almas não sofrem igualmente. Quanto mais frívolo, maldoso e decidido alguém foi no pecar, tanto mais lhe pesa a perda de Deus, e tanto mais torturado se sente.

Quem sabia mais, sofre mais do que aquele que menos conhecimento tinha.

Quem pecar por maldade sofre mais que aquele que caiu por fraqueza.

Mas nenhum sofre mais do que mereceu.”

É realmente notável a mediunidade onírica da freira que, lendo a carta em sonho, pôde transcrevê-la ao acordar.

Outro fato notável que temos percebido é a incontestável universalidade dos fenômenos psíquicos.

A mediunidade onírica foi um dos aspectos das múltiplas faculdades psíquicas de Santa Catarina Labouré.

Certa vez, conta um seu biógrafo, José Husslein, (232), ainda juvenzinha, sonhou que, indo à capela de sua cidade natal, Fain-les-Moutiers, na Borgonha (França), um venerável sacerdote acabava de celebrar a missa. Quando descia ele os degraus do altar, de repente se deteve e, sorrindo, convidou a menina a aproximar-se. Catarina,

estranhando o gesto, assustou-se e saiu da capela. Dirigiu-se, então, diretamente à casa de uma amiga enferma. Entrou no quarto desta e - ó surpresa! - novamente viu o mesmo ancião, o sacerdote de cabelos brancos, de pé, junto ao leito. Ele voltou a sorrir-lhe e, estendendo-lhe a mão, disse-lhe: “Filha minha, fazes bem em cuidar dos enfermos. Agora me evita, mas dia virá em que te alegrarás de vir a mim. Deus tem desígnios a teu respeito. Não o esqueças!” E logo pareceu esfumar-se... Esse o sonho.

A jovem Catarina, ou Zoê, como era chamada familiarmente, nunca se esqueceu do sonho incompreensível. Mais tarde, quando em visita à Casa de Caridade de Paris, surpreendeu-se com um retrato suspenso à parede. E exclamou: “O mesmo sacerdote que vi em sonho!” E ficou sabendo, pelo Padre Prost, que o ancião dos seus sonhos era São Vicente de Paulo: “os mesmos olhos sorridentes, a mesma boca amável que lhe havia falado, o mesmo rosto coroadado de cabelos brancos, cheio de bondosa compreensão, que ela havia contempla-o em sonho...”

226 Padre Rohrbacher, *Vidas dos Santos*, volume III, p. 162-163

227 Pe. Lufs Chiavarino, *op. cit., passim*.

228 Valemo-nos, no resumo do sonho, das informações do Padre Chiavarino e do próprio relato de Dom Bosco, transcrito na biografia do Pe. José Carlos Vieira, Porto, Portugal. *Apud A. Auffray, op. cit., p. 22*.

229 A. Auffray, *op. cit.*, p. 275

230 Pe. Lufs Chiavarino, *op. cit.*, p. 41 -42.

231 *Op. cit.*, p. 135-137. O mesmo fato é narrado por Auffray, *op. cit.*, p.

232 José Husslein, *op. cit.*, p. 134-135

MEMÓRIAS DA LOUCURA

Antoinette Bourdir

Apêndice §33 (236)

Lembre-mo-nos de que o insulamento jamais produziu outra coisa a não ser o enfraquecimento progressivo da fé e da coragem, uma vez que insulados não encontramos bastante ardor para nos mantermos ao nível da inspiração.

A luz espiritual diminui e se extingue sempre que não alimentada pelo desejo de esclarecer e irradiar no meio ambiente

MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO

Amália Domingos Soler

Cap. 3 §99 (36)

Meus votos foram coroados do melhor êxito, pois, decorridos dois meses de retiro, já **O Embuçado** me parecia outro homem. Apoderou-se dele um tal ou qual misticismo, que eu, por minha vez, procurei fomentar o mais que pude, uma vez que para certos espíritos o formalismo é necessário. Onde falta a inspiração, a rotina faz prodígios: e onde não há fé, a superstição a engendra, a questão é sujeitar e acostumar a alma a uma vida temente a Deus. Àquele que não pode amar o Eterno, faz-se mister que o tema, que lhe reconheça o poder, sorrindo ou gemendo.

O CRISTIANISMO DO CRISTO E DOS SEUS VIGÁRIOS

Padre Alta

Cap. XIV §49 (300) Ref. Especial

E' certamente grandioso o espetáculo das missas pontificais, celebrados ao som de órgãos, com o luxo das decorações, a pompa das cerimônias, a riqueza dos ornatos e dos utensílios do culto, com o cortejo do clero e dos servidores, suntuosamente vestidos, a cercar o cardeal arcebispo de Paris, em sua esplendida e soberba basílica de Notre Dame. E', porém, um espetáculo, não mais um mistério e a religião do espírito, ah! a religião do espírito perdeu, no espírito dos espectadores, senão no dos atores dessa exibição ritualística, o lugar que a verdadeira fé, a esperança celeste e o divino amor ocupavam todo nas reuniões fraternas, sem outro luxo que não o da prece e da palavra dos profetas, no século dos apóstolos e dos mártires do Cristo. Toda a polemica pagã, anterior a Constantino, reprocha aos cristãos não possuírem templos, nem altares e os cristãos, longe de oporem uma denegação a esse reproche, se gloriavam sempre de não os terem. Arnóbio, em seu "Octavius", capítulo IX, ainda dizia, no ano 300, que os cristãos considerariam uma injúria a divindade imaginar que ela precisa de uma morada material. Hoje, os católicos se gloriam de suas catedrais e com todo o direito; mas, "os templos que Deus ama são os corações que o amam", dizia um santo do XV século; "quando o fogo sagrado já não arde nas almas, todos os esplendores do culto e toda a chama dos círios não passam de ilusão, que pode enganar aos homens, mas que não enganam a Deus".

O ESPIRITISMO NA ARTE

Léon Denis

II A Inspiração

II (21)

A arte, sob suas diversas formas, como já dissemos no capítulo precedente, é a expressão da beleza eterna, uma manifestação da poderosa harmonia que rege o universo; é a irradiação do Alto que dissipa as brumas, as obscuridades da matéria, e faz-nos entrever os planos da vida superior. Ela é, por si mesma, rica em ensinamentos, em revelações, em luz. Ela encaminha a alma para as regiões da vida espiritual, que é sua verdadeira vida, e a que ela aspira a reencontrar um dia.

A arte bem compreendida é poderoso meio de elevação e renovação. E a fonte das mais puras alegrias; ela embeleza a vida, sustenta e consola nas provas e traça com antecedência para o espírito os caminhos do céu. Quando ela é sustentada, inspirada por uma fé sincera, por um nobre ideal, a arte é sempre uma fonte fecunda de instrução, um meio incomparável de civilização e aperfeiçoamento.

Porém, com bastante frequência nos dias atuais, ela é aviltada, desviada de seu objetivo, subjugada a mesquinhas teorias de escola e é sobretudo considerada um meio de se chegar à fortuna, às honras terrestres. E empregada para lisonjear as más paixões, para superexcitar os sentidos e assim faz-se dela um meio de rebaixamento.

Quase todos aqueles que receberam a sagrada missão de encaminhar as almas para a perfeição esquivaram-se dessa tarefa. Tornaram-se culpados de um crime ao se

recusarem a instruir e a iluminar as sociedades e ao perpetuarem a desordem moral e todos os males que recaem sobre a humanidade. Assim explicam-se a decadência da arte em nossa época e a ausência de obras fortes.

O pensamento de Deus é a fonte das altas e sãs inspirações. Se nossos artistas soubessem de aí extrair algo, encontrariam o segredo das obras imperecíveis e as maiores felicidades. O espiritismo vem oferecer-lhes os recursos espirituais dos quais nossa época necessita para regenerar-se. Ele nos faz compreender que a vida, em sua plenitude, não é outra coisa senão a concepção e a realização da beleza eterna.

Viver, é sempre subir, sempre crescer, sempre desenvolver em si o sentimento e a noção do belo.

As grandes obras não são elaboradas senão no recolhimento e no silêncio, ao preço de longas meditações e de uma comunhão mais ou menos consciente com o mundo superior. A algazarra das cidades pouco convém à elevação do pensamento; ao contrário, a calma da natureza, a profunda paz das montanhas, facilitam a inspiração e favorecem a eclosão do gênio. Assim verifica-se uma vez mais o provérbio árabe: o ruído pertence aos homens, o silêncio pertence a Deus!

O espírita sabe que imenso auxílio a comunhão com o Além, com os espíritos celestes, oferece ao artista, ao escritor, ao poeta. Quase todas as grandes obras tiveram colaboradores invisíveis.

Essa associação fortifica-se e acentua-se através da fé e da prece. Estas permitem que as forças do Alto penetrem mais profundamente em nós e impregnem todo o nosso ser. Mais do que qualquer outro, o espírita sente as poderosas correntes que passam nas fronteiras pensativas e inspiram ideias, formas, harmonias, que são como o material do qual o gênio se servirá para edificar sua soberba obra. *

A consciência dessa colaboração dá a medida de nossa fraqueza; ela nos faz compreender que parcela vem da influência de nossos irmãos mais velhos, de nossos guias espirituais, daqueles que, do espaço, debruçam-se sobre nós e nos assistem nos trabalhos. Ela nos ensina a nos mantermos humildes no sucesso. E o orgulho do homem que esgotou a fonte das grandes inspirações. A vaidade, defeito de muitos artistas, torna insensível o espírito e afasta as grandes almas que consentiriam em protegê-los. O orgulho forma como que uma barreira entre nós e as forças do Além.

O artista espírita tem consciência de sua própria indigência, porém sabe que acima de si abre-se um mundo sem limites, pleno de riquezas, de tesouros incalculáveis, perto dos quais todos os recursos da Terra são apenas pobreza e miséria. O espírita tem também conhecimento de que esse mundo invisível, se deste ele souber tornar-se digno purificando seu pensamento e seu coração, pode tornar mais intensa a ação do Alto, fazê-lo participar de suas riquezas através da inspiração e da revelação, e dela impregnar obras que serão como que um reflexo da vida superior e da glória divina.

*

* *

O objetivo deste artigo é sobretudo mostrar o considerável papel que a inspiração

sempre representou na evolução da arte e do pensamento. Todos os estudiosos do oculto sabem que uma onda de ideias, de formas, de imagens, afluí sem cessar do mundo invisível sobre a humanidade. A maioria dos escritores, dos artistas, dos poetas, dos inventores, conhece essas poderosas correntes que lhes vêm fecundar o cérebro, expandir o círculo de suas concepções.

As vezes a inspiração desliza suavemente em nosso intelecto, mistura-se intimamente ao nosso próprio pensamento, de tal maneira que se torna impossível distingui-la. Outras vezes é uma repentina erupção, uma invasão cerebral, um sopro que passa sobre nossas frentes e agita-nos com uma espécie de febre. Outras vezes, é como que uma voz interior, tão nítida e tão clara que parece vir de fora para nos falar de coisas graves e profundas. Uma corrente de forças e de pensamentos agitam-se e rolam à nossa volta, procurando penetrar nos cérebros humanos dispostos a recebê-los, a assimilá-los, a traduzi-los sob as formas e na medida de suas capacidades, de seu grau de evolução. Alguns os expressam de maneira mais ampla, outros, de modo mais restrito, segundo suas aptidões, segundo a riqueza ou pobreza das expressões que lhes são familiares e os recursos de sua inteligência.

As lições de O *Esteta*, que reproduzimos mais adiante, vão precisar os caracteres diversos da inspiração, conforme os casos.

Dentre os homens de gênio, muitos reconheceram essas influências invisíveis. Vários descrevem o estado próximo ao *transe*, no qual a elaboração de uma grande obra os faz mergulhar. Outros falam da onda abrasadora que os penetra, do fogo que corre em suas veias e provoca uma superexcitação que lhes centuplica as faculdades. Em vão procuram às vezes resistir a esse poder que os domina, subjuga-os e lhes destruiria o envoltório caso ele fosse contínuo. Alguns há que sucumbiram a essa ação soberana e morreram prematuramente, como Rafael, na flor da idade.

Lamartine descreveu esse estado em célebres versos:

*Mais a l'essor de la pensée
L'instinct des sens s'oppose en vain:
Sous le dieu mon âme opprèssée
Bondit, s'élançe et bat mon sein.
La foudre en mes veines circule,
Etonné du feu qui me brûle
Je Virrite en le combattant.
Et la lave de mon génie
Déborde en torrents d'harmonie
Et me consume en s'échappant.**

Romain Rolland descreve o caso especial de Miguel Ângelo (*Revue de Paris*, 1906, e *Cahiers de la Quinzainé*), nos seguintes termos:

A força do gênio, emanada do Deus oculto manifesta-se mais claramente apenas em um homem sem vontade, como Miguel Ângelo. Nenhum homem jamais foi assim sua presa. Este gênio não parecia ter a mesma natureza de Miguel Ângelo; foi um conquistador que a ele se lançou e o manteve subjugado. Sua vontade não o governava, e poder-se-ia dizer que tampouco seu espírito e seu coração. Era uma exaltação frenética, uma vida formidável num corpo e numa alma fracos demais para contê-la.

* Mas ao impulso do pensamento o instinto dos sentidos opõe-se em vão: sob o deus Minh 'alma oprimida salta, arremessa-se e bate meu peito. O raio em minhas veias circula, admirado com o fogo que me queima eu os provoço combatendo-os. E a lava de minha inspiração transborda em torrentes de harmonia e me consome escapando.

Encontram-se em Goethe (Cartas a uma criança) os seguintes detalhes sobre Beethoven:

Beethoven, falando sobre a fonte de onde lhe vinha a concepção de suas obras-primas, dizia a Bettina: “Sinto-me forçado a deixar transbordarem de todos os lados as ondas de harmonia providas do foco da inspiração. Tento segui-las, tomo-as apaixonadamente; novamente elas me escapam e desaparecem por entre a multidão de distrações que me rodeiam. Mas em pouco tempo novamente me apodero da inspiração com ardor; encantado, multiplico todas as suas modulações, e no último momento triunfo com o primeiro pensamento musical.

“Devo viver só comigo mesmo. Bem sei que Deus e os anjos estão mais perto de mim, de minha arte, do que os outros. Comunico-me com eles e sem medo. A música é uma das entradas espirituais nas esferas superiores da inteligência.”

Mozart, por sua vez, em uma de suas cartas a um amigo íntimo, inicia-nos nos mistérios da inspiração musical. Essa carta foi publicada por Holmès, na *Vida de Mozart*, em Londres, em 1845.

Vocês dizem que gostariam de saber qual é minha maneira de compor e que método sigo. Não posso na verdade lhes dizer mais a este respeito que aquilo que se segue, pois eu mesmo não sei nada e não consigo explicá-lo a mim mesmo.

Quando estou bem disposto e completamente só, durante meus passeios, os pensamentos musicais vêm a mim em abundância. Não sei de onde vêm esses pensamentos, nem como me chegam; minha vontade não me governa.

Schiller declarou que seus mais belos pensamentos não eram de sua própria criação, vinham-lhe tão apressadamente e com tal força que ele sentia dificuldades em apreendê-los rápido o bastante para transcrevê-los.

Michelet também parece estar, em certos momentos, sob o domínio de algum poder desconhecido. Referindo-se à sua *Histoire de la révolution*, *ele diz*:

Jamais, após minha *Pucelle d'Orléans*,* eu havia recebido tal irradiação do Alto, tão luminosa emanção do céu... Inesquecíveis dias, quem sou eu para os ter narrado! Não sei ainda, e não saberei jamais como pude reproduzi-los. A incrível ventura de reencontrá-los tão vivos, tão abrasadores, após 60 anos, encheu-me o coração de heroica alegria.

O poder da inspiração traduz-se, em Henri Heine, de uma maneira mais sensível ainda. Eis o que ele dizia no prefácio de sua tragédia de *W. Radcliffe*.

Escrevi *William Radcliffe* em Berlim, enquanto o sol iluminava com seus raios até desagradáveis os telhados cobertos de neve e as árvores desfolhadas; eu escrevia sem interrupção e sem rasuras. Sempre escrevendo, parecia-me ouvir acima da cabeça como que um ruído de asas.

Poderíamos multiplicar as citações do mesmo gênero, aí veríamos que a inspiração varia conforme as naturezas. Em alguns, o cérebro é como um espelho, que reflete as coisas ocultas e espalha suas radiações sobre a humanidade. Sob mil formas, ela penetra nos sensitivos e se impõe.

* Donzela de Orleans

As duas lições de *O Esteta* que vamos ler a seguir têm por tema a inspiração, considerada em sua causa e em seus efeitos gerais, tanto na Terra quanto no espaço.

Em nossas sessões essas lições seguem-se com regularidade a cada semana, porém ainda ignoramos os verdadeiros nome e personalidade do autor. Entretanto observamos que os espíritos familiares de nosso grupo se afastam respeitosamente e calam-se unicamente diante dele; o guia do médium vem, após a partida do *Esteta*, dizer-nos algumas palavras de amizade e de encorajamento, declarando-se “constrangido pela superioridade e pela irradiação daquele grande espírito”.

Qualquer que seja o valor do estilo, fizemos questão de reproduzir fielmente o pensamento do autor, evitando com cuidado tudo o que pudesse alterar o sentido, mesmo em proveito da forma.

II A (28) O mecanismo da inspiração (Lição 3)

29 de novembro de 1921

“Gostaria de lhes falar sobre a inspiração. Trata-se de um processo de transmissão da centelha divina; ela se produz de diversas formas pois a arte, com suas múltiplas ramificações, aproxima-se em graus diversos deste plano divino, do qual lhes falo. Quando no espaço, o espírito de um artista decidiu-se a reencarnar, leva consigo a amizade de seres que lhe são caros e que, por causas diversas, devem permanecer no espaço. Mas, pela intuição, estes amigos enviarão a este ser, prisioneiro na carne, fluidos provenientes de seu meio e ideias que darão um novo impulso à parcela de gênio nele contida e que estaria muito predisposta a adormecer na carne.

“A inspiração apresenta-se sob duas formas: uma pessoal, e outra mais ampla, transmitida pelos espíritos elevados, que retiram para a arte elementos das mais puras fontes e comunicam seus efeitos a um ser que os põe em obra por seus meios próprios e naturais. *

“A inspiração pessoal é a mais comum. Vocês não ignoram que um ser capaz de experimentar esse fenômeno já seja evoluído; sua evolução se dá por graus. Em cada uma de suas vidas, ele passa por um período mais marcante do que os outros, período este no qual o trabalho é mais perseverante e, conseqüentemente, mais produtivo; daí resultarão aquisições que se acumularão no perispírito. Na vida seguinte essas aquisições reaparecerão, sob a forma de dom inato. Esse dom, para os não-iniciados, chamar-se-á: inspiração. Porém essa inspiração tem caráter apenas humano, ela é, em geral, fria, uma vez que não é animada pelas centelhas divinas.

“Para tomar essa inspiração mais bela, mais elevada, é preciso impregná-la de ideal e de fluidos que emanam do foco divino. Chegamos assim à segunda forma de inspiração. Vocês não ignoram que os amigos invisíveis velam pelos seres que julgam dignos de proteção e encorajamento. Do espaço os espíritos superiores pressentem a pequena chama produzida pela inspiração pessoal. Para torná-la mais luminosa, pela prece, se Deus o permite, esses guias irão buscar nas esferas onde reinam radiações maravilhosas, elementos de vida criadora, que alimentarão essa pequena chama e dela farão brotar centelhas de talento.

“Pode ocorrer que o corpo humano seja um pouco perturbado por essas forças. Quando os átomos físicos não podem resistir a esse influxo, produz-se uma desordem no organismo.

Assim se explica o fato de em alguns homens de gênio faltar algumas vezes o equilíbrio.

“Eis a explicação material do fenômeno. O que sentirá o ser sob o golpe de uma inspiração? Se ele for suficientemente sensível, quando uma ideia, um pensamento que ele não podia prever toca seu cérebro, ele o assimilará como um receptor telefônico que recebe ondas elétricas e vibra com sua passagem. E ele um pintor? De repente, sobre sua paleta, descobrirá o segredo da mistura das tintas, que produzirá nova cor, adaptando-se admiravelmente ao jogo de fisionomias ou ao relevo a ser dado a um quadro em execução. E ele um pensador, um escritor, um poeta? Desse mesmo cérebro brotará a idéia, a imagem, a expressão, que devem realçar e ilustrar a obra, que precisa revestir-se de forma mais elevada e mais colorida. E ele um músico? No momento em que menos espera, um acorde, uma série harmônica, uma melodia virão, através de sua suavidade, sua pureza, sua riqueza, dar à sua composição um relevo que ela não teria podido adquirir. Se o ser humano desde o nascimento estiver preso a um ideal, podemos calcular os novos tesouros que a ele se prenderão. A arte ideal é uma das formas da prece, seu pensamento atrairá amigos invisíveis bastante elevados e para estes será fácil realçar o brilho da chama acesa anteriormente, e da alma do artista brotarão obras inspiradas pelo belo e pelo divino.

“Em geral, é preciso que o artista permaneça em um meio são, pois, a chama criadora que o anima pode apagar-se, sob a influência de um ambiente fluídico carregado de moléculas materiais. A verdadeira arte não busca os gozos da mesa, da carne e os prazeres dos quais o espírito e o cérebro não participam.

“Em seu país, a França, vocês tiveram artistas maravilhosos que criaram, em todos os domínios, obras admiráveis. Os da Renascença constituíram, devo-lhes dizer, uma plêiade inspirada

por não menores artistas do espaço. Esses artistas da Renascença haviam encontrado sua fonte criadora na Antiguidade grega e latina. Após terem vivido na Grécia, no Egito e em Roma, retornaram ao espaço. Lá, seus conhecimentos aumentaram, e adquiriram polimento, uma forma particular, e quando eles reencarnaram, deixaram o paganismo para celebrarem, em todos os domínios, a glória de Deus, da qual haviam se impregnado no decorrer de sua última passagem nas esferas celestes. Suas vidas anteriores na Terra haviam sido consagradas a um trabalho de base, isto é, à preparação dessa pequena chama que devia ser como um dos polos atrativos da essência divina. E por isso que a obra dos pintores, dos escultores e dos músicos daquela época tem cor de devoção, de suavidade, de quietude que não encontramos nos dias de hoje.

“Na minha próxima conversa, falar-lhes-ei da inspiração nos tempos modernos. Ela é também bela em outras épocas, porém suas características não são as mesmas. A inspiração atual, na qual misturam-se novos pontos de vista, deve servir de auxílio para uma transformação geral da humanidade, através de uma evolução do pensamento, aproximando-se e comunicando-se com o mundo invisível, intermediário do plano divino.”

O Esteta

II B (31)

A inspiração nos tempos modernos

(Lição 4)

5 de dezembro de 1921.

“Vamos falar da inspiração nos tempos modernos. Vocês vão compreender que há três

grandes estágios: iniciação, trabalho e progressão. O desabrochar, parcial nos mundos, é completo no espaço. Vimos nossos artistas fazerem sua iniciação na Antiguidade, seja na Grécia, no Egito ou em Roma. De retomo ao espaço, esses seres amadureceram e aproveitaram as qualidades adquiridas no ambiente material; de volta à Terra em uma outra encarnação, trouxeram consigo seu ideal da época do Renascimento, em seguida esse ideal desabrochou um século mais tarde nas letras, nas artes e na arquitetura. Estou me referindo ao século de Luís XIV. Tendo esses espíritos retornado ao espaço, durante um tempo bastante longo, a inspiração em geral foi apenas medíocre no século XVIII e latente no XIX.

“Em que ela consiste em nossa época?”

“Os espíritos, imbuídos das belas obras rebuscadas da Terra e do espaço, e que se encontram atualmente desencarnados, retornarão no momento em que a arte e o espírito divinizados deverão reflorir de maneira mais intensa. Paralelamente, outros espíritos que antes trabalharam para a evolução material, impregnaram-se de positivismo, e aqui no plano terrestre, no momento presente, sua inspiração, classificada como inspiração pessoal, dirige-se para as coisas científicas. Porém o grupo de artistas idealistas que permanece no espaço procura iluminar com uma luz divina esses seres que possuem belas qualidades, do ponto de vista do trabalho, e que devem fazer brotar a centelha da ciência.

É por isso que atualmente constata-se uma luta entre a ciência pura e a busca dos destinos humanos, sua formação e a do Cosmo.

“Vocês me perguntarão: como se concebe a arte no espaço? A arte brota da inspiração, por isso é necessário mostrar-lhes como ela se desenvolve e cresce em constante evolução, a fim de que vocês possam perceber a caminhada ascendente da espiritualidade. Apenas quando vocês compreenderem bem como a centelha artística, a centelha divina se desprende do espírito, poderão também compreender e idealizar os quadros que se desenrolam no espaço, mais grandiosos e mais completos do que os que são vistos na Terra e dos quais são apenas pálido reflexo.

“Os espíritos terrestres positivos, providos de centelha criadora, procuram, pela inspiração científica que lhes é própria, e por aquela que recebem dos seres desencarnados, penetrar o mistério da vida e do universo.

“Todas as forças se cruzam, do mundo visível ao mundo invisível. Os espíritos idealistas, do alto, procuram animar, com uma chama que os espiritualiza, os seres que trabalharam em períodos diversos e que por isso adquiriram uma inspiração pessoal, porém fria e rígida.

“Os cientistas de hoje não viveram na mesma época que os idealistas que conceberam tão belas obras, e é por isso que, do espaço, estes últimos procuram inflamar os homens científicos. A inspiração pessoal destes últimos confinou-se em um domínio peculiar à matéria. A centelha criadora atinge-lhes apenas o cérebro, e não a alma, seria preciso, portanto, que grandes espíritos iniciadores viessem do espaço para dar a nossos contemporâneos a insuflação inspiradora que os levasse bem suavemente, através de exemplos materiais, à revelação de forças desconhecidas.

“As ondas hertzianas constituem uma das formas concretas das correntes fluídicas, criadas por Deus e transmitidas pelos espíritos. O primeiro homem que, sob a forma de inspiração, constatou a existência dessas ondas, a isso foi levado pouco a pouco por seres invisíveis que desejavam revelar aos terrestres o poder das correntes desconhecidas para eles. Porém, da inspiração científica à inspiração idealista há certa distância. As dificuldades são devidas aos meios de ação, mas, nos séculos futuros, será

necessário que todos os seres vibrem em uníssono e, no momento atual, o núcleo de pesquisadores cientistas tem necessidade de sentir uma inspiração, na qual se misturam a ciência e a forma espiritualizada da obra divina, em toda a sua grandeza e sua beleza. Uma vez que as multidões de seres vivos que passam pela Terra não possuem o mesmo grau de evolução, a inspiração que anima cada uma delas não pode ter a mesma natureza.

“Para preparar a tarefa progressiva das gerações, há na inspiração científica uma mistura do desconhecido, de surpresa que gera algumas vezes um ceticismo que não é durável.

“Acontecerá fatalmente que, no ciclo que se prepara, os sábios deverão aceitar e ensinar à humanidade as forças novas que jorram continuamente do éter. No dia em que os cientistas descobrirem, pela intuição e pela inspiração, a fonte das correntes que animam o universo, o ideal divino estará pronto para reflorescer na Terra e então poderemos afirmar, com vocês, que a evolução terrestre terá dado um grande passo.

“A evolução científica prossegue em todos os domínios, desde a preciosa descoberta material até a aplicação nas artes de princípios positivos e novos. Atualmente a arte na Terra, excetuando-se a literatura, procede desse tipo um pouco impulsivo de impressão e de inspiração. Se, durante a Renascença, as com-*n* posições pareciam às vezes um tanto ingênuas, atualmente, a cor, a forma, o poder de inspiração não faltam, porém ainda será preciso adquirir, nos séculos futuros, a noção de ideal que servirá de ligação entre todas as obras do pensamento. Deus vos dá através disso o sentido real e profundo de Sua obra universal.

“Neste estudo, vimos o cérebro do artista organizado em todos os domínios. A inspiração, quer venha da personalidade, quer do ideal divino, é a forma que concretiza a arte. Os seres carnis a adquirem na Terra, seu espírito a completa no espaço.

“Mais adiante, passaremos em revista as belas concepções que podem jorrar de uma alma ardente no trabalho e cheia de admiração pelo Criador.”

O Esteta

IV A (55) **O pensamento na arte** (Lição 7)

27 de janeiro de 1922.

“Esta noite vamos abordar o campo artístico, que tem como veículo puro o pensamento, o pensamento na literatura e na oratória. Em nossa última conversa mostramos como, do ponto de vista artístico, o reflexo do pensamento podia, graças a meios maravilhosamente sutis, ligar-se a moléculas fluídicas e, através de tonalidades variadas representando ideias, constituir quadros nos quais a arte da cor reproduz cenas tendo o belo como símbolo. E agora, qual será o mecanismo do pensamento na arte?

“O pensamento é, antes de tudo, um dom de observação. O ser humano, encarnado ou desencarnado, pode explorar em pensamento todos os meios. Deixaremos de lado os seres que possuem caráter essencialmente material e que dirigem seus pensamentos a meios onde reina o espírito de lucro ou de luxúria.

“Porém, no ser evoluído, o pensamento se elevará muito mais alto.

“Vocês sabem que na Terra esse pensamento liga-se à pintura dos costumes, à análise dos caracteres e traduz-se em escritos que se revestem de formas mais ou menos simbólicas. No espaço o pensamento torna-se naturalmente muito mais livre; ele possui

em si mesmo o reflexo exato de todos os sentimentos que nele possam ter sido impressos anteriormente e impressioná-lo em graus diversos. O espírito, logo que se desprende da matéria e chega a uma determinada elevação, pode transmitir diretamente seu pensamento a seres ainda encarnados. Desse modo explica-se o fenômeno da inspiração.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Introdução VI §14

“As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.

Introdução XVI

Segundo outra opinião, o médium é a única fonte produtora de todas as manifestações; mas, em vez de extraí-las de si mesmo, como o pretendem os partidários da teoria sonambúlica, ele as tomã ao meio ambiente. O médium será então uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos, de algumas destas. Não é lícito negar-se, e isso constitui mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações. Esta influência, no entanto, difere muito da que supõem existir, e, dela à que faria do médium um eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam, vai grande distância, porquanto milhares de fatos demonstram o contrário. Há, pois, nessa maneira de pensar, grave erro, que uma vez mais prova o perigo das conclusões prematuras. Sendo-lhes impossível negar a realidade de um fenômeno que a ciência vulgar não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, os que assim opinam o explicam a seu modo. Seria especiosa a teoria que sustentam, se pudesse abranger todos os fatos. Tal, entretanto, não se dá. Quando se lhes demonstra, até à evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às opiniões mesmo de todos os assistentes, que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, ah! eles não se embaraçam com tão pouca coisa. Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se as inspirações não lhe vêm dos que se acham a seu lado, ele as vai beber fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas.

Questão: 399

399. Sendo as vicissitudes da vida corporal expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas com vistas ao futuro, seguir-se-á que da natureza de tais vicissitudes se possa deduzir de que gênero foi a existência anterior?

“Muito amiúde é isso possível, pois que cada um é punido naquilo por onde pecou. Entretanto, não há que tirar daí uma regra absoluta. As tendências instintivas constituem indício

mais seguro, visto que as provas por que passa o Espírito o são, tanto pelo que respeita ao passado, quanto pelo que toca ao futuro.”

Chegado ao termo que a Providência lhe assinou à vida na erraticidade, o próprio Espírito escolhe as provas a que deseja submeter-se para apressar o seu adiantamento, isto é, escolhe meios de adiantar-se e tais provas estão sempre em relação com as faltas que lhe cumpre expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar.

O Espírito goza sempre do livre-arbítrio. Em virtude dessa liberdade é que escolhe, quando desencarnado, as provas da vida corporal e que, quando encarnado, decide fazer ou não uma coisa e procede à escolha entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre- -arbítrio fora reduzi-lo à condição de máquina.

Mergulhado na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores espontaneamente lhe fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade.

As existências futuras, essas em nenhum caso podem ser reveladas, pela razão de que dependem do modo porque o Espírito se sairá da existência atual e da escolha que ulteriormente faça.

O esquecimento das faltas praticadas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de as ter conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las o guia por intuição e lhe dá a ideia de resistir ao mal, ideia que é a voz da consciência, tendo a secundá-la os Espíritos superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão.

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi, não pelo que é, sim, pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar.

A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe infringe a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avaro, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

Questão: 410 A

410. Dá-se também que, durante o sono, ou quando nos achamos apenas ligeiramente adormecidos, acodem- -nos ideias que nos parecem excelentes e que se nos apagam da memória, apesar dos esforços que façamos para retê-las. Onde vêm essas ideias?

- “Provêm da liberdade do Espírito que se emancipa e que, emancipado, goza de suas faculdades com maior amplitude. Também são, frequentemente, conselhos que outros Espíritos dão.”

a) — De que servem essas ideias e esses conselhos, desde que, pelos esquecer, não os podemos aproveitar?

“Essas ideias, em regra, mais dizem respeito ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento.”

Questão: 462

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas ideias?

- “Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.”

Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

Questão: 463

463. Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato?

- “Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.”

Questão: 472

472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

- “Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”

Questão: 525 A

525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que vos aconselham.”

a) — Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas?

- “Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.” Imaginamos erradamente que os Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles. Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar;

chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

Questão: 528

528. No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil? “Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.”

Questão: 545

545. Pode, alguma vez, o general ser guiado por uma espécie de dupla vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos? “Isso se dá amiúde com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e o que faz que obre com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, os quais se aproveitam das faculdades de que o veem dotado.”

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Allan Kardec

Questão: 169

169. Assistimos uma noite à representação da ópera Oberon, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia na sala grande número de lugares vazios, muitos dos quais, no entanto, estavam ocupados por Espíritos, que pareciam interessar-se pelo espetáculo. Alguns se colocavam junto de certos espectadores, como que a lhes escutar a conversação. Cena diversa se desenrolava no palco: por detrás dos atores muitos Espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, limitando-lhes os gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras. Julgando-o animado de intenções um tanto levianas e tendo-o evocado após a terminação do ato, ele acudiu ao nosso chamado e nos reprochou, com severidade, o temerário juízo: “Não sou o que julgas, disse; sou o seu guia e seu Espírito protetor; sou encarregado de dirigi-la.” Depois de alguns minutos de uma palestra muito séria, deixou-nos, dizendo: “Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que vá vigiá-la.” Em seguida, evocamos o Espírito Weber, autor da ópera, e lhe perguntamos o que pensava da execução da sua obra. “Não de todo má; porém, frouxa; os atores cantam, eis tudo. Não há inspiração. Espera, acrescentou, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado.” Foi visto, daí a nada, no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, um como eflúvio se derramava sobre os intérpretes. Houve, então, nestes, visível recrudescência de energia.

Questão: 183

183. Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber

grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

a) Qual a causa primária da inspiração?

“O Espírito que se comunica pelo pensamento.”

b) A revelação das grandes coisas não é que constitui o objeto único da, inspiração?

“Não, a inspiração se verifica, muitas vezes, com relação às mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo, queres ir a alguma parte: uma voz secreta te diz que não o faças, porque correrás perigo; ou, então, te diz que faças uma coisa em que não pensavas. É a inspiração. Poucas pessoas há que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos.”

c) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns?

“Sim, porquanto, nesses momentos, a alma se lhes torna mais livre e como que despreendida da matéria; recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.”

O MATUTO

Zíbia Gasparetto

Cap. VIII (203)

A moça acalmou-se e todos acompanharam D. Lucila, que se sentou no sofá. Os demais acomodaram-se ao redor, divididos entre a emoção experimentada, o respeito por aquela mulher que exercia sobre eles doce fascínio e a curiosidade sobre esses assuntos que ela dominava com tanta segurança.

— Acha que foi um espírito de um músico que a envolveu e a fez tocar? — indagou Maria da Glória, admirada.

— Você pode dar outra explicação ao que acabamos de assistir?

— Mas ela sabe tocar piano — tornou Jorge — desde a infância. Deve tocar muito bem. Não pode ter-se inspirado?

— Você já pensou o que vem a ser a inspiração? Por que será que ela não obedece à nossa vontade?

— Quer dizer que toda a inspiração dos poetas, dos músicos, dos artistas é produzida pelos espíritos? — indagou Humberto, interessado.

— Não é bem assim — explicou ela, serena. — A inspiração pode ser provocada por um espírito que ajuda o homem a buscar novas ideias, mas pode também ser colhida pela própria criatura cujo espírito busca encontrar novas fontes de conhecimentos e de emoção, de beleza e de elevação, colocando-se em sintonia com mundos superiores, onde vibram criações mentais de grandes e purificados espíritos, trazendo-as até nós.

— E por que a inspiração não obedece à nossa vontade? Por que o artista não consegue inspirar-se, ou ir buscar essa inspiração nessas fontes superiores quando quer? — inquiriu Humberto, interessado.

Lucila respondeu serena:

— Porque para que isso aconteça torna-se preciso haver sintonia. Essas fontes fluem normalmente nesses mundos onde os seres já são melhores e mais evoluídos, mas para que alguém da Terra as sinta é preciso que sua mente ou seu espírito consiga um potencial que lhes permita alcançá-las. Na Terra isso é muito difícil porque o meio ambiente é denso e absorvente. Todos somos ainda carentes de superioridade, e tão imperfeitos que somente nos sensibilizamos com forças menos delicadas. Porém, algumas criaturas conseguem, desenvolvendo um determinado setor da sua sensibilidade, sintonizar-se com faixas dessa beleza sublime dos mundos superiores, e procuram desesperadamente transmiti-las aos outros homens. Verificando a vida dos grandes artistas, músicos, pintores, legisladores, cientistas, inventores, percebemos bem que se desgastam exaustivamente a vida inteira para conseguir essa sintonia a que chamam de inspiração, lutando por retê-la ao máximo e transmiti-la ao restante da humanidade. É interessante notar que raramente estão satisfeitos com o que conseguem reproduzir ou trazer, porquanto é muito difícil enquadrar o belo, o sublime, o maior, à estreita visão humana, e sensibilizar a embotada consciência do homem terrestre. Contudo, alguns, apesar disso, nos legaram grandes patrimônios de arte, elevação e sabedoria.

— É interessante esse ponto de vista — murmurou Humberto, pensativo.

— Quer dizer que eles já encontraram tudo pronto? — perguntou Jorge, admirado. — Nesse caso, onde está o mérito de cada um?

— A sintonia, ainda que esporádica, com as fontes de inspiração divina, em mundos superiores, é conseguida com esforço, e muitas vezes essas criaturas pagam por ela um preço bastante alto em sofrimentos pessoais, renúncia, desprendimento, devendo neutralizar a densidade do nosso meio ambiente que nos atrai com muita força, pois a ele pertencemos. Vão buscar a essência e trabalham com ela, transformando-a em um código que os outros homens poderão sentir e entender. E nesse esforço em adaptar o sublime, o indescritível, a essência superior, à frase do homem comum, desgastam-se e criam, manipulam e dão de si. É por isso que os grandes gênios estão sempre insatisfeitos com sua obra e sempre à procura de maior perfeição. Já pensaram no sofrimento de um ser que penetra as profundezas inenarráveis do sublime, as belezas das cores em gradações e nuances

diferentes, tendo que trazê-las à materialidade da nossa natureza, e vendo-as empobrecer-se, diminuir, obscurecer-se para que o homem possa penetrá-las?

— Puxa, D. Lucila, nunca tinha pensado nisso. Deve ser um tormento. Por isso os gênios são inquietos e denotam insatisfação, sofrimento — tornou Maria da Glória.

— Penetrando nesses mundos onde a emoção é sublime, devem ter momentos de êxtase que ninguém ^ode imaginar — anuiu Humberto.

— É verdade. Por isso são diferentes da maioria. E o povo sente neles essa diferença e os admira.

— Quer dizer que Maria Luíza é inspirada? — perguntou Jorge, interessado.

— O caso dela é muito diferente. Como eu disse, a inspiração pode ser do próprio espírito da criatura, que consegue sintonia com outras fontes de vida, mas pode também ser provocada por um agente que, através da telepatia, transmitiria suas ideias. Isso os espíritos fazem.

— É o caso dela? — perguntou Geraldo.

— Eu diria que é mais do que isso. No caso dela, o agente, isto é, o espírito, a inteligência que se aproxima dela, consegue envolvê-la tanto que não só lhe transmite as ideias como domina seus pensamentos, seu sistema nervoso, seus gestos e tudo. Ele

conduz Maria Luíza como quer, anulando sua vontade e manipulando sua parte motora. Confesso que é um processo delicado e pouco comum, mas que ele consegue com muita propriedade.

— Estou toda arrepiada. D. Lucila — tornou Maria Luíza, emocionada. — Mas se isto é verdade, o que ele deseja de mim? Por que vem fazendo isso comigo? Eu não gosto, fico desorientada, nervosa e com medo.

— Sente-se mal nessas horas?

— Não. Pelo contrário, parece que enquanto está acontecendo fico serena. Tudo fica mais claro e o mundo parece-me mais belo e colorido, mas ao mesmo tempo temo enlouquecer. Quero escapar desse domínio e não tenho forças.

— É inútil lutar contra a força das coisas. O melhor será captá-las a seu favor.

— Como assim?

— Não sei por que ele escolheu você como instrumento pelo qual quer manifestar-se aos homens, mas fácil deduzir que se ele pode fazer isso, se ele consegue fazer isso com você, é porque você tem afinidade com ele.

— Por que tudo isso? Não vê que eu sofro?

— Fácil dizer isso olhando apenas o mundo material, mas o que ele quer é justamente mostrar-lhe as belezas da vida superior. Quer dar-lhe o sentimento sublime que o anima, quer ajudá-la a vencer seus problemas na vida.

— Não entendo, D. Lucila. Se eu sofro quando isso acontece?

— Esta noite, quando ele nos trouxe através de suas mãos a música sublime, acordou em nós sentimentos de beleza e de paz. Mas, acima de tudo, queria nos dizer que em nosso mundo tudo é efêmero e transitório. Que a vida não se acaba no túmulo, que ela continua em outras dimensões, onde mantemos nossa individualidade e continuamos a amar, sofrer e progredir. Minha filha, o que podem representar alguns anos de luta e sofrimento na Terra diante da grandeza da eternidade?

A voz comovida de Lucila calou-se e ninguém quis quebrar o silêncio por alguns instantes, cada um mergulhado em meditação. Por fim, Maria Luíza suspirou com certo alívio.

— Estou mais calma. Por que sinto medo?

— É natural. Você está imersa em forças que não consegue controlar, e isso provoca insegurança. Mas se estudar o assunto e aceitar sua sensibilidade, procurando discipliná-la, canalizando-a para forças superiores da vida, então verá que o medo dará lugar a uma fé esclarecida, a uma certeza absoluta da eternidade do espírito e da justiça de Deus, que a tornará forte para vencer todos seus problemas do dia a dia, por mais difíceis que possam ser. Não sentirá medo de nada, porque sabe que Deus está no leme de tudo, dando a cada um segundo suas obras.

— Como é bom ouvir essas coisas! Nunca ninguém me falou assim. Como lhe sou grata!

O PORQUÊ DA VIDA

Léon Denis

§10 à 15 (80)

Respondemos aos seus pensamentos, porém eles ignoram que somos nós que estamos falando. Sopramos ideias que, sem o nosso concurso, eles não poderiam conceber, embora lhes fossem inatas a disposição e a aptidão para recebê-las.

O homem digno de receber a luz torna-se deste modo um instrumento útil para o

Espírito simpático que a deseja comunicar.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual me pude aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti (*). Sem sua mediação, impossível seria entender-me contigo verbalmente, palpavelmente, ou mesmo por escrito. Recebes por este modo uma carta anônima da parte de um homem que não conheces, porém que alimenta em si grande tendência para as coisas ocultas e espirituais. Pousou sobre a fronte dele, da mesma forma que o mais divino de todos os Espíritos pousou sobre a fronte do mais divino de todos os homens, no ato do seu batismo; suscito ideias e ele as descreve sob a minha inspiração, sob a minha direção, por efeito de minha irradiação (**). Por ligeiros toques, faço vibrar as cordas de sua alma, de um modo conforme com a sua individualidade e com a minha. As minhas ideias tornam-se suas, e, assim, ele se considera ditoso em escrever o que eu desejo, sente-se mais livre, mais animado, mais rico de ideias, julga viver e pairar num elemento mais alegre e claro, anda como um amigo pela mão de outro amigo, e deste modo é que te foi dado receber uma carta minha. Quem a escreve se considera livre e realmente o é, pois nenhuma violência sofre, são como dois amigos que, de braço dado, se assistem reciprocamente.

Deves sentir que meu espírito se encontra em relação direta com o teu, concebes o que te digo e compreendes os meus mais íntimos pensamentos.

Basta por esta vez. O dia em que inspirei esta carta se chama, entre vós,
15 de setembro de 1798.

(*) Consiste nisso a mediunidade, conforme está perfeita- mente explicado em “O Livro dos Médiuns”.

(**) A ideia que é suscitada por um bom Espírito não pode ser má, porém, é mais fácil em nosso mundo que as inspirações venham de Espíritos inferiores, e por isso convém saber discernir o bem e o mal. O fim do Espiritismo é contribuir para o nosso aperfeiçoamento, e convém que não façamos dele um mau uso, para não nos tornarmos vítimas dos Espíritos inferiores. Lede “O Livro dos Médiuns”.

O PROBLEMA DO SER DO DESTINO E DA DOR

Léon Denis

Cap. XXI §17 (324)

É com os sentidos internos que o ser humano percebe os fatos e as verdades de ordem transcendental. Os sentidos físicos enganam, apenas distinguem a aparência das coisas e nada seriam sem o “sensório”, que agrupa, centraliza suas percepções e as transmite à alma; esta registra tudo e tira o efeito útil. Abaixo, porém, deste “sensório” superficial, há outro mais fundo, que distingue as regras e as coisas do mundo metafísico. É esse sentido profundo, desconhecido, inutilizado para a maior parte dos homens, que certos experimentadores designaram pelo nome de consciência subliminal.

A maior parte das grandes descobertas não foi na ordem física, mais do que a confirmação das ideias percebidas pela intuição ou sentido íntimo. Newton, por exemplo, havia muito tempo que concebera o pensamento da atração universal, quando a queda de uma maçã veio dar a seus sentidos materiais a demonstração objetiva.

Assim como existe um organismo e um “sensório” físicos, que nos põem em relação com os seres e as coisas do plano material, assim também há um sentido espiritual por meio do qual certos homens penetram desde já no domínio da vida invisível. Assim que, depois da morte, cair o véu da carne, esse sentido tornar-se-á o centro único de nossas percepções.

É na extensão e desenvolvimento crescente desse sentido espiritual que está a lei de

nossa evolução psíquica, a renovação do ser, o segredo de sua iluminação interior e progressiva. Por ele nos desapegamos do relativo e do ilusório, de todas as contingências materiais, para nos vincularmos cada vez mais ao imutável e absoluto.

Por isso a ciência experimental será sempre insuficiente, a despeito das vantagens que oferece e das conquistas que realiza, se não for completada pela intuição, por essa espécie de adivinhação interior que nos faz descobrir as verdades essenciais. Há uma maravilha que se avanta a todas as do exterior. Essa maravilha somos nós mesmos; é o espelho oculto no homem e que reflete todo o Universo. *

Aqueles que se absorvem no estudo exclusivo dos fenômenos, em busca das formas mutáveis e dos fatos exteriores, procuram, muitas vezes bem longe, essa certeza, esse "critério", que está neles. Deixam de escutar as vozes íntimas, de consultar as faculdades de entendimento que se desenvolvem e apuram no estudo silencioso e recolhido. É esta a razão por que as coisas do invisível, do impalpável, do divino, imperceptíveis para tantos sábios, são percebidas às vezes por ignorantes. O mais belo livro está em nós mesmos; o Infinito revela-se nele. Feliz daquele que nele pode ler!

Cap. XXI §68 (334)

A intuição não é, pois, as mais das vezes, senão uma das formas empregadas pelos habitantes do mundo invisível para nos transmitirem seus avisos, suas instruções. Outras vezes será a revelação da consciência profunda à consciência normal. No primeiro caso, pode ser considerada como inspiração.

Cap. XXI §107 (342)

Em vez de convidar por meio da evocação os Espíritos celestes a descerem para nós, aprenderemos assim a desprender-nos e subir para eles. São, contudo, necessárias certas precauções. O mundo invisível está povoado de entidades de todas as ordens e quem nele penetra deve possuir uma perfeição suficiente, ser inspirado por sentimentos bastante elevados para o porem a salvo de todas as sugestões do mal. Pelo menos, deve ter em suas pesquisas um guia seguro e esclarecido. É pelo progresso moral que se obtém a autoridade, a energia necessária para impor o devido respeito aos Espíritos levianos e atrasados, que pululam em roda de nós.

A plena posse de nós mesmos, o conhecimento profundo e tranquilo das leis eternas, preservam-nos dos perigos, dos laços, das ilusões do Além; proporcionam-nos os meios de examinar as forças em ação sobre o plano oculto.

O QUE É A MORTE

Carlos Imbassahy

Cap. XV C §44 (178)

A médium Elsa Baker transmite o que lhe disse o Espírito do juiz americano David Hatch (*Cartas de um morto sempre vivo*, 1928). Descreve aspectos da vida dos desencarnados. Conta, por exemplo, que em determinada zona há a "região dos modelos". O que será realizado no Mundo está ali pré-estabelecido.

Viu o Espírito ali vários objetos. As entidades já encarnam com fins determinados, devendo aplicar na existência terrena o que viram e aprenderam. Conseguem ainda os Espíritos inspirar aos homens imagens, artes, engrenagens, preceitos e leis que irão enriquecer o patrimônio artístico e científico da humanidade. ⁽¹⁹³⁾ ¹⁹⁴

Temos assim o fenômeno da inspiração, e pela comunicação justificam-se os surtos geniais.

(193) Vincenzo Coresi. "Homens e Meninos-Prodígios", pub. em *Estudos Psíquicos*. Lisboa. Julho de 1965.

(194) *Light*, 1925. Pág. 234

O SEMEADOR DE ESTRELAS

Suely Caldas Schubert

12 (104)

Assim, uma página ou um livro, mediúnico ou não, escritos com intenções edificantes ou com sentimentos de perturbação e de desequilíbrio, não somente expressarão e registrarão essas intenções, as emoções e vibrações correspondentes, como também atrairão para junto do autor aqueles Espíritos que se afinizam com a onda mental que o tipifica.

Mesmo não sendo um fenômeno mediúnico na acepção da palavra e ainda que o autor não seja médium ostensivo, sempre estará acompanhado por Entidades que têm interesse naquilo que escreve. São tais Entidades que o inspiram, seja para o lado negativo ou positivo.

Os escritores alegam, de maneira geral, que escrevem sob o influxo de uma força que parece brotar do mundo íntimo — denominada *inspiração* — de certa forma inexplicável para os que não têm conhecimento ou não aceitam a participação espiritual.

Não se trata aqui, porém, de afirmar-se que o escritor não tenha o mérito e a capacidade de ser o autor daquilo que escreve. O processo ocorre da seguinte forma: o escritor tem o seu cabedal intelectual, a aptidão literária, a bagagem de conhecimentos desta e de outras encarnações, e com todo esse acervo pessoal é que produz as suas obras literárias. Entretanto, a par disto, atrairá, por sintonia vibratória, aqueles Espíritos que se sentem afins com as ideias que estão sendo grafadas. Simultânea e naturalmente haverá uma identificação entre encarnado e desencarnados, ao passo que estes o inspiram e ajudam na estruturação das ideias e na ação de escrever.

A inspiração é assim, como um fluxo de ideias que acorrem à mente do escritor, de uma forma estuante, tão intensa e com tal força que parecem não caber dentro de si mesmas, extravasando, transbordando através do processo da escrita, que é, quase sempre, moroso demais em relação às criações mentais que se sucedem rápidas, velozes, e que, às vezes, lhe fogem, se não conseguir passá-las para o papel. Há, então, como que um estado febricitante de escrita, ao fim do qual o escritor se sente exaurido, mas, também exultante por ter realizado o processo de criação intelectual. É exatamente na eclosão dessas ideias que os Espíritos atuam, seja provocando-a, motivando-a, seja intensificando o fluxo dos pensamentos, das construções mentais.

O SER SUBCONSCIENTE

Gustave Geley

1ª Parte Cap. 1º II §54 (65)

EXEMPLOS DE ATIVIDADE SUBCONSCIENTE, SEJA NO ESTADO DE VIGÍLIA, SEJA NUM ESTADO INTERMEDIÁRIO ENTRE A VIGÍLIA E O SONO — O que costumamos designar por inspiração produz-se amiúde num estado de obnubilação da realidade consciente, de modo mais ou menos completo.

Diderot a todo momento esquecia as horas, os dias e os meses, chegando ao ponto de assim ficar em relação às pessoas com as quais mal começara a conversar.

Diz Théophile Gauthier, falando de *Balzac*: “Sua atitude era a de um extático, de um sonâmbulo que dorme com os olhos abertos; não escutava o que se lhe dizia, perdido que se achava num devaneio profundo.”

Hegel, em lena, terminou tranquilamente a Frenologia do Espírito, aos 4 de outubro de 1806, sem se aperceber sequer de que a batalha estrondeava em sua volta. (1)

Beethoven, estando em Neudstadt, completamente absorto na inspiração, saiu semivestido, tendo sido preso como vagabundo; ninguém admitiu que fosse ele Beethoven, não obstante seus gritos.

Schopenhauer diz de si próprio: “Meus postulados filosóficos produziram-se em minha casa, sem minha intervenção, em momentos nos quais minha vontade estava como que adormecida e meu espírito sem uma direção anteriormente prevista... Desse modo, minha pessoa era estranha à obra.”

Às vezes, a influência subconsciente é tão nítida que toma os ares de uma *influência exterior*. É precisamente isso o que *Musset* exprimia nestes versos:

Escuta-se, espera-se, não se trabalha,

Como um desconhecido que algo vos murmura. Nesse ponto de vista, são clássicos os exemplos de *Sócrates*, de *Pascal* e de *Mozart*.

A INFLUÊNCIA SUBCONSCIENTE NO ESTADO DE VIGÍLIA é difícil de ser diferenciada do trabalho consciente e voluntário.

No entanto, poder-se-ia encontrá-la nos casos de artistas ou de escritores que só conseguem compor uma obra com prolongadas interrupções, abandonando-a em presença de uma séria dificuldade e retomando-a, mais tarde, com ligeireza.

Entre os exemplos ilustrativos deste último caso, o Dr. Chabaneix cita *Renan*, *Broca*, *Goethe* — que abandonou e retomou o Fausto após longos anos de intervalo.

Finalmente, a influência subconsciente evidencia-se na observação de geniais manifestações nas crianças (*Pascal*, *Mozart*, etc.).

Como se vê, a atividade psíquica latente apresenta importância capital, mesmo na psicologia normal. Desde então, o “eu” aparece-nos como extremamente complexo e difícil de analisar. Conhecer tudo o que constitui a consciência é, já por si só, muito complicado; outrossim, saber tudo o que, na síntese psíquica, escapa a essa consciência implica um novo e formidável problema. Desde então, verificamos que aquilo que é designado sob o nome de subconsciente compreende *elementos de naturezas diversas*, ainda que possuindo em comum a característica de se furtarem, em sua maior parte, ao conhecimento e à vontade diretos.

Dentre esses elementos, alguns, como é o caso dos que se revelam nos sonhos comuns, parecem de natureza pronunciadamente inferior. Outros, como os que se manifestam na inspiração genial, são de natureza muito superior aos fenômenos

conscientes normais.

Há, portanto, razões suficientes para nos perguntarmos se, simplesmente, não nos confundimos, tomando por *automatismo psicológico ou subconsciente manifestações de origem e essência diferentes*; podemos ainda perguntar-nos se não é necessário distinguir, ao menos, duas categorias de fenômenos subconscientes: *os de ordem inferior, dependentes do automatismo cerebral, e os de ordem superior, ainda inexplicados*.

(1) *Conhecem-se casos análogos de Arquimedes, Ampère, etc., narrados com muita frequência.*

OS ESPÍRITOS, A MÚSICA CELESTE E A MÚSICA TERRENA

Geziel Andrade

3ª Parte Cap. I item 18 (172)

Explicações Espíritas para as Inspirações, ideias e influências ocultas recebidas por Heitor Villa Lobos

A Doutrina Espírita, sem jamais menosprezar os trabalhos, os esforços, as lutas, os impulsos criativos, os méritos, as habilidades e os talentos dos gênios que produziram grandes obras artísticas ou musicais, afirma que as inspirações a que estavam sujeitos e as ideias inéditas que os beneficiaram provinham dos bons Espíritos que também eram amantes da arte musical e que se preocupavam em promover a evolução da música terrena.

A Doutrina Espírita atribui aos chamados Anjos Guardiões e Espíritos protetores a fonte das influências nobres, das ideias inéditas e das inspirações grandiosas que foram oferecidas aos gênios das artes, por sintonia e afinidades espirituais. Os compositores terrenos estavam sintonizados mentalmente com os músicos do Além, que eram atraídos pelas afinidades de propósitos. Assim, havia entre eles uma perfeita comunhão de pensamentos. As mentes dos músicos encarnados e desencarnados estavam sintonizadas, interagem entre si, permutavam ideias e trocavam experiências valiosas, permitindo a materialização de fragmentos da arte musical que existe no Mundo Espiritual.

Evidentemente, no cumprimento da missão, quando encarnados, os compositores terrenos revelaram também as suas capacidades e habilidades, bem como os seus conhecimentos, recursos criativos e esforços persistentes, conquistando méritos e glória.

Assim, conseguiram realizar, com mestria e grandiosidade, as obras maravilhosas que emocionaram os homens e que revolucionaram e aprimoraram as atividades nos campos das artes e da música.

A Lição de Allan Kardec

Em função dessas realidades, Allan Kardec estabeleceu, em O Livro dos Médiuns. Segunda Parte. Capítulo XVI as seguintes definições para os médiuns musicais e inspirados:

"Médiuns Musicais: Os que executam, compõem ou escrevem músicas sob a influência dos Espíritos, podendo ser mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados".

"Médiuns Inspirados: Os que recebem os pensamentos sugeridos pelos Espíritos,

na maioria das vezes sem o saberem, seja para as atitudes ordinárias da vida ou para os grandes trabalhos intelectuais".

Portanto, para a Doutrina Espírita, muitos artistas são médiuns intuitivos ou inspirados sem o saberem ou sem o perceberem.

Não existem. Músicos Privilegiados ou Favorecidos pela sorte

Portanto, as inspirações, ideias e criações mentais inusitadas, de que alguns músicos são alvo, não surgem do nada, ao acaso, e nem se constituem em um ato de sorte, privilégio ou benefício injusto.

Na realidade, todos os homens estão sujeitos às influências, inspirações e ideias ocultas dos bons Espíritos, de acordo com os seus méritos, esforços, necessidades e capacidades.

Neste particular, os homens de gênio, notadamente os que atuam nos campos da música, experimentam o afloramento de certas inspirações grandiosas e ideias belas, colaborações valiosas dos bons Espíritos que atraíram por afinidades, e com os quais mantêm sintonia mental

por identidade nos propósitos. Porém, dificilmente eles conseguem explicar como surgiram valiosas inspirações, ideias e contribuições mentais.

Por vezes, essas inspirações, intuições e ideias são tão inovadoras, que promovem uma revolução em muitos campos da vida terrena.

Foi assim que os gênios das artes promoveram inúmeras revoluções nas formas tradicionais de criação e de composição. Geralmente, eles tinham uma importante missão terrena a cumprir, escolhida antes da reencarnação, e contaram não só com suas habilidades e experiências acumuladas ao longo de sua jornada evolutiva, mas também com as influências, ideias e inspirações dos bons Espíritos.

As evidências obtidas, com o Estudo do caso Villa-Lobos

≠

No caso específico do notável músico, maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, os depoimentos acima apresentados evidenciaram, de uma forma muito nítida, as fortes influências, inspirações e ideias a que o artista esteve sujeito. Sem a menor dúvida, os bons Espíritos colaboraram, de uma forma oculta, para que o seu Espírito cumprisse, com sucesso, a monumental missão que veio desempenhar no campo da música terrena.

Desse modo, o Espiritismo lança uma luz brilhante e torna clara e lógica, a fonte oculta das inspirações e ideias superiores que nortearam os grandiosos trabalhos musicais realizados pelo extraordinário, respeitado e admirado Heitor Villa-Lobos.

OS EXILADOS DE CAPELA

Edgard Armond

(12)

Esta não é obra de erudição, ou de ciência, que se apoie em documentos ou testemunhos oficialmente aceitos e de fácil consulta.

É um simples ensaio de reconstituição histórico-espiritual do mundo, realizado com auxílio da inspiração¹⁾.

Nada, pois, de estranhável, que se lhe dê valor relativo em atenção a algumas fontes de consulta recorridas, dentre as quais se destacam:

“A Gênese”, de Moisés “A Gênese”, de Kardek “A Caminho da Luz”, de Emmanuel

(1) **Inspiração** — Fenômeno psíquico segundo o qual idéias e pensamentos são emitidos e recebidos telepaticamente.

OS FUNERAIS DA SANTA SÉ

América Delgado

Prefácio §1 (25)

Eu sei que encontrarás inúmeros deslizes,
ao ler o que aqui vai escrito, mas, perdoa.

Amigo! A inspiração é pássaro que voa
tão alto, que nem vê a grima dos juízes.

Cap. XI §6 (146)

Então, ouvindo a voz dessa visão que desce do Céu, a nossa alma apiedada esquece os tropeços quaisquer, que surjam por acaso e vai levar consolo ao triste e nem faz caso das pedras que semeiam rude caminhada, até que chega, enfim, ao termo da jornada. Depois de haver o pobre enfermo aliviado, após haver cumprido esse dever sagrado, sentimos um prazer indefinido e, então, numa onda de luz nos vem a inspiração enorme de esplendor, nitente, a palpitar, tão grande que é capaz de a ideia dilatar!

Cap. XI §28 (150)

Se queres receber do Céu diretamente
a mansa inspiração, amena e viridente
entrega-te ao labor e deixa, pobre filho,
que a tua ideia vá, no luminoso trilho,
subindo como sobem aves pequeninas,
talvez a procurar paragens mais divinas. . .

PARAPSIKOLOGIA: DA BRUXARIA À CIÊNCIA

Moacir Costa de Araújo Lima

9.3 (112)

9.3. O ritmo alfa e as grandes descobertas

Quantas descobertas científicas saltaram “de estalo” quando o descobridor estava em relax e, conseqüentemente, ao mínimo em alfa?

Vamos a exemplos.

Arquimedes, o gênio de Siracusa. havia recebido do rei Hiero a tarefa de verificar Se em sua coroa havia ouro puro, conforme a peça que entregara ao artesão, ou se este havia misturado prata ao ouro recebido.

Preocupado com a solução do problema, quando estava tomando um banho de

imersão, portanto numa situação de relax, veio-lhe, de repente. a solução à cabeça, o que o fez sair da banheira exclamando exultante: *Eureka, eureka*, em grego: eu encontrei.

Newton era um homem tão calmo como distraído. Uma ocasião, esperado para um jantar que reunia importantes homens de finanças, entrou em seu quarto para mudar de roupa. Vendo o pijama pendurado atrás da porta, vestiu-o e deitou-se para dormir, esquecendo-se completamente do jantar.

Noutra ocasião, pretendendo marcar o tempo de fritura de um ovo, colocou o relógio na frigideira com banha quente, enquanto olhava para o ovo que segurava com uma das mãos.

Este pensador, que escreveu o primeiro enunciado científico da história da humanidade, ao dizer na Lei da Gravitação Universal: “Na natureza tudo se passa “como se” . . liberando a pesquisa científica da especulação filosófica e abrindo caminho para o surgimento de todas as ciências do comportamento, desde a psicologia até a cibernética, era também um “desligado”. Desligado do ruído cotidiano, mas ligado, por sua tranquilidade, à consciência cósmica.

A história da observação das maçãs, sobre a qual existem pontos nebulosos, mostra Newton estabelecendo a Lei da Gravitação Universal a partir da observação da queda das maçãs na quietude de um pomar, serve para mostrar que a tranquilidade é parceira dos grandes descobrimentos que a mente realiza em estado alfa.

Thomas Edison, um dos maiores, senão o maior de todos os inventores, que patenteou cerca de mil inventos, não dormia, em média, mais de três horas por noite. Em situação normal, seria um homem estressado e doente e não um grande inventor.

Colocava à noite, no laboratório, uma bengala sobre os joelhos e ia-se desligando. Ao adormecer, com o movimento da cabeça e a queda da bengala, despertava. Estava treinado para que isso não lhe causasse sobressaltos. Assim, acordando em estado alfa, tinha na mente praticamente todo o esquema do invento que buscava.

Perseverante como poucos, mais perseverante do que dotado, é dele a frase tão oportuna numa época em que, por se buscar a realização pelos caminhos mais fáceis, tantas pessoas são presa fácil de tantos charlatães. que em todos os terrenos ensinam a vencer sem esforço:

— O gênio é um por cento de inspiração e 99 por cento de transpiração.

De Einstein, todos conhecem a distração e o gênio.

Uma ocasião, por volta do meio-dia, saindo do laboratório para almoçar, encontrou um aluno no corredor. Depois de conversar com ele por algum tempo, perguntou-lhe:

— Eu vinha no sentido do refeitório ou dele para o laboratório?

Como o aluno lhe respondesse que parecia que o mestre vinha do refeitório, Einstein concluiu que então já tinha almoçado.

Temos de reconhecer que estes homens “estão noutra”. Com um cérebro operando num ritmo capaz de dar a paz que acelera a percepção da verdade, põem suas mentes a vibrar num ritmo tal que em vez. de perceberem mais motivos de preocupações e angústias, sintonizam com as grandes verdades universais.

A verdadeira yoga — não aquela que oscila entre demonstrações circenses e táticas de emagrecimento, se possível sem esforço nem regime — que propõe uma filosofia espiritualista, da mesma forma que a teosofia, o esoterismo e o sistema Rosacruz ensina a seus neófitos as técnicas de meditação. E através delas que o ser humano consegue atingir mais amplos estados de consciência e utilizar a favor de seu desenvolvimento suas potencialidades mentais.

PASSES APRENDENDO COM OS ESPÍRITOS

Projeto Manuel Philomeno de Miranda

3º Ex. §3 (20)

3º EXEMPLO: *Nas Fronteiras da Loucura*, 1. ed., LEAL, Capítulo 25, p. 184:

O atendimento é para Julinda, jovem mulher obsidiana internada em hospital psiquiátrico. O Espírito Bezerra de Menezes interessou-se pelo caso atraído pela prece que a mãe da jovem, aflita, envia aos céus. Católica, D. Angélica ouve falar do “médico dos pobres” e clama por sua intercessão. Bezerra, sensibilizado ante a veemência daquela invocação, ocorre em atitude de ajuda; inteira-se das dificuldades da enferma, atende-a com passes e providencia a desobsessão na Casa Espírita onde exercia o ministério da caridade a Auxiliar de Enfermagem Rosângela que, no hospital, se transformara em benfeitora devotada de Ester.

Estamos em reunião mediúnica. O Espírito agressor - Ricardo - incorporado num médium equilibrado está sendo atendido. O diálogo já ia adiantado quando o comunicante encolerizou-se e quis agredir o doutrinador, acionando o médium. Depois da tentativa não consumada, o doutrinador, inspirado pelo Espírito Bezerra de Menezes, decide interromper o diálogo, que fora programado tão-somente para que se desse o choque anímico. ponto de partida do programa socorrista estabelecido.

Compreendendo que mais nada poderia ser feito naquela conjuntura e inspirado por Doutor Bezerra que acompanhava a tarefa sob controle, passou a aplicar passes no médium, enquanto o mentor desprendia Ricardo, que se liberou, partindo na direção de Julinda, sob a força da imantação demorada a que se fixara, não se dando conta de como sequer retornava.

*

Em doutrinação, a inspiração é tudo. A percepção de que o atendimento não deveria se estender, naquele caso, foi essencial. Primeiro, porque não se perdeu tempo com diálogo prolongado e improdutivo e, segundo, porque se poupou o médium de desgaste desnecessário. Como o Espírito expressou mentalmente o desejo de agredir o doutrinador, o médium, educado que era, envolveu-o em energias mentais de controle, facilitando ao terapeuta, de pronto, tomar as providências que lhe cabiam.

Em muitos desses casos, quando os encarregados do esclarecimento, por inexperiência, deixam de tomar as iniciativas necessárias para interromper a comunicação, os mentores espirituais o fazem, deixando-os surpresos por não compreenderem o ocorrido.

Convém destacar um fato: interrompido o transe, o Espírito agressor volta à sua hospedeira e vítima atraído por vigorosos laços magnéticos que o atavam a ela. E o início da terapia. Mais adiante esse caminho para a vítima lhe é interdito ou desvanece-se naturalmente pela diluição dos sentimentos de ódio, dando ensejo a outras providências terapêuticas mais efetivas.

PÉROLAS DO ALÉM

Francisco Cândido Xavier

(125)

INSPIRAÇÕES

As inspirações e os desígnios do Mestre permanecem à volta de nossa alma, sugerindo modificações úteis, Induzindo-nos à legítima compreensão da vida, iluminando rios através da consciência superior, entretanto, está em nós abrir-lhes ou não a porta interna.

(34 - Vinha de Luz)

PSICOLOGIA ESPÍRITA Vol. I

Jorge Andréa dos Santos

(25)

Quando uma determinada informação espiritual é captada pelo médium, o foi inicialmente nos campos perispirituais que fazem parte da zona do inconsciente e que, por motivos compreensíveis, é transferida para a zona que dará conhecimento da mensagem. Quando o superconsciente é a zona atingida, o médium terá a informação da essência do fenômeno sem os detalhes da organização das frases, na elaboração de uma determinada mensagem como acontece com a zona consciente.

Pela zona consciente teríamos a mensagem detalhada, com aspecto literário típico da fonte de origem, informando o conteúdo e sua finalidade. Pela zona superconsciente teríamos a essência desse fenômeno sem a presença das letras e respectiva construção das frases. O médium teria que traduzir, intelectualmente, ao seu modo, a “ideia volumétrica” que caracterizaria o fenômeno no campo superconsciente. Por isso, grande número de inspirações estariam nesta faixa; seriam ideias despontando “internamente”, embora sendo mensagem de emissão externa. Muitas das criações inspirativas, anotadas por alguns indivíduos, não representam senão percepções superconscientes de fontes externas desconhecidas pelos receptores. A percepção sendo “interna”, a zona consciente fica isolada na avaliação da fenomenologia. Algumas criações da Humanidade, de caráter construtivo, onde se encontram descobertas científicas, realizações artísticas e pensamentos filosóficos de escol, estariam nas percepções superconscientes, embora classificadas como criação inspirativa individual. Quando a fenomenologia atinge a zona consciente sofre logo o processo de análise e avaliação, porquanto esta região será a única que poderá dar, intelectivamente, a certeza da origem dos pensamentos, se pertencentes ao indivíduo ou se mensagem externa de caráter espiritual.

Por estarmos cercados de vibrações espirituais de todos os moldes e natureza, é bem fácil compreender que grande parte de capacitados da faixa mediúnica participem das informações por entrosagem dos campos emissores e receptores. No dizer de André Luiz: “houve o encontro da vontade-apelo com a vontade-resposta”. Cremos que a vontade-apelo, representando a mensagem espiritual, pode chegar até aos campos da consciência e manifestar um determinado conteúdo de ideias, quando as vibrações perispirituais do próprio médium com as células de seu organismo físico estão como que bem imantadas e acopladas. Quando as vibrações perispirituais nos núcleos das células físicas do próprio sensitivo estão mais rarefeitas e pouco marcantes, teríamos mais o tipo de mediunidade da faixa superconsciente, isto é, a denominada mediunidade inspirativa, onde desaparece a avaliação do detalhe analítico com exaltação da essência de uma determinada ideia.

Some-se a tudo isso, a existência de fenômenos de criatividade do próprio indivíduo, portanto fenômenos anímicos, que não devem ser confundidos com certas “criações mentais” por serem influências de campos espirituais externos, cuja mecânica deve obedecer à mediunidade de tipo captativo. Divergindo esta variedade de uma mediunidade mais ostensiva, autenticamente receptiva, quando os campos da zona consciente entram em ação, predominando integralmente a mecânica fenomênica. O teor e afinidade desses campos serão diretamente proporcionais ao interesse, sensibilidade e tendências de cada um. Quanto mais evoluído e “interessado” o ser, as informações (intuições, criações e mensagens mediúnicas) serão sempre mais substanciais e preciosas; quanto menos evoluído, “desinteressado” e com pouca sensibilidade, as informações serão destituídas de conteúdo e finalidade mais expressiva.

Apesar de tudo isso, os limites dos fenômenos conscientes e superconscientes são de difícil avaliação. Não sabemos onde termina um e começa o outro. A verdade é que eles se acham constantemente combinados no aproveitamento dos campos perceptivos da mente. Seria o mesmo fenômeno com tonalidade e colorido diferentes. O consciente é mais conhecido (campo de nossa vivência comum) do que o superconsciente, e este campo, por ser mais novo, de degrau mais avançado, representa o despertar de um novo aspecto de psiquismo pela evolução. Em outros termos: o avanço do psiquismo humano será traduzido pelo deslocamento do campo consciente no sentido das afirmações superconscientes. Este será o novo degrau que a evolução está oferecendo ao homem dos nossos dias, onde os fenômenos mediúnicos terão mais facilidade de afirmação e melhor aproveitamento. Daria a ideia de que o fenômeno parapsicológico se fosse deslocando para a área psicológica. É como se a zona consciente começasse a entender o superconsciente e a fenomenologia se evidenciasse de modo marcante e sem contestações. Seria uma verdade incontestada, a ponto da mecânica fenomênica superconsciente fazer parte do rotineiro e habitual que caracterizam muitos fatos psicológicos.

Com isso, a evolução está a buscar, num novo ciclo, um novo tipo de consciência, onde os fenômenos mediúnicos intuitivos seriam um autêntico auxiliar nos trabalhos da própria humanidade.

PSIQUISMO: FONTE DA VIDA

Jorge Andréa dos Santos

Cap. 1 C (14)

A FUNÇÃO DO SUPERCONSCIENTE

O superconsciente possuiria a propriedade não de analisar os fenômenos para depois colocá-los nos devidos lugares, e sim, de senti-los diretamente numa total e definitiva percepção. De modo que podemos considerar as suas respectivas zonas interligadas a tal ponto, que o resultado final, a conclusão de seu trabalho, só se daria após participação de todos os componentes; haveria uma verdadeira velocidade na conclusão dos processos psíquicos. E às expensas do superconsciente que os evoluídos, isto é, os gênios, cientistas notáveis, artistas autênticos e justos, conseguem apreender das correntes psíquicas superiores, nos grandes arremessos de pensamento, o material necessário, que lhes vem sob forma de inspiração, na composição de seus notáveis trabalhos.

RAIO X DO LIVRO ESPÍRITA

Eurípedes Kühl

1 §2 (19)

Escrever um livro não é tarefa simples.

Tratando-se de livro espírita, psicografado ou de autoria de encarnado, além da *especialidade* literária, em si, a questão espiritual impõe-se. Médiun ou escritor, precisam vivenciar atitudes dignas, de forma a atraírem a aproximação dos bons Espíritos, que no primeiro caso (psicografia) encontrarão trânsito fácil para o ditado mente a mente, e no segundo (lavra própria), a possibilidade de cooperar, via inspiração.

REGIÃO EM LITÍGIO

Robert Dale Owen

CAPÍTULO III (188)

A inspiração

Quando a palavra, o pensamento e os sentidos não vibram em nós, soa o solene momento de ouvirmos de Deus a voz — (LONGFELLOW.)

Nem na história, nem na tradição, se encontra a menor insinuação de que as religiões foram criadas pelo raciocínio; ao contrário, toda a história e tradição afirmam que elas vieram ao mundo pela revelação. O estado da religião nas primitivas eras de que temos conhecimento, faz supor e insinua que foi essa a sua origem no seio da humanidade. — (BUTLER) (51)

A inspiração, como os prodígios e milagres dos Evangelhos e os dons espirituais exaltados por S. Paulo, têm sido usualmente estudados com pouco critério. Seus apologistas lhes têm feito mais mal que os adversários. O espírito racionalista da nossa época mostra-se disposto a rejeitá-lo, apresentando como principal motivo a extravagância e o caráter exclusivo das pretensões interessadas dos teólogos a tal respeito.

A ortodoxia protestante proclama que isso foi um dom excepcional e miraculoso, concedido ao homem, apenas durante o primeiro século e unicamente ao Autor da religião e a mais oito, isto é, aos quatro Evangelistas e a S. Paulo, S. Jaques, S. Pedro e S. Judas; ao passo que a ortodoxia católico-romana afirma que esse dom miraculoso de Deus tem sido concedido durante esses dezoito séculos, mas, nos dezessete últimos, só a uma jurisdição eclesiástica: — a Santa Igreja Católica.

Ambas as ortodoxias, apesar de diferirem em muitos pontos, são concordes em afirmar que a inspiração é dom direto de Deus, a fonte da pura e infalível verdade.

Embaraçada por essas pretensões tão antifilosóficas não devemos nos admirar de ver a inspiração rejeitada como mentira, por muitos dos espíritos mais eminentes e pensadores da nossa época. Quando a ciência reconhecer plenamente a existência como parte do plano cósmico, dos fenômenos extramundanos, como admite a dos mundanos, o crescente ceticismo se dissipará.

Antes disso, porém, cumpre-nos abandonar a definição ortodoxa da inspiração, adotando uma outra que mais se conforme com o espírito esclarecido do tempo; alguma coisa, talvez, neste sentido. Ela é um fenômeno mental ou psíquico, restritamente obedecendo a lei; ocasional, mas não excepcional ou exclusiva, apresentando, às vezes, um caráter espiritual e extramundano, é certo, mas nunca miraculoso; fornecendo frequentemente ao homem valiosos conhecimentos, mas nunca ensinamentos infalíveis; sendo

um dos doas mais preciosos por Deus concedido às suas criaturas; mas, em caso algum, podendo ser considerado como mensagem *direta* de Deus, mensagem que deva ser aceita sem discussão, pela razão e pela consciência, como a verdade divina expurgada dos erros humanos.

A isso podemos acrescentar, conformando-nos com as vistas do bispo Butler, que a inspiração não é a fonte de uma só religião, mas, de um modo mais ou menos puro, de todas as religiões antigas ou modernas, que têm dominado as grandes frações da humanidade.

A proporção do bem e da verdade que se nota, em cada sistema de fé religiosa, é relativa ao grau de pureza da fonte donde cada uma emanou e, mesmo, aparece, em certos limites, como a ciência moderna reconhece nos credos mais toscos. Por isso diz Sowell:

Das crenças todas nas leis
Que hão regido a humanidade,
Sempre germes achareis
De justiça e de bondade.”

Entre os que adotam esta clara definição da inspiração, considerando-a como uma potência universal, há duas opiniões diferentes quanto à sua origem: certos racionalistas (incluindo muitos dos cultores do magnetismo vital, descobrem-na em uma condição especial da alma; ao passo que outros lhe buscam a fonte em alguma inteligência oculta, estranha ao indivíduo e obrando sobre ele.

Estou convencido que ambas as teorias contêm verdades. A inspiração é um fenômeno às vezes puramente psíquico, da classe da clarividência e pertencendo ao ramo da Ciência Mental (52), e, outras vezes, produzido por influências do outro mundo e pertencendo ao domínio do Espiritismo.

Entre os antigos filósofos, alguns houve que, mais ou menos distintamente notaram a sua existência, uns de uma certa forma, outros de outra. O espaço, porém, só me permite apresentar alguns espécimens. O mais importante exemplo nos vem de um homem justamente considerado como pai da Filosofia Moral.

Relativamente a inspiração, Sócrates, não menos que Platão, adotava a teoria espírita.

Entre os célebres Diálogos de Platão, há um em que os interlocutores são Sócrates e Ion, declamador e poeta ateniense, que tinha por hábito introduzir em seus discursos belas e abundantes citações de Homero. Aludindo ao grande sucesso que tais citações tinham obtido, e dado o fato de ter ele baqueado em seus esforços quando fazia citações de outros poetas, Ion pediu a Sócrates uma explicação. E Sócrates lhe respondeu: “Digo-vos, oh! Ion, qual me parece ser a causa dessa desigualdade de poderes. E’ que vós não empregais artifício algum para fazer tais citações, mas o efeito obtido provém de uma influência divina que vos move, semelhante àquela que reside na pedra que Eurípedes chama magnética . ”

Depois, para mais esclarecer, acrescenta: “ Os autores desses grandes poemas que admiramos, não alcançaram a preeminência pela arte com que eram arranjadas as belas melodias dos seus versos, mas porque os recitavam num estado de inspiração, sob o domínio de um espírito que não era o deles.”

“ Dizei-me, pergunta a Ion, sem dissimulação: Quando declamais bem e arrebatais o vosso auditório admirado, celebrando a volta de Ulisses ao seu palácio, fazendo conhecer

aos pretendentes a mão de sua mulher e lançando flechas a seus pés; ou explicando o ataque de Aquiles contra Heitor, expondo as passagens relativas a Andrômaca, a Hécuba e a Príamo, vos sentis na posse de vós mesmo? Não pareceis estar arrebatado e cheio do entusiasmo pela lembrança que esses fatos despertam, fazendo-vos imaginar que estais em Itaca, em Troia, ou onde quer que vos leve o poema que recitais?”

Ion lhe respondeu: “Falastes sabiamente, Sócrates.”

Então o sábio lhe dá a seguinte explicação: “Vós, oh! Ion, sois influenciado pelo Espírito de Homero. Se recitais as obras de algum outro poeta, o fareis sem fogo e vossas palavras se perdem; mas, quando ouvis alguma das composições daquele, vossos pensamentos são excitados e vos tornais eloquente... Isso explica vossa pergunta sobre o fato de Homero e nenhum outro poeta vos inspirar com eloquência, e quer dizer que se não tendes primazia pela ciência tendê-la pela divina inspiração.”

A expressão atribuída a Sócrates por Platão: “Sois influenciado por Homero” — é mui notável e implica a doutrina cardeal do Espiritismo.

Para adotar essa explicação, o filósofo tem a melhor de todas as razões: a sua própria experiência. Falemos do:

GÊNIO OU DEMÔNIO DE SÓCRATES

Sobre as particularidades relativas ao conhecido Espírito Protetor ou Demônio (*Diamonion*) de Sócrates, recorremos a mesma eminente autoridade, por cujo intermédio a maioria das opiniões emitidas verbalmente e não por escrito, do filósofo mártir, vieram ter a nós.

Apesar de se encontrar alusão noutros pontos dos escritos de Platão, a notícia mais direta e segura dessa voz espiritual e de seus conselhos se encontra na *Apologia* escrita logo após a morte de Sócrates. Nessa obra, a única recordação rigorosamente autêntica que possuímos da defesa daquele filósofo diante de seus juízes, — Platão, que se achava presente a essa prova, deve merecer toda confiança quando reproduz fielmente as palavras e argumentos do seu amado mestre naquela memorável ocasião.

Entre as acusações feitas a Sócrates, achava-se compreendida a sua pretensão de comunicar com um Espírito familiar. Referindo-se a isso e aludindo ao fato de haver ele ensinado que as orações deviam ser feitas no íntimo e não nas assembleias populares, Sócrates diz aos seus juízes: “Frequentemente, e em muitos lugares, tendes ouvido dizer que sou guiado por uma certa influência divina e espiritual; e é a isso que Mélitus, por zombaria, se refere em sua denúncia. Essa influência começou na minha infância, qual espécie de voz que, quando a ouço, me distrai do que estou -fazendo, mas nunca me irrita. Foi ela quem se opôs a que me envolvesse na política.” Outra alusão ao mesmo objeto, ainda mais solene, feita na imediata previsão de morrer, visto que a maioria dos juízes já o tinham condenado, é a seguinte:

Comigo, oh! juízes, dá-se uma cousa estranha. A voz profética do meu divino protetor costuma, em todas as ocasiões, mesmo tratando-se de cousas banais, opor-se a que eu cometa uma injustiça. Agora, porém, que me sucedeu o que estais vendo, uma cousa que vós supondes o maior dos males, nada me avisou de que Deus se opunha a que eu saísse de casa esta manhã, nem que me dirigisse a vós; contudo, fui frequentemente refreado no meio do meu discurso. Qual supondes ser a causa disso? ... O que me sucedeu não é efeito do acaso e é claro que, morrer agora e ficar livre de meus cuidados, é para mim muito melhor. Neste caso, o aviso de modo algum podia desviar-me do meu fim.” (53)

A sinceridade do filósofo quando tal disse, não pode racionalmente ser posta em dúvida. E' preciso ser um céptico teimoso e insensato para acreditar que um homem como

Sócrates, já prestes a morrer por não querer resgatar a vida pela desistência de um ensino que sentia bom e justo, se afastasse nesse momento da rigorosa verdade. Poderemos rejeitar esse testemunho?

O mais sincero dos modernos historiadores da filosofia admite o que disse Sócrates como prova concludente (54). Lewis, que ninguém por certo acusará de superstição ou credulidade, em sua História da Filosofia aludindo a crença de Sócrates em ser, de tempos a tempos aconselhado por uma voz divina, diz: “Isto é uma explícita afirmação e, com certeza, num país cristão onde abundam exemplos de pessoas que acreditam nas sugestões espirituais, não haverá dificuldade de crer em tal afirmação.” (55)

Não podemos saber até que ponto Sócrates devia ao seu Espírito Protetor as ideias sobre a imortalidade e a vida futura, nem mesmo é provável que ele o pudesse determinar. Sócrates parece ter considerado essa influência antes como conselheira que mentora. Contudo, parece-nos estranho que, há vinte e três séculos, ele tivesse, sem auxílio, chegado ao conhecimento de verdades que com tanta dificuldade hoje vamos reconhecendo. Adicionemos o seguinte exemplo:

“Quando é que a alma chega a obter a verdade? Quando busca investigar alguma coisa ao longe, estando presa ao corpo, é claro que este a desencaminha... A alma raciocina com mais eficácia sem o embaraço dos sentidos corporais, quando não ouve, não vê nem sente qualquer dor ou prazer. Sem esse embaraço, ela concentra-se o mais possível e aspira o conhecimento do real, buscando separar-se do corpo e abstendo-se, tanto quanto possível, de toda união e participação com ele.” (56)

Aí vemos o germe da ideia da inspiração. Cícero, mais tarde, estendeu-se no assunto. A seguinte notável passagem, literalmente traduzida, é das suas *Questões Tusculanas*:

“Que fazemos nós quando' subtraímos nossa alma á ação dos gozos corporais, das relações comuns que os produzem, dos deveres públicos ou de qualquer outra preocupação — que mais fazemos, digo eu, senão concentrar nossa alma em si mesma e afastá-la o mais possível da ação do corpo? Mas, separar a alma do corpo será coisa diversa da morte? Por isso, acreditai-me, quando tomamos a peito subtrair-nos á ação de nosso corpo, vamo-nos acostumando a morrer. Enquanto estamos na terra, nada mais fazemos que nos preparar para a vida celestial; e quando, afinal, nos desprendermos dos laços terrenos, o libertamento da alma será mais fácil.” (57)

Esse *acostumar-se a morrer* tem alguma coisa de fantástico; mas essa expressão é, de algum modo, justificada pelos fenômenos do Magnetismo Animal. Quando o sonambulismo artificial se afunda até o ponto que os franceses chamam o *êxtase*, que não é mais que o transe profundo, os laços que prendem a alma ao corpo são gradualmente afrouxados e no paciente se manifesta, às vezes, um forte desejo de escapar-se da terra para um mundo mais belo. Se, pela inexperiência ou descuido do operador, o sono sonambúlico prolongar-se muito, a morte provavelmente virá. Eu soube, em Paris, que muitos casos destes se têm dado, mas os nomes dos agentes e percipientes, como é natural, são conservados em segredo.

O exemplo de um sonâmbulo que esteve prestes a escapar-se, foi relatado por um magnetizador francês, autor de uma obra curiosa sobre *Os segredos da vida futura*. Tinha ele à sua disposição dois sonâmbulos lúcidos: um jovem chamado Bruno, e uma mulher, Adélia, de humilde condição, mas não médium de profissão. Não recebia paga pelo exercício da faculdade que manifestara desde a infância.

Uma vez, ele magnetizou simultaneamente os dois, desejando comparar impressões e satisfazer dúvidas acerca do perigo inerente ao estado do *êxtase prolongado*. Colocou Bruno em relação magnética com Adélia, ordenando-lhe que observasse o que era feito

dela. Entregue a esse trabalho por algum tempo, Bruno de repente exclamou: “Perdi-a de vista; despertai-a; é tempo.” Assustado, o magnetizador fixou a atenção sobre Adélia, a quem tinha abandonado a si mesma por espaço de um quarto de hora.

Eis o que ele próprio diz: “Neste pequeno lapso de tempo, seu corpo tinha adquirido quase a frieza do gelo; a pulsação e a respiração eram insensíveis; a face ficou lívida, os lábios ’ azulados, o coração não dava sinal de vida. Um espelho que aproximei de seus lábios conservou-se limpo. Magnetizei-a com maior força, esperando reanimá-la, mas nada consegui durante cinco minutos. Bruno e várias pessoas que assistiam à sessão, concorriam, pelo terror que os dominava, para o meu desnorreamento. Por um momento julguei tudo acabado e que a alma da sonâmbula havia realmente abandonado o corpo. Pedi que todos os presentes passassem a sala imediata, a fim de ver se assim recuperava a minha energia, mas a esperança própria me fugia e eu me sentia impotente. Concentrando-me, então, pedi a Deus não consentisse que aquela alma, vítima, das minhas dúvidas, se passasse para o outro mundo. Depois de curto período de angústias, ouvi Adélia com voz muito fraca, dizer: “ Por que me chamastes? Tudo estava acabado, quando Deus, tocado pela vossa prece, mandou-me voltar.” (58).

O autor acrescenta: “Aconselho aos que sejam tentados a aventurar-se em tais experiências, que delas desistam, a fim de não testemunharem um tão triste espetáculo, cuja consequência pode não ser para eles tão feliz como foi para mim. ”

Em ocasião anterior, Adélia achando-se no estado de *êxtase*, acreditou estar vendo e conversando com sua mãe e dois irmãos. Então, entabulou-se a seguinte conversação entre ela e seu magnetizador: “Ah ! Quanto me alegra estar com eles! Deixai-me ir; depressa estarei no céu.” — “Sois corajosa. Que faremos do vosso corpo? — “Queimai-o ou fazei dele o que quiserdes.” — “E que diremos aos oficiais de justiça?” — “Dizei-lhes que me fui embora. ”

Que durante o sono magnético se produza uma modificação das relações normais existentes entre alma e corpo, é um fato atestado nela insensibilidade do percipiente aos sons exteriores e às dores. mesmo as mais agudas, que sobrevenham. Não se pode ler uma boa obra sobre Magnetismo sem se adquirir fortes razões para crer que no *transe* magnético profundo há um certo afastamento da alma das suas relações terrenas, aproximando-se do estado existencial a que ela chegará quando aquilo a que S. Paulo chama *corpo espiritual* estiver totalmente desligado do terrenal.

Outro fenômeno também está agora provado, e é que durante esse afastamento parcial da alma, as suas faculdades naturais menos embaraçadas pelos laços terrestres, mostram-se com percepções mais claras e conhecimentos mais desenvolvidos. Isto sucede, quando, como Sócrates o disse, a alma se concentra em si mesma, ou, segundo Cícero, quando nós chamamos a nós mesmos; seja que se produza artificialmente, como nos passes magnéticos; seja que se dê nas condições normais do corpo, por natural idiossincrasia.

O mais modesto e cauteloso dos escritores sobre o Magnetismo Animal, o Dr. Bertrand, definiu perfeitamente esse estado, quando artificialmente produzido: “ O sonâmbulo, diz ele, adquire novas percepções fornecidas pelos órgãos internos, e a sucessão dessas percepções constitui uma nova vida, diversa da que gozamos habitualmente; nessa nova vida apresentam-se fases de conhecimento diferentes daquelas que nos dão as sensações ordinárias.” (59)

Eu mesmo, em muitas ocasiões, verifiquei esse fenômeno, que podemos chamar de ciência íntima, produzido pela exaltação da inteligência nesse estado anormal. Outros, porém, podem falar com mais segurança do que eu, devido a terem maior experiência.

Um médico com quem entretenho íntimas relações, dos mais conhecidos e considerados de New York, e sua mulher, tendo, antes do advento do Espiritismo tomado profundo interesse pelos fenômenos magnéticos, em experiências feitas durante cerca de dois anos com uma costureira americana, mediocrementemente instruída e com um pouco mais que a capacidade mental da gente de sua classe, me disse que Marian desperta e Marian mergulhada no sono magnético eram duas pessoas inteiramente distintas; tanto quanto se pode imaginar por suas percepções, inteligência e discernimento. Um dia, conversando sobre magnetismo e seus efeitos, ele me disse que essa jovem tinha feito comentário sobre assuntos médicos e filosóficos, nos quais manifestara grande profundidade de vistas. Em muitas outras matérias também se mostrou bastante esclarecida.

Entretanto, relativamente a inspiração, refletindo sobre os fenômenos supracitados, vem-me à mente que o mundo os tem reconhecido sob essa forma particular, porém, que a analogia entre eles e as variadas fases de exaltação intelectual e psíquica, o êxtase religioso, o hipnotismo involuntário e o transe espontâneo é tão estreita, que, racionalmente não se pode negar a conexão existente. Muitos dos dons espirituais enumerados por Paulo se têm manifestado epidemicamente em pessoas de temperamento sensitivo, durante o sono magnético, como se deu com a intitulada possessão das freiras ursulinas de Loudun (60) (1632 a 1639), e com os pseudo-milagres dos convulsionários (*Trembleurs*) das Cevenas (61) (1686 a 1707). A fúria mágica das pitonisas tinha, evidentemente, um cunho magnético. Numa no bosque de Arícia, Maomé na caverna de Hira, poderiam ter estado inconscientemente sob influência espiritual ou sonambúlica. A visão de Pedro, em que se lhe mostrou o céu aberto, descendo dele um vaso; o transe de Paulo, que ele não pôde dizer, se estaria no corpo ou fora dele, apresentam com certeza, menor ou maior, semelhança com muitas centenas de casos de êxtases, que têm aparecido em Paris, em Londres e em outros pontos, durante o último século. Todas as manifestações desta ordem pertencem a uma grande classe de fenômenos.

A forma mais simples e mais usual da inspiração é a comumente chamada a do gênio, cujos resultados aparecem em eminentes trabalhos literários, em primores de arte, em algumas das nossas mais maravilhosas descobertas científicas e invenções mecânicas; e mais evidentemente ainda, na elevada ordem da composição musical. Tudo isso é, algumas vezes, adstrito a uma organização natural, devidamente cultivada (62); mas, ao lado da influência reconhecidamente poderosa de um cérebro forte e bem conformado, o melhor dos patrimônios, o gênio, pode dever seus triunfos aos Espíritos invisíveis, semelhantes a atração, salvo nos seus efeitos.

Os grandes poetas dos primeiros tempos tinham algum sentimento desse auxílio do alto, costumavam invocar a assistência dos poderes invisíveis; podemos afirmá-lo com razão, como disse Sócrates.

Quando um poema escrito por um mestre-escola grego, em passado que já vai bem longe, força ainda os nossos mais hábeis' literatos a traduzirem-no, despertando ainda hoje a mesma admiração com que era ouvido há mais de três mil anos; quando alguns dramas, escritos por um homem comparativamente ignorante (63) têm, desde há três séculos, fornecido á língua saxônia uma quarta parte das suas palavras domésticas (64); poderemos banir a ideia do provável auxílio de uma esfera mais elevada de seres? O caráter maravilhoso desses resultados, desencaminhando o mundo, têm provocado a dúvida acerca da existência desses autores, como incapazes de apresentar tais obras. O professor Wolf, de Berlim, em uma obra apreciada, nega a Homero a autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*, duvidando mesmo da sua existência e aventurando a ideia de serem esses

imortais poemas a coleção das produções de diversos rimadores e rapsodistas. O mesmo sucede relativamente a Shakespeare. Uma ilustrada e laboriosa escritora consumiu sua vida, e podemos dizer que a inutilizou, coligindo e publicando o que acreditava serem provas de que o discípulo da escola livre de Strasford não era o autor dos dramas que ainda hoje encantam o mundo. (65).

O mesmo ainda se nota a respeito de um dos mais célebres pintores: seus contemporâneos olhavam-no e seus biógrafos falavam dele, apesar de ter morrido apenas com trinta e sete anos de idade, com uma espécie de reverência, como de uma pessoa divinamente inspirada. Vasári assim começa a biografia da sua vida: “A largueza e a liberdade com que o céu, às vezes, se compraz acumular com as infinitas riquezas de seus tesouros a um dos seus favoritos, são exemplificadas na pessoa de Rafael Sanzio.” Noutro ponto, diz que os indivíduos “como Rafael dificilmente podem ser chamados homem; devendo antes, se me permitem falar assim, dar-se lhes o apelido de deuses mortais. ”

Ainda em outro ponto, fala desse pintor como daqueles “que, por um dom especial da natureza, ou por um favor particular a eles concedido pelo Altíssimo, fazem milagres na arte.” (66)

Nenhuma memória ,que eu saiba, se possui da vida doméstica de Rafael, nenhuma coleção ha de cartas suas. Isso nos pode” revelar a sua própria consciência da inspiração que lhe assinala o temperamento artístico.

Temos uma evidência direta dessa espécie, em dois dos mais notáveis músicos do mundo.

Beethoven, falando da fonte donde lhe vinha o espirito de suas maravilhosas obras primas, diz a Bettina: “Sinto que a corrente da melodia saindo do foco da inspiração, se derrama por todos os lados. Sigo-a, alcanço-a apaixonadamente; vejo-a escapar-se, esvair-se no meio da confusão de excitamentos variados; apanho-a de novo com renovada paixão; não posso separar-me dela. Depois, com um vivo arrebatamento, multiplico-a em todas as formas de modulações, e, no último momento, seguro o seu pensamento capital, a fim de compor uma sinfonia.” (67)

Mais frisante é o seguinte trecho de uma carta de Mozart a um seu amigo: “Dizeis que desejaríeis conhecer o meu modo de compor e o método que sigo escrevendo obras de alguma extensão. Sobre isso, não vos posso dizer mais que o seguinte, porque eu mesmo nada mais compreendo, nem vos posso expor: “Quando me torno completamente eu mesmo, quando estou inteiramente só e bem disposto, viajando em carruagem, passeando depois de uma boa refeição, ou de noite, quando não consigo conciliar o sono, é que sinto as ideias me assaltarem com mais força e abundância. Donde e como elas me vêm. não sei dizê-lo. Conservo na memória as ideias que me agradam e, como já tenho dito, estou acostumado ao seu sussurro. Se me não distraio, dá-se o fato de poder repetir um ou outro pedaço que desejo conservar, de modo a fazer com eles uma melodia, isto é, um todo conforme ás regras do contraponto, ás peculiaridades dos diversos instrumentos, e assim por diante. Tudo isso me excita a alma e se não me distrair, meu tema se alarga e vai metodizando-se, definindo-se e o todo, por mais vasto que seja, fica quase completo e acabado em minha alma, de modo a poder observá-lo, como se faz de relance com uma fina pintura ou uma bela estátua. Na minha imaginação não ouço as partes sucessivamente, porém, todas formam um conjunto. Não posso exprimir o deleite que isso me causa. Todas essas invenções e produções representam para mim o efeito de um sonho grato e animado. Mas o melhor é depois, a audição do todo completo. Não posso esquecer facilmente o que assim se produziu. Este é, talvez, o

melhor dom que me concedeu o Divino Criador.” Essas ideias e sugestões vêm quase sempre descarnadas e imperfeitas: necessariamente, porque o mundo civilizado recentemente começou a estudar a inspiração como uma potência universal, em sua conexão com a faculdade do transe ou com a hipótese espiritualista, e, porque, neste sentido, as experiências desse ramo de investigações apenas começam a acumular-se, ainda não é comum a crença de que paira na esfera extramundana um dos focos das mais subidas obras humanas, literárias, artísticas ou espirituais. Ficamos sempre confusos com as analogias do caráter humano, com os seus extremos de bondade e maldade, e podemos dizer:

“Pobre ou rico, vassalo ou soberano, sempre é escuso e estupendo o ser humano.”

Nós, porém, ainda não temos firmada uma explicação. Ainda não conhecemos praticamente como a escravidão da alma ao corpo tende a entorpecer suas percepções e a sufocar suas melhores aspirações; nem sabemos porque aquela aspira mais livremente e discerne com maior clareza, quando o rigor dessa servidão diminui. Praticamente, não podemos ainda dizer como pode o homem aprender a crescer em sabedoria e bondade por sua comunicação ocasional com um estado mais elevado do ser; nem quão grande é o prejuízo dos que fogem dessa comunhão. Praticamente, não cremos que o Cristo nos tivesse falado de um espírito—verdade que viria, depois dele, ensinar-nos toda a verdade.

Nossas investigações nessa matéria têm sido feitas de longe, entre névoas cerradas e não em terreno favorável, esclarecido pela luz do alto.

Julgo que a razão disso é que a luz maravilhosa que há dezoito séculos despontou para o mundo, ofuscou e cegou a humanidade, mesmo quando ela se acha mais inteligente e aperfeiçoada. Era um fenômeno espiritual, sem igual em toda a história e, para os nossos antepassados, sem solução aparente fora do miraculoso; sem exemplo e, talvez, sem relação com as obras maravilhosas praticadas pelo Cristo, visto que os judeus em sua história e, mesmo os gregos e os romanos em sua mitologia, encontravam precedentes a muitas delas, mas em relação à luz do Cristianismo que, no seu aspecto moral e espiritual e em seus efeitos, é sem igual na velha experiência do homem. Não aparecendo assim, no começo, a não ser para um pequeno número de adeptos, mas indo gradualmente se apossando da mente e da alma do mundo, essa luz brilhou como um sol surgindo pela primeira vez para a terra, cujos habitantes, até então, tinham vivido e trabalhado à luz de um astro.

Deverá esse símile ser rejeitado por parecer divergir de tudo o que observamos na marcha da natureza? Permitti vos diga, com segurança, que essa divergência não existe: a ação da natureza é multiforme.

Entretanto, as obras de Deus ao redor de nós, dão-nos a evidência de que o princípio do progresso gradual domina a economia do universo, de que as leis naturais são invariáveis e persistentes, e de que mesmo dentro dessa ordem e governadas por essas leis, ocorrem em certas épocas, vastos adiantamentos no progresso humano, os quais, como as revoluções políticas que sobrevêm de tempos a tempos, modificando a ordem de cousas estabelecidas, produzem, às vezes, em alguns anos, melhoramentos que os tempos não tinham conseguido efetuar.

A história nada contém de mais interessante que a lembrança desses progressos gigantescos, cada um aparentemente sem precedente, cada um vindo interromper a monótona paz do mundo. Quantos incidentes na história cósmica estão á espera de um Colombo, dando ao mundo antigo uma metade do nosso globo para que ele a estude e nela possa viver? Os anais da literatura não nos apresentam uma vitória igual, em seus resultados práticos, ao triunfo de Fausto, caso se deva atribuir ao ourives de Mentz a arte

da impressão, que habilitou o homem a estreitar suas relações com todos os de sua raça. Até nos inventos, o império das fadigas teve sua época titânica ocorrida há pouco mais de um século; época essa em que o vapor começou a substituir a força humana; em que a roca e o torno, humildes auxiliares do operário humano durante três mil anos, foram substituídos por um sistema rápido de manufatura, que tornou quinhentos vezes mais produtivo o trabalho da humanidade.

Na vida do indivíduo, por mais restrito que o progresso seja, encontramos fenômeno ainda mais notável, denunciando um adiantamento sem precedentes. Criança, jovem, adulto, patriarca, os limites de cada um desses estados sucessivos, são imperceptíveis; depois, porém, chega a grande época, o ponto do progresso em que sem sabermos como, nossas faculdades perceptíveis, intelectuais e espirituais, repentinamente se acham aumentadas; em que os meios de comunicação com os nossos semelhantes se libertam dos tropeços do tempo e do espaço; em que novos Colombos nos guiam a um novo mundo.

O mesmo acontece com a sucessão da vida animal na terra, desde os tempos pré-históricos. A geologia nos informou que houve um período de incalculável duração no qual este mundo ocupado pelas raças inferiores, não foi habitado pelo homem. Um eminente naturalista moderno (68), explorando esse período e investigando o princípio do progresso vital descobriu uma grande lei geral governando o gradativo adiantamento das espécies, por meio da seleção natural e da preservação de cada espécie, animal ou vegetal, 11a luta pela existência. Ele, porém, não aduziu fatos que atestassem a transformação de uma espécie em outra, nem nos descobriu nenhum elo prendendo o bruto ao homem.

Contudo, permanece intacta a hipótese, certamente razoável, de que, de conformidade com a lei que regulou a vida pré-adâmica, está subentendida uma condição segundo a qual uma criatura com faculdades e sentimentos que a habilitam a conceber e desejar uma vida futura, podia, em certo ponto do progresso geral, aparecer repentinamente; uma criatura destinada a subjugar a terra e alcançar o céu. A vasta cadeia, se nos podemos exprimir assim, do cósmico desenvolvimento, apresenta em certo ponto uma falta, anterior e posteriormente a qual, a razão progressiva das séries não difere, quando, em virtude de passo superiormente grande, toma lugar no mundo uma raça, a única capaz de transmitir a experiência de uma a outra geração, e que, depois de certo tempo, aprende a perpetuar essa experiência por duradouros sinais artificiais. Daí, como consequência desse passo, apareceu o progresso ético, intelectual e espiritual.

Agora, voltando dessa digressão ao assunto que nos ocupa, encontramos firme a mesma analogia. A história da Ética e da Religião, como as da Cosmogonia, da Literatura e da Ciência produtiva, teve á sua época, da qual data um motivo de progresso até então desconhecido. Nos primeiros progressos do Espiritismo, como nos sucessivos progressos das raças e na peregrinação da vida humana, temos a notar que se deu um passo agigantado, indo da mais baixa a mais alta esfera de seres.

Sem precedentes, sem nenhum outro que se lhe assemelhe, o progresso que resultou deste, não pode ser comparado a marcha de qualquer outra revolução política ou religiosa.

O estabelecimento *neste* mundo de um reino que não é *deste* mundo, chamado, às vezes, o reino do céu, não se nos faz conhecer pela observação (69), nem se denuncia pela pompa mundana que lhe fazem, nem mesmo através de alguma abertura nas nuvens. O reino do céu vai-se fazendo lenta, pacífica e calmamente no coração do homem, á medida que a realeza do Cristo se exerce sobre as almas humanas.

Cumpre-nos estudar essas pretensões que aos cépticos parecem exageradas, não

segundo as asserções dos teólogos, nem com as incertezas e obscuridades da história remota, mas em fatos conhecidos, bem delineados, familiares a todo homem instruído.

No que chamamos usualmente mundo civilizado, existem milhões de homens que, se lhes perguntarem qual a sua religião, dirão que não são católicos; existem outros milhões para afirmarem que não são protestantes; porém, se excetuarmos os cinco OU seis milhões de judeus, acharemos que cerca de um centésimo somente da humanidade dirá que não é cristã.

Se os ensinamentos espirituais ouvidos primeiro na Galileia há dezoito séculos (limpos de todos os credos estranhos), não são a religião da civilização, nenhum outro o poderá ser. Aquilo que justamente chamamos a maioria esclarecida do mundo, adere a esses ensinamentos, apesar da amortecedora e retroativa influência dos credos estranhos que lhes ajuntaram.

É admirável que a cristandade, antes de começar a reconhecer o reinado universal da lei, admitindo a intervenção miraculosa, tivesse buscado explicar um tal fenômeno; é admirável, ainda, à vista da presunção para a qual se inclina a nossa raça míope, que a ortodoxia não conhecendo solução natural de um tal enigma, tenha-se refugiado em uma concepção na qual se manifestam pretensões que o homem tem escrúpulos de expor claramente; porque elas não só envolvem a direta intervenção e suspensão de suas leis pelo Criador e Legislador Onipotente de miríades de sistemas solares e miríades de miríades de mundos, mas também pressupõem virtualmente a sua presença, com a forma humana, durante uma geração de homens neste nosso pequeno mundo, quando há tantos que para nós são mundos, mas para Ele são pequenos pontos na imensidade.

Entretanto, se essas pretensões transcendentais eram próprias do seu tempo e da sua geração, nada menos que elas, fornece hoje um motivo abundante e uma ocupação ao ceticismo. É esse um ponto inexpugnável; mas, a ortodoxia deixa-o de lado, internando-se pelas ilimitadas regiões do Dogmatismo. Ela busca os milagres nas obscuras perspectivas dos dezoito séculos passados, quando o milagre dos milagres, se o maravilhoso se chamar miraculoso, nos está patente e pode ser apreciado pelos nossos sentidos.

Presume a teoria do Ceticismo o seguinte: O filho de um operário judeu, residente em uma vila obscura da Galileia criou-se na casa de seu pai com as mais limitadas oportunidades de cultivar o espírito, sem meios de estudar as literaturas da Grécia e de Roma, sem experiência do mundo para suprir a sua falta de instrução e ainda sem auxílio espiritual, torna-se, na idade de trinta anos, um Pregador público; continua a ensinar durante três anos, três somente; e depois, por causa da liberdade de suas opiniões, sofre a pena capital. Suas palavras e atos desses três anos, que ele não reduziu a escrita, foram registados no período de meio século seguinte à sua morte, por seus companheiros humildes e relativamente ignorantes. Apesar disso, mais de cinquenta gerações de homens encontraram nesses registros, somente neles, uma religião que os homens cultos podem abraçar e as nações civilizadas venerar. Certamente, não é assim como os céticos admitem; pois seria isso um milagre de todos os milagres, uma impossibilidade moral e intelectual.

A impossibilidade é inerente ao postulado do Ceticismo — *sem auxílio espiritual*. Si esse auxílio é essencial a todas as obras altas e nobres do homem, será concebível que ele faltasse ao mais alto e mais nobre de todos?

As dificuldades que acompanham essa ideia capital, na hipótese dos cépticos, não findam aí. Se os discípulos não caluniaram o Mestre, suas narrativas encerram uma acusação direta de falsidade contra ele; pois, apesar de ter ele habitualmente dado a si mesmo o título de Filho do Homem, consente que o chamem e aclamem Messias, Cristo,

tão falado pelos antigos profetas e tão esperado pelos judeus, como um Libertador. E' necessário que os que não aceitam a minha interpretação consultem os léxicos hebreu e grego.

Jesus proclama-se o Ungido de seu Pai e nosso Pai, um Mensageiro divino, Profeta e Rei Espiritual. Devemos conceder-lhe esses títulos? A história nada apresenta de seguro que nos autorize a fazê-lo. Suas credenciais, porém, estão na sua própria Mensagem, na obra que produziu e na narração da vida do Mensageiro.

Todas as grandes figuras da antiguidade empalidecem, mais ou menos, diante da luz da civilização moderna, com exceção, somente, da do Cristo. O mundo pensante tem, de certo modo, sobrevivido a todas as outras fases da crença religiosa, excetuando-se a cristã. Esta foi por seu Autor colocada tão adiante do grau de progresso da época em que seus preceitos foram ouvidos pela primeira vez, que a corrente de dezoito séculos passando sobre todos os outros sistemas, não pôde atingi-la. Os ensinamentos do Cristo, de caráter profético, são mais adiantados não só do que as mais puras práticas do mundo moderno, mas também do que as suas aspirações. Poderemos negar ao seu Autor o direito de ser chamado o Escolhido, o Ungido de Deus? Qual foi a resposta do Apóstolo mais crente do Cristo, quando o Mestre lhe perguntou: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro respondeu: "O Cristo de Deus." (70). Foi esse também o título que lhe deu o mesmo apóstolo na sua primeira prédica aos judeus, depois da crucificação do Mestre, na qual êle designa o Grande Pregador como "Jesus de Nazaré, varão por Deus aprovado com milagres, maravilhas e prodígios"; e ainda, com ligeiras variações de frases, quando, discursando diante de Cornélio e seus irmãos gentios, em Cesárea, falou do Mestre como "Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu com o Espírito Santo e o poder de fazer o bem"

Sua própria natureza, seu caráter e obras narradas nas biografias evangélicas, são quase tão maravilhosas, como o sistema que ele legou ao mundo. Elas não são o que se devia esperar daquele país, daquele tempo e — a não ser como um sublime modelo oferecido a nós do que o Homem há de ser — daquela raça humana com a qual, em centenas de ocasiões ele expressamente se identifica. E' difícil, sobre este ponto, dizer melhor do que o fez um padre anglicano, cuja morte prematura foi uma desgraça para a igreja de que era ornamento. "Uma vez, no curso das idades, isento das inumeráveis falhas, desde o começo inerentes à natureza humana, um botão desenvolveu-se no seio de uma flor sem mácula. Deus exibiu na terra um espécimen perfeito da humanidade... Como se o sangue vital de todas as nações estivesse em suas veias, como se o que há de melhor e mais perfeito em todos os homens, de mais terno, delicado e puro, em todas as mulheres, se concentrasse no seu caráter, ele se chamava a si mesmo o Filho do-Homem." (71)

Não menos eloquente neste assunto é o autor de uma obra bem conhecida, o *Ecce Homo* de Seeley: "A história da vida de Cristo será sempre uma lembrança, na qual a perfeição moral do homem se revela em sua origem e unidade, e manifesta-se a mola oculta que põe em movimento todo esse maquinismo... Todos os menores exemplos e vidas ocuparão sempre um lugar subordinado e servirão principalmente para refletir a luz do exemplo central e original A' vista de suas feridas, todas as penas humanas desaparecerão e todas as abnegações humanas virão encontrar um apoio na sua cruz."

Donde procede essa preeminência? O germe do Divino repousa, realmente, silencioso em nossa natureza comum; mas, antes dele frutificar, receberá o sopro divino de uma região mais pura que a nossa. Nenhum mortal ousará decidir, se neste supremo grau da inspiração de- vemos ver uma fase extraordinária do Sopro Divinal, produzindo uma obra monumental.

Contudo, creio que mal obraria se ocultasse o fato de haver eu recebido a respeito uma comunicação, uma semente e essa espontânea, que acredito vinda de uma fonte espiritual. É uma das poucas mensagens, que obtive, relativas a pontos controvertidos da doutrina. O leitor poderá julgá-la. Eis a comunicação recebida a 26 de Janeiro de 1862: “O aparecimento do Cristo foi o resultado de uma crença e não de uma concepção. Maria tinha herdado uma organização peculiar, física e espiritual, dos seus ancestrais da linhagem de David. Foi colocada em perfeito estado de transe, com suspensão da vida corporal. O princípio espiritual frutificante foi recebido durante esse transe. O corpo mortal do Cristo foi o resultado da fé perfeita de Maria, dominando o organismo, fé essa de tal transcendência, que é o centro e a circunferência de tudo o que se deseja. É uma verdade literal, e não somente uma figura, dizer-se que essa fé pode remover montanhas. Ela está para a fé comum da humanidade como o diamante cristalino para o carvão de pedra.

“O que sucedeu com Maria já vinha previsto com muitos séculos de antecedência. Foi uma fé específica, o florescimento de uma crença preservada pelas idades, de que uma virgem conceberia e pariria um filho. Nenhuma outra combinação poderia produzir um Cristo.

“Contudo, não houve nisso uma suspensão da lei. Seu nascimento foi natural. Com o concurso de idênticas circunstâncias, a admitir-se tal caso, um nascimento semelhante ainda pode dar-se.”

Era necessário que o Cristo permanecesse acima do plano da humanidade, para poder atrai-la a si. Ele era isento dos apetites e paixões humanos, em grau tal que escapa a toda a humana concepção. No sentido humano e corporal, era um homem incompleto. Se não se desse nele essa ausência de apetites e paixões, a verdade não nos teria vindo por seu intermédio, como veio. Haveria obscurecimentos e prejuízos, sob cuja influência a sua integridade de Mensageiro não seria preservada, e ele teria sido simpaticamente recebido pelo seu tempo. “O Cristo sofreu as provas e tentações que os seus irmãos da humanidade costumam suportar, mais fortemente mesmo do que estes, por causa da força repulsiva que elas iam encontrar nele, e não porque houvesse nele alguma coisa que as atraísse. Essas tentações não o atraíam, mas penalizavam-no. Ele tinha sempre diante de seus olhos as leis eternas e através do presente via o futuro.”

Nesta comunicação não se descobre suspensão ou violação da lei natural, e mesmo, creio eu, não há nenhuma impossibilidade que no-las faça rejeitar imediatamente. Segundo ela, o nascimento do Cristo efetuou-se em circunstâncias tão peculiares, que o libertaram dos apetites e paixões da natureza humana, em grau necessário á sua pura integridade, como um Pregador a quem nenhum outro jamais poderia ser comparado. No estado a que chegaram os nossos conhecimentos, sinto-me incapaz de afirmar ou negar uma tal teoria. Sem o dom da clarividência espiritual, vendo tudo através de um vidro embaciado, poderei precipitar uma decisão? Contento-me com a esperança de obter, talvez, em poucos anos, maior discernimento e luz mais viva.

O hábil autor do *Ecce Homo* toca justamente nas questões do nascimento do Cristo. Tratando do entusiasmo espiritual que caracterizava Jesus, pergunta: “Quem pode compreender como esse fogo se ateava nele?” A sua resposta é: “O insondável mistério de sua personalidade esconde esse segredo. Deus não queria engendrar um segundo filho semelhante.”

O Sr. Gladstone, o grande político da Inglaterra, aludindo, em crítica, á obra onde elas aparecem, ás palavras supracitadas, diz: “Elas parecem referir-se a cousas que não conhecemos e nem temos habilitação para estudar.” Sou da sua opinião.

É estranho, sim, mas também é triste que os homens, em todos os tempos, tenham sido arrastados a encarar essas questões, a atacá-las e, apesar de conhecerem sua incapacidade, e mesmo de estarem convencidos disso, sejam compelidos a decidir no assunto!

Forçados, sim, pelos outros homens, mas não por Deus, pois não é maior a certeza que tenho da minha própria existência do que a de que a Onipotência e Bondade Divina não me punirá, nem a nenhuma outra de suas criaturas pelo fato de, a respeito desses arcanos, nos julgarmos e confessarmos incapazes de compreendê-los. O que somente posso dizer é que Jesus era divinamente favorecido e dotado de altíssimos dons. Que havia um limite, uma lei diretriz, seus biógrafos no-lo informam. No seu país natal, onde os homens perguntavam uns aos outros: “Não é este o carpinteiro, o filho de Maria?” ele não pôde fazer outras obras a não ser a cura de poucos enfermos, pela aposição das mãos; e espantou-se da sua incredulidade. (72) Noutro ponto, em palavras repassadas de tristeza, ele mesmo nos diz que não devia ter feito tudo o que fizera por seus concidadãos: “Jerusalém Jerusalém, .que mataste os profetas e apedrejaste os que a ti foram enviados; quantas vezes procurei juntar teus filhos, como a galinha que sob as asas reúne os pintos, sem nada conseguir?” (72)

Como definiremos os limites dos seus conhecimentos? Lendo-se o Evangelho, sente-se o que sentiam os juízes judeus, quando diziam; “Nunca outro homem falou como este.” Contudo, nos escritos que possuímos, encontramos palavras que, se as aceitarmos, demonstram claramente que, como os demais homens, o Cristo também era sujeito ao erro. Os exemplos aparecem para todos os que desapaixonadamente estudam os Evangelhos.

Cumpra que as almas tímidas, que julgam perigoso achar-se uma simples imperfeição de doutrina ou um descuido da narrativa, se convençam que o sistema espiritual do Cristo, com a sua grande influência sobre a vida terrena do homem, não depende absolutamente de incidentes como estes, não essenciais. Seu espírito, substância e eficácia, nada sofrem com isso. Ele é útil, quando mais não seja, como regra para a conduta humana neste mundo, como guia muito necessário ao nosso preparo da vida futura.

Não é conveniente, a respeito deste assunto, depositar confiança em cousas acidentais, ou em qualquer autoridade, a não ser a da excelência intrínseca e do poder inerente aos grandes ensinamentos. Não é nas suas velhas fortalezas de pedra, por mais inexpugnáveis que pareçam, que deve Uma nação, na hora do perigo, depositar confiança; mas, sim na fidelidade, no valor e no afeto que animam o coração de seus defensores. Assim, o Cristianismo, assaltado pelas legiões da Dúvida e do materialismo, não deve depositar sua confiança nas velhas evidências da tradição e da remota história; apesar de serem firmadas sobre estudos e entrincheiradas contra as laboriosas polêmicas das idades; se ele quer tornar-se a religião da civilização, seu reino deve fundar-se nas convicções sinceras, na candura e no amor esclarecido das almas livres.

Permiti-me dizer aqui uma palavra com referência a mim mesmo. Ninguém, mais do que eu, venera religiosamente os ensinamentos e a pessoa do Cristo; ninguém, mais do que eu, sente profundamente o indispensável dever de estudar suas lições e fazer todo o possível para seguir o seu exemplo; apesar dos teólogos não terem conseguido lançar em meu cérebro todas as perplexidades que amontoaram no credo de Atanásio. Se alguns encontram nisso, apesar de suas sutilezas, um conforto nas suas aflições, um incentivo para reanimar sua fé, um motivo para excitar seu zelo adormecido, um estímulo aos seus deveres religiosos, deixai que aproveitem aí o que podem aceitar. O patriarca alexandrino não fala ao meu coração nem a minha inteligência; mas, se outros, podem receber a sua

doutrina, não se deve impedi-lo.

Se, fora da declaração de ser ele o Messias prometido, o Profeta Ungido de Deus, por Ele comissionado para libertar o mundo das trevas espirituais, há algum fundamento razoável para crer que o Cristo se tenha dito ou considerado uma das Pessoas da Divindade, confesso-me incapaz de contestá-lo. Mui raramente, apenas uma meia dúzia de vezes, nos três Evangelhos sinópticos, Jesus dá a si mesmo o título de Filho de Deus; ao passo que chama quase sempre filhos de Deus a seus irmãos da terra; ê, na única prece que nos deixou, manda chamar a Divindade *Nosso Pai*. Sendo mensageiro de Deus, como é que essa preeminência justifica o título que, de vez em quando, a si próprio dá? Se, como ensina, os pacíficos serão chamados Filhos de Deus, ele, que é o Príncipe da paz, o Portador do Evangelho que trouxe a paz aos homens de Boa vontade neste mundo, com mais razão que todos os outros, deve ser chamado o Filho amado de Deus, o depositário de toda a sua complacência.

Jesus foi o tipo mais perfeito dos inspirados, pois (pie, quando habitou entre nós, vivia, mais que qualquer outra das criaturas de Deus, tendo somente em vista a sua futura pátria. Por isso, seus ensinamentos são os mais subidos frutos da inspiração.

Nos mais elevados fenômenos do Espiritismo, em outras palavras, nos melhores exemplos da moderna fase dos poderes e dons conexos com a inspiração, devemos ver o cumprimento da promessa feita pelo Cristo aos cristãos, de que eles fariam obras imitando as suas (73). Nas mais puras revelações do Espiritismo podemos achar o cumprimento de uma outra promessa sua, relativa á vinda do sopro divino, do alto trazendo aos homens a verdade e o conforto.

O Cristianismo primitivo, a maior de todas as reformas, evidencia-se melhor no Espiritismo moderno; porque, o germe deste está naquele. À medida que se for estudando as manifestações do Espiritismo, a atenção ir-se-á afastando do dogmatismo religioso e concentrando-se na forma primitiva dos ensinamentos do Cristo.

Que mais poderoso motivo poderemos aduzir em prova desses prodígios e maravilhas, que vêm rejeitar tudo o que é estranho e ímpio, só aceitando o que é fiel e bom?

(51) *Analogy of Religion*, parte 2.ª, eap. II, pags. 195 e 196.

(52) A. Jackson Davis, o autor da *Nature's Divine Revelation*, escreveu uma obra inteira sob o ditado dos Espíritos.

(53) Apology §§ 31 e 33. — *Plutarcho*: O gênio de Sócrates. — *Apuleios*: De Deo Socratis.

(54) Stanley: *History of philosophy*, cap. VI, pag. 19.

(55) H. Lewis: *Biographical History of Philosophy*, página 141.

(56) Platão: *Phaedon*, §§ 10, II e 12.

(57) Tuscul Quest, liv. I, 3, 31

(58) Cahagnet: *Arcanes de la vie Future dévoilés*, vol. 1, pags. 117 e 118.

(59) Bertrand: *Traité du Somnambulisme*. Paris, 1823, pags. 469 e 470.

(60) *Histoire des Diâbles de Loudun*.

(61) *Court de Gebelin*: *Histoire de Camisars*; Bxamin du Theatre Sacré des Cevennes — *Nouveaux Memoires pour servir d l 'histoire des Camisars*.

(62) Galton: *Hereditary Genius*.

(63) *Life of Shalspeare*, edic. de 1823, Londres, png. 14.

(64) Bartlett: *Familiar Qvotations*.

(65) *Delia Bacon: The Pliiloscphy of Ilie Plays of Slut- kspeare emfolâcâ*. Boston, 1857.

(66) *Vasári*: *Lives of the Painters*, vol. III, pags.], 2 o 58.

(67) ■Gcethe: *Briefwccclisel mit cinem Hitiaë*.

(68) Charles Darwin.)

(69) Lucas — XVII, 20.

(70) Lucas — IX, 20 }

(71) E. W. Robertson: *Sermões*, pags. 3613 e 366.

(72) Marcos — VI, 3, 5 e 6.

(73) João — XIV, 12.

REPOSITÓRIO DE SABEDORIA 2º Vol.

Divaldo Pereira Franco

INSPIRAÇÃO (30)

Esquece a maledicência e a hipocrisia, que viciam os órgãos vocais, e a inspiração do Alto escorrerá mais abundante pela tua boca. (Messe de Amor, 67.)

Examina e prossegue, sob a inspiração do bem, enquanto são fortes as tuas forças, para que ao anoitecer dos dias, na velhice, descortines o caminho ensolarado. (Messe de Amor, 117.)

REUNIÕES MEDIÚNICAS PMPM

Equipe: G.A/ J.N/J.F/N.C

(35)

De fundamental importância a função do doutrinador, o terapeuta do esclarecimento e da consolação, pessoa que atende os Espíritos que se comunicam. O primeiro passo da direção deve ser esclarecer que esta função requer a conquista de atributos diretamente relacionados com os valores espirituais da paciência, sensibilidade amorosa, tato psicológico, energia moral, vigilância, humildade, destemor e prudência.

Instruí-lo a praticar a doutrinação dentro da forma coloquial sem excesso de informações, mantendo o trabalhador que a ela se dedica um compromisso pessoal de aperfeiçoamento moral através da auto iluminação, desenvolvendo prioritariamente as qualidades afetivas, a fim de sintonizar com facilidade, no desempenho da função, o campo de inspiração e intuição procedentes dos Instrutores Espirituais.

REVISTA ESPÍRITA 1865

Allan Kardec

Maio 8º (144)

Dissertações Espíritas

(Lyon, novembro de 1863 – Médiun: Sr. X...)

I IDÉIAS PRECONCEBIDAS

Temos-vos dito muitas vezes que investiguem as comunicações que vos são dadas, submetendo-as à análise da razão, e que não tomeis sem exame as inspirações que vêm agitar o vosso Espírito, sob a influência de causas por vezes muito difíceis de constatar pelos encarnados, entregues a distrações sem-número.

As ideias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a ideia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sozinhas e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes encontram o lugar ocupado por ideias preconcebidas, que se espalham com o jacto da inspiração, perturbando-o e transformando-o de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a ideia espiritual se ache, assim, inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a excitar o Espírito do médium, dando-lhe o que chamais a verve da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma ideia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer desligar-se, nosso pensamento fica sem intérprete e o calor fluídico se gasta em estimular uma ideia que não é nossa. Quantas vezes em vosso mundo egoísta e apaixonado temos trazido o calor e a ideia! Desdenhais a ideia, que vossa consciência deveria fazer-vos reconhecer e vos apoderais do calor, em benefício de vossas paixões terrenas, por vezes dilapidando o bem de Deus em proveito do mal. Assim, quantas contas terão de prestar um dia todos os advogados das causas equivocadas!

Sem dúvida seria desejável que as boas inspirações pudessem sempre dominar as ideias preconcebidas. Mas, então, entravaríamos o livre-arbítrio da vontade do homem e, assim, este último escaparia à responsabilidade que lhe pertence. Mas se somos apenas os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes nos devemos felicitar, quando nossa ideia, batendo à porta de uma consciência estreita, triunfa da ideia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Entretanto, não se deveria crer que nosso auxílio mal-empregado não traisse um pouco o mau uso que dele podem fazer. A convicção sincera encontra acentos que, partidos do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em uníssono com a primeira, mas traz um frio particular que deixa a consciência malsatisfeita e revela uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração mediúmica? A resposta é fácil: a ideia vem do mundo extraterrestre – é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós a tomamos do próprio inspirado, quando este é dotado de certo poder fluídico, ou mediúmico, como dizeis; na maioria das vezes nós o tomamos em seu ambiente, na emanação de benevolência, de que está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer com razão que a simpatia torna eloquente.

Maio 9º (148)

Lembra-vos disto: O Espírito humano move-se e se agita sob a influência de três causas, que são: a reflexão, a inspiração e a revelação. A reflexão é a riqueza de vossas lembranças, que agitais voluntariamente. Nela, o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil, para satisfazer às necessidades de uma posição estacionária. A inspiração é a influência dos Espíritos extraterrestres, que se misturam mais ou menos às vossas próprias reflexões para vos compelir ao progresso; é a intromissão do melhor na insuficiência da passagem, uma força nova que se junta a uma força adquirida, para vos levar mais longe que o presente, a prova irrecusável de uma causa oculta que vos impulsiona para frente, e sem a qual permaneceríeis estacionários. Porque é regra física e moral que o efeito não poderia ser maior que sua causa, e quando isto acontece, como no progresso social, é que uma causa ignorada, não percebida, juntou-se à causa primeira de vosso impulso. A revelação é a mais elevada das forças que agitam o Espírito do homem, porque vem de Deus e só se manifesta por sua vontade expressa; ela é rara, por vezes mesmo inapreciável, algumas vezes evidente para o que a experimenta a ponto de sentir-se involuntariamente tomado de santo respeito. Repito, ela é rara e dada ordinariamente como recompensa à fé sincera, ao coração devotado; mas não tomeis como revelação tudo quanto vos pode ser dado como tal. O homem se vangloria da amizade dos grandes, os Espíritos exibem uma permissão especial de Deus, que muitas vezes lhes falta. Algumas vezes fazem promessas que Deus não ratifica, porque só ele sabe o que é e o que não é preciso.

Eis, meu amigo, tudo quanto posso dizer-te sobre a verdade. Humilha-te perante o grande Ser, por quem tudo vive e se move na infinidade dos mundos, que seu poder governa; medita que se nEle se acha toda a sabedoria, toda justiça e todo poder, nEle também se acha toda a verdade.

REVISTA ESPÍRITA 1868

Allan Kardec

Fev. 3º (36)

II

OS INSPIRADOS

A inspiração é mais rara que a alucinação, porque não se prende somente ao estado físico, mas, ainda e sobretudo, à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.

Todo homem não dispõe senão de certa quota de inteligência, que lhe é dado desenvolver por seu trabalho. Chegado ao ponto culminante que lhe é concedido atingir, para um momento, depois retorna ao estado primitivo, ao estado de infância, menos essa mesma inteligência, que em um cresce dia a dia, e no velho diminui, extingue-se e desaparece. Então, tendo dado tudo, e nada mais podendo acrescentar à bagagem de seu século, ele parte, mas para ir continuar alhures sua obra interrompida neste mundo; parte, mas deixando o lugar rejuvenescido para um outro que, chegando à idade viril, terá o poder de, por sua vez, realizar uma missão maior e mais útil.

O que chamamos a morte não é senão o devotamento ao progresso e à Humanidade. Mas nada morre, tudo sobrevive e se reencontra pela transmissão do pensamento dos seres partidos antes, que têm ainda, pela parte mais etérea de si mesmos, na pátria deixada, mas não esquecida, que amam sempre, pois é habitada pelos continuadores de sua vida, pelos herdeiros de suas ideias, aos quais se comprazem em insuflar por momentos as que não tiveram tempo de semear em seu redor, ou que não puderam ver progredir ao sabor de suas esperanças.

Não tendo mais órgãos ao serviço de sua inteligência, vêm pedir aos homens de boa vontade, que apreciam, que lhes cedam o lugar por um momento. Sublimes benfeitores ocultos, impregnam seus irmãos da quintessência de seu pensamento, a fim de que sua obra esboçada continue e se conclua, passando pelo cérebro dos que podem fazê-la realizar seu caminho no mundo.

Entre os amigos desaparecidos e nós, o amor continua, e o amor é a vida. Eles nos falam com a voz de nossa consciência posta em vigília. Purificados e melhores, não nos trazem senão coisas puras, isentos que estão de toda parte material, como de todas as mesquinhas de nossa pobre existência. Eles nos inspiram no sentimento que tinham neste mundo, mas nesse sentimento desprendido de toda mistura.

Resta-lhes ainda uma parte de si mesmos para dar: eles no-las trazem, deixando-nos crer que a obtivemos apenas por nosso trabalho pessoal. Daí essas revelações inesperadas, que confundem a Ciência. O Espírito de Deus sopra onde quer... Desconhecidos fazem grandes descobertas, e o mundo oficial das academias aí está para lhes entravar a passagem.

Não pretendemos dizer que, para ser inspirado, seja indispensável manter-se incessantemente nos estreitos caminhos do bem e da virtude; entretanto, de ordinário são seres morais aos quais se vem, muitas vezes como compensação dos males que sofrem por causa dos outros, conceder manifestações que lhes permitem vingar-se à sua maneira, trazendo o tributo de alguns benefícios à Humanidade, que os desconhece, zomba e calunia.

Encontram-se tantas categorias de inspirações e, por conseguinte, de inspirados, quantas faculdades existem no cérebro humano para assimilar conhecimentos diferentes.

A luta assusta os Espíritos depurados, partidos para mundos mais adiantados, e que desejam que os escutem com docilidade. Por isso os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, cheios de abnegação e de devotamento, sem personalidade marcante, de impressões profundas e duráveis, acessíveis às influências exteriores, sem ideias preconcebidas

sobre as coisas que ignoram, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos alheios, mas não moralmente bastante fortes para os discutir.

Se o inspirado se apegar às suas próprias convicções, de boa-fé toma o seu eco pela advertência das vozes que nele falam e, também de boa-fé, engana, em vez de esclarecer. A bondade preside a essas revelações, que jamais ocorrem senão com um objetivo útil e moral, ao mesmo tempo.

Quando uma dessas organizações simpáticas é sofredora, devido a uma decepção cruel, ou a um mal físico, um amigo por ela se interessa e vem, dando outro alimento ao seu pensamento, trazer alívio para ela própria, mas, sobretudo, para os que lhe são caros.

Não é raro que o inspirado tenha começado sendo um alucinado. É como um noviciado, uma preparação de seu cérebro para concentrar seu espírito e poder aceitar aquilo que lhe dirão.

Porque um inspirado nada pode formular de concludente em dado momento, não significa que não o possa fazer em outros. As manifestações ficam livres, espontâneas; vêm quando são necessárias. Por isso os inspirados, mesmo os melhores, não o são em dia e hora fixos, e as sessões anunciadas previamente muitas vezes preparam inevitáveis decepções.

Fazendo evocações muito frequentes, corre-se o risco de não se chegar senão a um estado de supraexcitação, mais vizinho da alucinação que da inspiração. Então não passam de jogos de nossa imaginação em delírio, em vez dessas luzes do outro mundo, destinadas a iluminar os passos da Humanidade em sua estrada providencial.

Isto explica esses erros, dos quais a incredulidade fez uma arma, para negar, de maneira absoluta, a intervenção dos Espíritos superiores.

Os inspirados o são por todos os que, partidos antes da hora, têm algo para nos ensinar.

Pode acontecer que a mulher mais simples, a menos instruída, tenha revelações médicas. Vimos uma que, mesmo sem saber ler e escrever, achava em si diversos nomes de plantas que podiam curar. A credulidade popular quase a tinha forçado a explorar essa faculdade. Mas, nem sempre era igualmente bem esclarecida, mesmo tomando o pulso da pessoa doente, que com ela se punha em relação; porque ela era também desses fluídicos, dos quais falaremos daqui a pouco. Embora fraca e delicada, podia, por seu contato, restabelecer o equilíbrio em quem o necessitava e repor em circulação os princípios vitais interrompidos. Sem se dar conta disto, muitas vezes fazia, pelo simples toque, em certas pessoas cujo fluido era idêntico ao seu, mais bem que os remédios que prescrevia, às vezes, apenas por hábito, e com variantes insignificantes, fosse qual fosse o mal para o qual a consultavam.

A Providência colocou junto de cada homem um remédio para cada doença. Apenas existem tantas naturezas diferentes quantos indivíduos. Os remédios também agem diferentemente sobre cada organismo, o qual influi sobre os caracteres do mal; e é isto que faz que seja quase impossível ao médico prescrever o remédio eficaz. Ele conhece os seus efeitos gerais, mas ignora absolutamente em que sentido agirá sobre tal paciente que lhe apresentam.

É aqui que brilha a superioridade dos fluídicos e dos sonâmbulos, porque, quando eles se encontram em certas condições de simpatia com os que vêm consultá-los, os seres superiores os guiam com uma quase certa infalibilidade.

Muitas vezes essa inspiração é inconsciente de si mesma; às vezes um médico, mas apenas junto de certos doentes, acha de súbito o remédio que os pode curar. Não foi a Ciência que o guiou, foi a inspiração. A Ciência punha à sua disposição vários modos de tratamento, mas uma voz interior lhe gritava um nome; foi forçado a dizê-lo, e esse nome era o do remédio que devia agir, com exclusão de qualquer outro.

O que dizemos da Medicina existe, da mesma maneira, em todos os outros ramos do trabalho humano. Em certas horas, o fogo da inspiração nos devora; há que ceder. E se pretendemos concentrar em nós mesmos o que de nós deve sair, um verdadeiro sofrimento se torna o castigo de nossa revolta.

Todos aqueles a quem Deus concedeu o dom sublime de criação, os poetas, os sábios, os artistas, os inventores, todos têm essas iluminações inesperadas, por vezes numa ordem de fatos muito diferentes de seus estudos ordinários, caso se tivesse pretendido violentar a sua vocação. Mas os Espíritos sabem o que devemos e podemos fazer, e vêm despertar incessantemente em nós as nossas atrações abafadas.

Sabe-se como Molière explicava essas desigualdades que desfiguram as mais belas peças de Corneille. “Esse diabo do homem, dizia ele, tem um gênio familiar, que vem por momentos soprar-lhe ao ouvido coisas sublimes; depois, de repente planta-o lá, dizendo-lhe: ‘Sai desta como puderes!’ E então não faz mais nada que valha.” Molière estava certo. O orgulhoso gênio de Corneille não tinha a dócil passividade necessária para suportar toda a inspiração do alto. Os Espíritos o abandonavam, e então ele adormecia, como por vezes fazia o próprio Homero.

Há os que escutam vozes interiores, que neles falam; Sócrates e Joana d’Arc eram destes. Outros nada escutam, mas são constrangidos a obedecer a uma força vitoriosa, que os domina.

Outras vezes, um nome vem ferir o ouvido do inspirado: é o de um amigo, de um indivíduo que nem mesmo conhece, do qual apenas ouviu falar. A personalidade desse amigo desconhecido o penetra, nele se infunde; pouco a pouco pensamentos estranhos vêm substituir os seus. Por um momento tem o espírito daquele; obedece, escreve, sem saber, mau grado seu, se necessário, coisas que não sabe. E como essa obediência passiva, ao qual foi condenado, lhe é difícil de suportar em estado de vigília, foge dessas coisas escritas sob uma inspiração opressiva, e não as quer ler.

Esses pensamentos podem estar em desacordo formal com suas crenças, com seus sentimentos, ou antes, com aqueles que a educação lhe impôs, porque, para que certos Espíritos venham a ele, é preciso que exista alguma relação entre eles. Dão-lhe o pensamento, deixando-lhe o cuidado de achar a forma. É preciso, pois, que saibam que sua inteligência os pode compreender e assimilar momentaneamente suas ideias, para as traduzir.

É raro que as circunstâncias tenham permitido que nos desenvolvamos no sentido de nossas aptidões inatas. Os Espíritos mais adiantados sabem que corda é preciso tocar, para que está entre em vibração. Ela havia ficado muda, porque tinham atacado outras, desprezando aquela. Por um momento eles lhe dão a vida. É um germe por muito tempo abafado, que eles fecundam. Depois o inspirado, voltando ao seu estado habitual, não se lembra mais, pois vive uma existência dupla, cada uma das quais independe da outra.

Entretanto, acontece também que conserve uma maior facilidade de compreensão, e conquiste um maior desenvolvimento intelectual. É a recompensa do esforço que fez, para dar uma forma compreensível aos pensamentos que outros vieram lhe revelar.

Não acreditamos que todo inspirado possa conhecer tudo. Cada um, conforme suas predisposições naturais, muitas vezes mantidas com desconhecimento dele próprio e dos outros, é inspirado por tal ou qual coisa, mas não o é igualmente por todas. Com efeito, existem naturezas de tal modo antipáticas a certos conhecimentos, que os Espíritos não virão jamais bater numa porta que sabem não poder abrir.

Só em certa medida o futuro é conhecido pelos inspirados. Assim, não é certo dizer que um inspirado predisse para que mundo tal pessoa irá após a morte, e que julgamento Deus pronunciará contra ela. Isto é um jogo de imaginação alucinada. Por mais alto que o homem tenha subido na escala dos mundos, não conhece qual será o destino de seu irmão. É a parte reservada a Deus: jamais a criatura poderá usurpar os seus direitos.

Sim, há manifestações, mas não são contínuas, e nossa impaciência a seu respeito muitas vezes é condenável.

Sim, tudo se mantém e nada se rompe no imenso Universo. Sim, existe entre esta existência e as outras um laço simpático e indissolúvel, que liga e une uns aos outros todos os membros da família humana, e que permite aos melhores vir nos dar o conhecimento do que não sabemos. É por

esse trabalho que se realiza o progresso; quer se chame trabalho da inteligência ou da inspiração, é a mesma coisa. A inspiração é o progresso superior, é o fundo: o trabalho pessoal aí põe a forma, juntando ainda a quintessência dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Nenhuma invenção nos pertence particularmente, porque outros lançaram antes a semente que recolhemos. Aplicamos à obra que queremos perseguir as forças e o trabalho da Natureza, que é de todos, e sem o auxílio da qual nada se faz, depois as forças e o trabalho acumulados por aqueles que nos prepararam os meios de triunfar.

A bem dizer, tudo é obra comum e coletiva, para confirmar ainda esse grande princípio de solidariedade e de associação, que é a base das sociedades e da lei de toda Criação.

O trabalho do homem jamais será tornado inútil pela inspiração. O Espírito que no-lo vem trazer respeitá-lo sempre está parte reservada ao indivíduo; ele a respeitá-lo como uma coisa nobre e santa, pois o trabalho põe o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de as fecundar. É por seu desenvolvimento que bem aprendeu a conhecer-se, e que mereceu aproximar-se dele.

A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, em vigília e durante o sono. Apenas exige recolhimento. É-lhe preciso encontrar naturezas que possam abstrair-se de toda preocupação do mundo real, para dar lugar livre e vago ao ser que vier envolvê-lo todo e lhe infundir seus pensamentos.

Nas horas de inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Não mais está neste mundo, está num meio transitório, entre este e o outro, visto estar, de certo modo, impregnado da pessoa moral e intelectual de um ser elevado a uma outra esfera e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Embora se dirija a todos, a inspiração descerá mais especialmente sobre as naturezas doentias ou consumidas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais. Já que é um benefício, não é justo que os que sofrem sejam mais facilmente aptos a recebê-la?

A alucinação é um estado doentio, que o magnetismo pode modificar de maneira salutar. A inspiração é uma assimilação moral que se deve evitar provocar por passes magnéticos. O alucinado se entrega de bom grado a arroubos e a contorções ridículas. O inspirado é calmo.

Os inspirados são melancólicos. Necessitam ser refletidos; para ser alegre não há que refletir muito; é preciso gozar, na sua saúde, de um equilíbrio que nem sempre possuem. Mas não vamos pensar que sejam difíceis e fantasiosos. Ao contrário, mostram-se dóceis e acessíveis com aqueles a quem amam.

Há inspirados de vários graus. Uns vêm dizer-vos coisas palpáveis, fatos de segunda vista, para que se possa constatar a realidade da iniciação. Outros, mais clarividentes e pouco preocupados com os procedimentos materiais, cujos segredos não são chamados a divulgar, repetem, como lhes vêm, os pensamentos trazidos por Espíritos de progresso. Os primeiros curam o corpo, os segundos são os médicos da alma.

A missão dos mais modestos limita-se a revelar como essas coisas lhes vêm. É um fato constatado que forças adiantadas de muitos graus vêm sobre nós, para nos dominar e nos inspirar. Para que o repetir? Acredite quem quiser. Mas sendo bem estabelecidas as constatações, não se deve tomar dos inspirados senão o lado útil e sério. Pouco importa, se as ideias são boas, de que fonte provêm.

Eug. Bonnemère

REVISTA ESPÍRITA 1869

Allan Kardec

Mar 14º (91)

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO

(Paris – Grupo Desliens, 16 de fevereiro de 1869)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abarca a Humanidade inteira, como uma rede à qual ninguém pode escapar. Cada um, estando em contato diário, saiba-o ou não, queira-o ou se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Não fui não sou ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual vulgarmente se deu o nome de voz da consciência, cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num ou noutro sentido e, muitas vezes, simultaneamente, o bem puro, absoluto; acomodações com o interesse; o mal em toda a sua nudez. — O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu apelo, e ele escolhe; mas escolhe entre essas diversas inspirações e o seu próprio sentimento. — Os inspiradores são amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou eventuais, interesseiros ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas, como os conselhos dos amigos da Terra, seus conselhos são ouvidos ou rejeitados; por vezes provocam um resultado contrário ao que se espera; muitas vezes não produzem qualquer efeito. — Que concluir daí? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, mas que obedece livremente à sua própria vontade, modificada por avisos que, no estado normal, jamais podem ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos mínimos detalhes de sua existência, e quando se trata de trabalhos que ele veio realizar mais especialmente, de provas decisivas que deve suportar, ou de obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não se fazem mais somente e apenas conselheiras, mas atraem o Espírito para certos assuntos, provocam certos estudos e colaboram na obra, fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. Aqui é uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, só um pode e deve assiná-la, porque só um a fez e é o seu responsável!

Afinal de contas, o que é uma obra, seja qual for? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. O homem nada faz tudo descobre. É preciso não confundir esses dois termos. Inventar, no seu verdadeiro sentido, é tornar evidente uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas posto em germe no berço do Universo. Aquele que inventa levanta uma das pontas do véu que oculta a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, rebuscar no fundo das inteligências, pedir a um a Mecânica, a outro a Geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a um outro, ainda, as leis históricas e, do todo, fazer algo novo, interessante, inimaginável.

Aquele que foi explorar os recantos das bibliotecas, que ouviu falarem os mestres, que perscrutou a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Religião, da antiguidade mais remota até os nossos dias, é o médium da Arte, da História, da Filosofia e da Religião? É o médium dos tempos passados, quando por sua vez escreve? Não, porque não conta pelos outros, mas ensinou os outros a contar e enriquece os seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. — Por muito tempo o músico ouviu a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la para o mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não: compõe e escreve; escutou o Espírito que lhe veio cantar as melodias do céu; ouviu o Espírito que clamou a paixão ao seu ouvido; ouviu gemerem a Virgem e a Mãe, deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça do filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança e numerosos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, cada um por sua vez cantou a sua partitura ao seu

lado. Ele as escutou, as estudou, no mundo e na inspiração, e de um e outro fez as suas obras. Mas não era médium, como não é médium o médico que ouve os doentes contando o que sofrem, e que dá um nome às suas doenças. — A mediunidade teve suas horas num como no outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória, o que fez, o fez apenas à custa dos estudos colhidos dos homens e dos Espíritos.

Sendo assim, é-se médium de todos; é-se médium da Natureza, médium da verdade e médium muito imperfeito, porque muitas vezes a mediunidade aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que é irreconhecível e desconhecida.

Halévy
Allan Kardec

SAÚDE E ESPIRITISMO

Associação Médico Espírita do Brasil

MEDIUNIDADE RECEPTIVA

(125)

O outro grande capítulo da mediunidade é a variedade receptiva que, como o nome está a dizer, depende de ideias que chegam aos médiuns por iniciativa dos Espíritos, quando as condições de sintonia se apresentam.

Pensamos, e temos como lógico, que o Perispírito (emanações vibratórias das zonas do inconsciente) por intermédio dos discos energéticos ou chacras, o sistema neurovegetativo (sistema de equilíbrio e das emergências do corpo físico) e a glândula pineal (glândula das grandes expressões do psiquismo humano?) constituem a tríade, por excelência, da mais alta expressão no mecanismo mediúnico, selecionando, analisando, transformando e adaptando as energias para que a zona consciencial, tela eletiva e final dessas manifestações, esteja em condições de traduzir a comunicação. As unidades nervosas do cerebelo, com sua energética característica, seriam elementos de alta importância no “ajuste e acomodação” do encaixe mediúnico.

De modo geral, o processo mediúnico, englobando vários e múltiplos aspectos, não deve ser tão simples conforme o apresentado. As vivências energéticas em dimensões superiores devem apresentar quadros bastante complexos à nossa ainda impossível percepção e análise. Com isso, compreendemos o porquê de as comunicações apresentarem, em muitos casos, coloridos anímicos ligados ao próprio médium.

SEARA DOS MÉDIUNS

Francisco Cândido Xavier

Faixas (125)

Reunião pública de 27-5-60 Questão nº 285

Comunicação espiritual não é privilégio da organização mediúnica.

O pensamento é idioma universal e, compreendendo-se que o cérebro ativo é um centro de ondas em movimento constante, estamos sempre em correspondência com o

objeto que nos prende a atenção.

Todo Espírito, na condição evolutiva em que nos encontramos, é governado essencialmente por três fatores específicos, ou, mais propriamente, a experiência, o estímulo e a inspiração.

A experiência é o conjunto de nossos próprios pensamentos.

O estímulo é a circunstância que nos impele a pensar.

A inspiração é a equipe dos pensamentos alheios que aceitamos ou procuramos.

Tanto quanto te vês compelido, diariamente, a entrar na faixa das necessidades do corpo físico, pensando, por exemplo, na alimentação e na higiene, és convidado incessantemente a entrar na faixa das requisições espirituais que te cercam.

Um livro, uma página, uma sentença, uma palestra, uma visita, uma notícia, uma distração ou qualquer pequenino acontecimento que te parece sem importância, pode representar silenciosa tomada de ligação para determinado tipo de interesse ou de assunto.

Geralmente, toda criatura que ainda não traçou caminho de sublimação moral a si mesma assemelha-se ao viajante entregue, no mar, ao sabor das ondas.

Receberás, portanto, variados apelos, nascidos do campo mental de todas as inteligências encarnadas e desencarnadas que se afinam contigo, tentando influenciar-te, através das ondas inúmeras em que se revela a gama infinita dos pensamentos da Humanidade, mas, se buscas o Cristo, não ignoras em que altura lhe brilha a faixa.

Com a bússola do Evangelho, sabemos perfeitamente onde se localizam o bem e o mal, razão por que, dispondo todos nós do leme da vontade, o problema de sintonia corre por nossa conta.

Inspiração (193)

Reunião pública de 26-9-60 Questão nº 218

Em qualquer consideração sobre a mediunidade, não te esquives à inspiração, campo aberto a todos nós e no qual todos podemos construir para o bem, assimilando o pensamento da Esfera Superior.

Não vale fenômeno sem proveito.

Um homem que enxergasse, num vale de cegos, sem diligenciar qualquer auxílio aos irmãos privados da luz, não passaria de uma lente importante, entregue a si mesma.

Aquele que conversasse numa província de mudos, fugindo de prestar-lhes concurso na reconquista da fala, assemelhar-se-ia tão-somente a uma discoteca ambulante.

Quem se locomovesse à vontade, numa terra de paráliticos, negando-lhes apoio para que readquirissem a herança do movimento, seria para eles uma ave rara e anormal, agindo em forma humana.

A pessoa que ouvisse, numa ilha de surdos, desertando da cooperação fraterna para que reaprendessem a escutar, seria apenas uma registradora de sons.

A criatura que ensinasse lógica e conduta numa colônia de alienados mentais e não procurasse um meio, ainda que simples, de amparar-lhes o retorno à razão, estaria, entre eles, como arquivo de máximas inassimiláveis.

●

Não te asseveres incapaz de servir, porque te falte mais ampla incursão no inabitual.

Recurso psíquico, sem função no bem, é igual à inteligência isolada ou ao dinheiro morto, excelentes aglutinantes da vaidade e da sovinice.

De toda ocorrência, observa o préstimo.

E certos de que o pensamento é onda de força viva que nos coloca em sintonia com os múltiplos reinos do Universo, busquemos a inspiração do bem para o trabalho do bem que nos compete, conscientes de que as maravilhas mediúnicas, sem atividade no bem de todos, podem ser admiráveis motivos a preciosas conversações entre os esbanjadores da palavra, mas, no fundo, são sempre o exclusivismo de alguém, sem utilidade para ninguém.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Allan Kardec

Telegrafia humana

285. Duas pessoas, evocando-se reciprocamente, poderiam transmitir-se os seus pensamentos e corresponder-se?

— Sim, e essa *telegrafia humana* será um dia um meio universal de correspondência.

Por que não seria praticada desde agora?

— Já é por algumas pessoas, mas não por todos. É necessário que os homens se depurem para que o seu Espírito se liberte da matéria, eis ainda uma razão para que se faça a evocação em nome de Deus. Até lá, ela estará circunscrita às almas de eleição e desmaterializadas, que raramente se encontram no estado atual dos habitantes da Terra.

218- Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se tiver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

MÉDIUNS INSPIRADOS

182- Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de um variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais difícil de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade.

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita frequência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. Se

todos estivessem compenetrados dessa verdade, com mais frequência se recorreria à inspiração do anjo-guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou fazer.

Que se invoque o Espírito protetor com fervor e confiança, nos casos de necessidade, e mais assiduamente se admirará das ideias que surgirão como por encanto, seja para auxiliar numa decisão ou em alguma coisa a fazer. Se nenhuma ideia surgir imediatamente, é que se deve esperar. A prova de que se trata de ideia sugerida está precisamente em que ela, se fosse da pessoa, estaria sempre ao seu dispor, não havendo razão para que não se manifestasse à vontade. Quem não é cego, basta abrir os olhos para ver quando quiser. Da mesma maneira, o que possui ideias próprias, sempre as tem ao seu dispor. Se elas não surgem à vontade é que ele precisa buscá-las fora de si mesmo.

Nesta categoria podem ainda ser incluídas as pessoas que, não sendo dotadas de inteligência excepcional, e sem sair do seu estado normal, têm relâmpagos de lucidez intelectual que lhes dão surpreendente facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento do futuro. Nesses momentos, justamente considerados de inspiração, as ideias abundam, seguem-se, encadeiam-se como que por si mesmas, num impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que o nosso Espírito se livra de um fardo.

183. Todos os homens de gênio, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de conceber grandes coisas e de trazê-las em si mesmos. Ora, é precisamente por julgá-los capazes que os Espíritos, quando querem realizar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias. E é assim que eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem. Eles têm, não obstante, uma vaga intuição de serem assistidos, pois aquele que apela à inspiração faz uma evocação. Se não esperasse ser ouvido, porque haveria de clamar com tanta frequência: Meu bom gênio, venha ajudar-me!

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

— Qual a causa primeira da inspiração?

— A comunicação mental do Espírito.

— A inspiração não se destina apenas a grandes revelações?

— Não. Ela se relaciona quase sempre com as mais comuns circunstâncias da vida.

Por exemplo: queres ir a algum lugar e uma voz secreta te diz que não, porque corres perigo; ou ainda essa voz te sugere fazer uma coisa em que não pensavas. Isso é inspiração. Há bem poucas pessoas que não tenham sido inspiradas em diversas ocasiões.

— Um escritor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração poderiam ser considerados médiuns?

— Sim, pois nesses momentos têm a alma mais livre e como separada da matéria, que então recobra em parte as suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos Espíritos que a inspiram.

SEAREIROS DE VOLTA

Na vigília do amor M3 (167)

Waldo Vieira

MARIA MÁXIMO

Não derrames as próprias lágrimas por te julgares ao desamparo dos irmãos da Espiritualidade e nem te afirmes como sendo uma pedra de insensibilidade mediúnica.

Abstém-te da ingratidão para com aqueles que velam sobre teus passos na vigília do amor!

Mediunidade é patrimônio de todas as criaturas .

Os continentes do plano espiritual não são povoados de sombras erradias... . Além do paralelo de cinza, palpitam corações inflamados de afeto.

E teus seres amados, parentes e amigos que já partiram?

Não permitas estejam eles amargamente vinculados à tua lembrança, à feição de simples cadáveres. Embora a reconheçá-los noutros domínios vibratórios, sente-os na condição de Espíritos que continuam a pensar e viver.

Miríades de vozes inolvidáveis alcançam incessantemente os ouvidos humanos por múltiplos caminhos .

Aqui e ali, no intercâmbio entre os dois planos, surgem manifestações evidentes da alma imortal, na vidência e na psicofonia, na escrita e na voz direta, na audição e no desdobramento da personalidade, nas ocorrências do sonho e nos efeitos de ordem física; entretanto, em toda a parte, brilha a corrente luminosa da inspiração.

Basta a prece por tomada de força. Mesmo que se nos antolhem as maiores dificuldades no campo interpretativo, sentimo-nos de imediato interligados uns aos outros pela energia irradiante da mente.

Há Espíritos mensageiros de diversos tipos e funções, e não poderia ser de outra forma, porquanto, até mesmo na Crosta Terrestre — onde tudo o que existe provém originariamente da Espiritualidade —, distinguem-se especialistas em variados processos de intercomunicações, quais sejam telegrafistas, telefonistas, radialistas, televisionadores, carteiros, jornalistas e outros técnicos do serviço de comunhão entre os homens.

Fácil compreender, assim, que mensagens invisíveis entrecortam os ares reunindo corações, instante a instante, ao afago de canções de esperança ou ao toque de extremada ternura.

Dentro das leis de sintonia espiritual, há companheiros desencarnados que transmitem ideias a convencionalizada pessoa, a determinada família, a certa coletividade, a essa ou àquela instituição, em regime de permuta constante entre as esferas da Vida.

Cruzam os espaços transmissões silenciosas no recesso das almas, mundo a mundo mental, até mesmo entre os mais ferrenhos adeptos do materialismo.

Não te coloques, assim, intimamente, em zona polar.

Guarda a convicção de que toda criatura possui o seu círculo de relações espirituais, não existindo ninguém com o direito de proclamar-se em desvalimento ante as atenções do Mundo Maior.

Não admitas se te conturbem as emoções na câmara recôndita do espírito. Ouve as mensagens inarticuladas do dever e da responsabilidade, do otimismo e da alegria, e marcha servindo, rumo ao futuro, desabotoando no rosto o melhor dos sorrisos.

Recorda o sem-fio do pensamento e não esqueças de que todos os entes amados a te estenderem os braços da Vida Superior, através do sem-fio do pensamento, trabalham e esclarecem, falam e agem por ti.

SOBREVIVÊNCIA E COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS

Hermínio C. Miranda

INSPIRAÇÃO E MEDIUNIDADE

Cap. 11 (189)

Tal como afirmou Ismael Gomes Braga, em “Reformador” de abril de 1962, o livro de Sylvio Brito Soares (“Os Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo”) é, de fato, um trabalho pioneiro, que nos sugere inúmeras outras figuras da História, nas quais podemos sentir — mesmo a distância, no tempo e no espaço — influências ou inclinações psíquicas. Em tantos desses vultos, como o demonstrou o confrade Brito Soares, a mediunidade é óbvia e inequívoca.

Aliás, o trabalho a que nos habituamos chamar criador tem, invariavelmente, uma dose maior ou menor de mediunismo. As grandes inspirações, quase sempre súbitas como um **flash**, não são mais que fagulhas divinas, descidas de muito alto e que ateiam o fogo sagrado no qual se funde a obra de arte ou a descoberta científica.

Sobre o assunto, que sempre me fascinou, tenho um livro muito curioso intitulado “The Creative Process” (“O Processo Criador”), compilado por Brewster Ghiselin, e que reúne depoimentos solicitados ou espontâneos, de grande número de intelectuais, sobre seus próprios métodos de criação.

Aqueles que têm algum conhecimento da Doutrina Espírita encontrarão, com frequência impressionante, a descrição de autênticos fatos mediúnicos ou anímicos em muitos escritores, poetas, matemáticos, cientistas, filósofos, músicos, etc. Não que se deva concluir apressadamente que toda obra artística é ditada, letra por letra, por Espíritos desencarnados, embora muitas delas o sejam de fato. Sem dúvida, porém, as grandes inspirações e intuições têm uma origem nitidamente espiritual, ainda que insuspeitada e até mesmo negada pelos intelectuais.

Na introdução de seu livro, declara Brewster Ghiselin o seguinte, que traduzo: “A hipnose e outros processos, tais como a escrita automática (a que chamamos psicografia), revelam, de certa forma, a riqueza do que tem sido denominado de profundezas da mente, na qual, aparentemente, toda a vivência do organismo é, de alguma forma, retida, alcançando incalculável multidão de experiências que nunca chegam a atingir o póstico do consciente.” E mais adiante, referindo-se ao ato da criação artística, acrescenta: “A concentração, em tal estado, pode ser tão aguda que a pessoa parece, a si mesma e aos outros, estar em transe ou em algum estado similar hipnótico ou sonambúlico.” Dentro da terminologia espírita diríamos que a pessoa parece encontrar-se em estado mediúnico ou medianizada.

Já William Blake — também lembrado por Sylvio Brito Soares — declarava que alguns de seus poemas lhe vinham, sem nenhum preparo prévio, “como se lhe fossem ditados”. Vemos, assim, que muitos artistas, além de produzirem obras próprias, embora sob inspiração espiritual, produzem também trabalhos nitidamente mediúnicos, psicografados. Eles próprios o admitem.

Mozart confessava, em uma carta, não saber de onde, nem como lhe vinha a inspiração, mas informava que em estado de quietude, quando só, “**ouvia**” espiritualmente linhas melódicas completas e acabadas, que ele ia retendo na memória prodigiosa que sempre teve. É tão magnífico o seu trabalho psíquico que ele tem a “visão” estática da peça toda, fora do tempo, e pode “inspecioná-la tal como se tivesse diante dos olhos um belo quadro ou uma notável estátua”. Acrescentava que “**ouvia** (palavra sua), na imaginação, as partes integrantes da peça, não sucessivamente, na sua sequência natural, mas tal como se fossem executadas ao mesmo tempo”. No texto em inglês: “**I hear them, as it were, all at once**”. O original alemão, citado entre parêntesis: “**gleich alles zusammen**”. Ora, seria impossível, em estado normal de consciência, “ouvir” uma

peça musical complexa como se executada de uma só vez, sem a sequência natural a que estamos habituados. Mediunismo puro, portanto.

Harold Shapero informa, em carta a Tobias von Haslinger, que muitas ideias musicais contidas no trabalho criador são “frequentemente apresentadas ao compositor em sonhos ou num estado de sonolência”. (**"Half waking State"**.)

E o caso de Samuel Taylor Coleridge? Vale a pena recordá-lo aqui. No verão de 1797, Coleridge teve uma indisposição orgânica, para a qual o médico receitou dois grãos de ópio, uma dose puramente sedativa. O poeta sentou-se numa cadeira e, ao adormecer, estava lendo uma frase de “Purchas’s Pilgrimage”, que dizia o seguinte: “Aqui o Khan Kubla ordenou que um palácio fosse construído entre majestosos jardins. Para isso, dez milhas de terreno fértil foram cercadas com um muro.”

Durante três horas dormiu o poeta e teve estranhas visões. As imagens levantavam-se diante de seus olhos espirituais, como coisas vivas, sem nenhum esforço consciente de sua parte. Ao acordar tinha tudo muito claro na memória. Tomou da pena, tinta e papel e começou a escrever ansiosamente um poema que intitulou “Khan Kubla” e que lhe ficara na lembrança. Nesse momento, porém, foi chamado por uma visita, que acabara de chegar para discutir um assunto importante. Ao voltar, uma hora depois, o resto do poema se perdera, apagando-se da sua memória a magnífica visão que tivera. Nunca mais pôde recuperá-la. Da experiência surpreendente ficaram apenas alguns notáveis fragmentos do que seria um belo poema.

Amy Lowell declara no seu depoimento: “Não ouço uma voz, ouço, porém, palavras; só que a pronúncia é destituída de som. As palavras parecem ter sido pronunciadas na minha cabeça, mas ninguém as enuncia.”

Mais adiante declara que os poemas extensos passam por longo período de preparo, como em “gestação subconsciente”. “De repente — continua — as palavras surgem, impulsionadas por imperiosa insistência, que não admite espera. Elas precisam de ser escritas imediatamente, senão experimento um agudo sofrimento, um desconforto quase físico, que não cede enquanto o poema não é liberado.”

Algumas linhas abaixo, acrescenta: “concluo que a concentração necessária para isso é da mesma natureza do transe”.

O grande Friedrich Nietzsche, dono de um dos mais poderosos cérebros na história da Filosofia, fez uma dessas confissões corajosas. Corajosa e bela, pelo que tem de mais pura humildade. Disse ele: “Será que pode alguém, ao finalizar este século dezanove, possuir alguma noção distinta sobre o que os poetas de um período mais vigoroso queriam dizer quando falavam em inspiração? Se não na tem, eu gostaria de descrevê-la. Admitindo-se que possa alguém guardar ainda o mais ligeiro resquício de superstição, é difícil rejeitar completamente a ideia de que somos uma simples encarnação, porta-voz ou médium (no original está médium, mesmo) de algum poder superior.”

George Frideric Handel, incendiado pela paixão criadora, escreveu, praticamente dum só jato, uma obra imortal, das mais belas que se conhece em música sacra, o majestoso oratório chamado “O Messias”. Trancou-se no seu quarto e, durante vários dias, em estado de febril excitação, sem comer nem dormir, produziu sua obra-prima. Mais tarde declarou que ao escrever o famoso coro da “Aleluia” teve a impressão de que o próprio Deus estava ali, diante dele.

A vida do Professor George Washington Carver também poderia figurar com honra no livro de Brito Soares.

Mr. Carver foi, sem dúvida, um dos mais nobres e profundos Espíritos que já desceram à Terra. Sua história magnífica é uma lenda de grandeza, traçada, estranhamente, no

plano da mais pura humildade e iluminada pela sua tranquila genialidade. Estratificado em inúmeras e proveitosas encarnações, desceu para desempenhar missão difícil e cheia de tropeços. Venceu todos os obstáculos e seu belíssimo Espírito deve hoje pairar em alturas inconcebíveis a pobres principiantes como eu.

Sua vida foi dramática.

Há um século, em janeiro de 1860, nasceu negro e filho de escravos, nos Estados Unidos. Criou-se órfão, sem chegar a conhecer os pais. Pobre, doentio e sofredor, caminhou pelas estradas da miséria e do trabalho mais humilde. Aos 83 anos de idade física, seu poderoso Espírito regressou à elevada mansão donde tinha vindo. Havia conquistado, entre os homens da sua época e da sua pátria, uma posição de inigualável destaque, com a qual jamais um negro teria sonhado. Atravessara barreiras maciças de preconceitos de cor e condição social. Não que ambicionasse galgar posições entre os brancos, mas a pujança de seu gênio tornou incontável aquele fluxo de admiração e respeito que o cercava.

Amou a Natureza e as coisas simples da vida. Seu poder criador não conhecia limites, a não ser a vontade de Deus. Somente no amendoim descobriu mais de 300 subprodutos, hoje largamente industrializados. Jamais se preocupou em registrar patentes de suas invenções e descobertas. Dizia que as patentes acabariam por cair nas mãos de algum poderoso **trust** industrial, que as exploraria em detrimento dos pobres. Achava preferível que suas fórmulas permanecessem como coisa comum, sem dono, para que qualquer pessoa pudesse utilizar-se delas. Foi um artista no mais profundo senso da palavra. Com grande pena e compreendendo certamente, na força da sua intuição, que eram outros os objetivos de sua missão na Terra, abandonou os pincéis. Na certa seria um dos grandes pintores de sua época. Mesmo entre os poucos quadros que deixou, contam-se inegáveis obras-primas, especialmente aqueles que reproduziam flores, frutos e coisas da Natureza que tanto amava. Criava suas próprias tintas e com elas reproduzia a vida na tela, com um realismo dificilmente igualado.

Amou os livros, a música, os longos passeios pelo campo, as infindáveis horas de silêncio e estudo no seu laboratório, a que chamava, muito significativamente, “a pequena oficina de Deus”. Sempre dizia que ele pessoalmente não descobria nada. Deus é que, na sua imensa bondade, ia aos poucos revelando os segredos e mistérios das coisas. Bastava aproximar-se dEle com verdadeira humildade e inteligência aberta e pedir-lhe a graça da revelação. Era um simples servo de Deus, singelo instrumento em Suas mãos. Muito mais seria capaz de fazer se pudesse manter contacto mais íntimo com Deus. Seu trabalho era feito entre preces e, como ele dizia, “às vezes Deus concordava em abençoar os resultados”.

Suas descobertas sobre o amendoim começaram dessa forma. Preocupado com a humilde plantinha, precisava com urgência descobrir meios de industrializá-la. Isso porque havia aconselhado seus irmãos de cor e de pobreza a plantarem grandes quantidades de amendoim. Esquecido, porém, das leis econômicas, verificou depois que criara um excesso de oferta, isto é, produziram tanto amendoim que este caiu a preços baixíssimos. O Professor Carver trancou-se então no seu laboratório, diante de Deus e diante do seu problema, para buscar uma solução. Por processos físicos e químicos, começou a desdobrar o amendoim em seus componentes, para saber o que Deus havia colocado naquela semente. Lá estavam, agora, todos à sua frente: água, óleos, gorduras, resinas, açúcar, pectoses, gomas, pentosanas, aminoácidos. E agora? Queria o Senhor dizer por que havia feito o amendoim?

Não tardou muito, as respostas começaram a surgir, não sem trabalho, não sem

dedicação incansável, mas vinham aos borbotões. E o professor negro começou a produzir molhos, bebidas, café solúvel, água sanitária, solventes, papel, líquidos para limpar metais, tintas, plásticos, creme de barbear, óleo para fricção, xampu, borracha sintética, graxa... Parecia não ter mais fim a linha de subprodutos. Com o tempo descobriu que o amendoim produzia também um leite, quase igual ao das vacas. Tão perfeito e puro, que dele se poderia tirar manteiga e queijo. Enquanto cem quilos de leite de vaca produziam dez quilos de queijo, cem quilos de leite de amendoim davam trinta e cinco de queijo.

Um dia foi convidado a fazer uma palestra numa associação de produtores de amendoim. Ninguém sabia ao certo como era o professor, mas sabiam que era negro e por isso — pensavam — não poderia ter muita coisa interessante para dizer. Os figurões da “United Peanut” (o nome da Associação) chegaram à cidade de Montgomery no dia 13 de setembro de 1920 e se alojaram no melhor hotel da cidade. No dia seguinte chegou o Professor Carver, com sua maleta cheia de jarros e amostras. Muita gente encontrou-se na rua com aquele homem de cor, de ar bondoso, cabeça embranquecida, carregando uma pesada maleta. Quem seria? Chegando ao hotel, onde deveria fazer a conferência, foi barrado pelo porteiro, em termos rudes:

- Que é que você deseja?
- Quero ver o presidente da “United Peanut”.
- Negro não podia entrar no hotel.
- Mas estão me esperando lá dentro.

Não podia entrar. O porteiro consentiu, no entanto, em levar-lhe um bilhete e, pouco depois, o negro professor era introduzido para fazer uma das suas notáveis palestras sobre o amendoim, para admiração de todos os presentes.

Outra memorável conferência foi pronunciada perante o Congresso americano. O negro, que entrara humilde e desconhecido, tinha apenas dez minutos para falar. Acabou falando uma hora e quarenta e cinco minutos, pois que os deputados se haviam esquecido do cansaço e do calor, para ouvi-lo. Muitos estavam pasmos, pois haviam aprendido a deformada noção de que a raça negra só produz seres inferiores. Não sabiam — e tantos ainda ignoram hoje — que não importa a cor da pele; o que vale é a estatura moral e intelectual do Espírito que se veste com aquele corpo físico. Ao terminar a palestra, um deputado, interpretando certamente o pensamento unânime dos seus colegas presentes, levantou-se e disse:

- O senhor acaba de prestar a esta Comissão um grande serviço.
- O deputado Gardner tomou a palavra e, dirigindo-se aos presentes, declarou:
- Acho que ele merece os agradecimentos da Comissão.

E, dizendo isso, levantou-se e começou a bater palmas. Todos os demais membros também se levantaram e aplaudiram o Professor Carver, que, modestamente e muito confuso, agradeceu, enquanto os deputados, de pé, continuavam a bater palmas. Era um espetáculo inédito: um grupo de homens brancos, da alta administração pública, numa época obscurecida pelo preconceito racial, aplaudindo de pé um negro modestamente vestido, que acabara de falar sobre o amendoim. Anos mais tarde, num discurso do Dr. Alan Valentine, da Universidade de Rochester, em sua homenagem, foram pronunciadas estas palavras reveladoras: “.. .O reconhecimento (de seus méritos) veio lentamente da parte dos homens brancos, mas, quando ele chegou, o senhor nem o desprezou, nem se escravizou a esse reconhecimento. E porque o senhor abriu novas portas da oportunidade àqueles americanos que acontecem ser negros; porque o senhor demonstrou, mais uma vez, que não existe barreira de cor para a capacidade humana; porque o senhor ajudou

milhares de homens a adquirirem uma nova confiança... confiro-lhe o grau de Doutor em Ciência, **honoris causa**, e, em reconhecimento, entrego-lhe este diploma e lhe peço que o manto correspondente a este título, com as cores da Universidade, seja colocado sobre seus ombros.”

Na sua concepção elevada, Ciência e Religião não se eliminam, mas, ao contrário, se completam, porque a Ciência cada vez mais nos aproxima de Deus, confirmando seus ensinamentos e revelando os mistérios das coisas que Ele criou.

O Instituto de Educação de Negros, no qual trabalhou quase toda a sua vida, pagava-lhe 1.500 dólares por ano. O Professor Carver nunca se preocupou em pedir aumento. Mesmo os cheques dessa modesta remuneração ficavam, às vezes, perdidos entre seus papéis e livros, sem terem sido recebidos, para desespero dos guarda-livros. Quando um banco faliu e arrastou todas as suas economias, ele se limitou a comentar que provavelmente alguém havia encontrado alguma utilidade para o seu dinheiro; além do mais, ele, professor, não precisava daquela importância.

Assim, um homem que poderia ter deixado uma fortuna incalculável, morreu pobre, porque não vendera nenhum dos segredos que lhe foram revelados na pequena oficina de Deus. Tal como ensinava Jesus, o Dr. Carver achava que devia dar de graça o que de graça recebera.

A um grupo de pastores que o procuraram para fazer uma palestra, respondeu de maneira rude mas sincera e objetiva:

— “Seus métodos falam tão alto que não posso ouvir o que os senhores estão dizendo. Os senhores têm muita religião e pouco Cristianismo, muitos credos e poucas ações. Este mundo está morrendo à míngua de bondade.”

Sua concepção da prece foi assim resumida numa carta: “Minhas preces parecem ser mais uma atitude que qualquer outra coisa. Faço poucas orações com os lábios, mas peço silenciosamente e diariamente ao Grande Criador e frequentemente, muitas vezes ao dia, que permita falar com Ele através dos três grandes Reinos do Mundo que Ele criou — o reino animal, o mineral e o vegetal — para compreender suas relações mútuas, nossas relações com eles e para com o Grande Deus que nos fez a todos nós. Peço a Ele diariamente e, às vezes, de momento em momento, para conceder-me sabedoria, compreensão e forças físicas para fazer Sua vontade; por isso estou sempre pedindo e sempre recebendo.”

Seu grande ideal de garoto era possuir um canivete. Mas como? Não tinha nada de seu, além da roupa do corpo e uma caminha para dormir na casa de seus pais adotivos. (Não conhecia mãe nem pai.) Era impossível conseguir um canivete. Então o impossível aconteceu. Uma noite ele teve um estranho sonho. Sonhou que viu três pés de milho, num campo; bem pertinho dos pés de milho, no chão, havia uma melancia, meio comida, algumas sementes espalhadas e, ao lado, um canivete que era uma beleza. Do tamanho dum lápis, cabo preto, de duas folhas, tal como desejava!

Na manhã seguinte, acordou aflitíssimo. Mal conseguiu tomar o café, disparou para o campo, como uma flecha. Foi direito ao lugar que tinha visto em sonho. Tudo igualzinho como tinha sonhado! Os pés de milho, a melancia, as sementes e o canivete. Este sonho lhe pareceu a coisa mais natural do mundo. Disse que era fácil para ele prever os acontecimentos. Certamente, durante o sono físico seu Espírito, desprendido, percorrera os campos e, achando o canivete, transmitiu ao cérebro físico as imagens que o haviam de orientar na manhã seguinte.

De outra feita, resolveu, por meio de um sonho, um problema que parecia insolúvel.

Estava tentando descobrir um processo de fazer lixa, mas não conseguia acertar. Uma noite dormiu e sonhou que entrava numa grande oficina ambulante, onde havia um homem colocando uma roda no vagão. O Professor Carver, sempre em sonho, chegou-se ao homem e perguntou-lhe se ele sabia fazer lixa.

- Sei — disse o homem (mas não quis dizer como).
- Bem, então, vou dizer como eu acho que deva ser.

E contou tudo minuciosamente. Quando terminou, o homem, sempre trabalhando na sua roda, disse tranquilamente:

- Está tudo certo. A única coisa é que você não ferveu a areia.

E pronto, quando ele acordou, já sabia como fazer lixa.

Outro sonho anímico. Na certa seu Espírito, à procura de uma solução, encontrara alguém que a conhecia e lha transmitira.

Por fim, julgou Deus, na sua imensurável sabedoria, que era chegado o momento de chamar, à glória da Espiritualidade, aquele que tão fielmente desempenhara a nobre e difícil missão de levantar o moral da sua raça e criar novas possibilidades à gente de cor. A 5 de janeiro de 1943, partiu sereno para o Alto. Seu Espírito, desligado da angústia humana, poderia, agora, planar nas alturas da paz e o poeta poderia repetir-lhe:

**"Dorme o teu sono, coração liberto.
Dorme na mão de Deus eternamente!"**

Só que o sono dos Espíritos puros no seio da Divindade não é o sono da imobilidade eterna e contemplativa; ao contrário, adormecem para sempre as imperfeições que latejaram no coração, ao fio de tantas encarnações; adormecem as lembranças de remotas mágoas e dores; adormece para sempre a fugaz ilusão da matéria, mas o Espírito, esse brilha mais do que nunca, vive mais plenamente que nunca, trabalha como jamais trabalhou, sob a inspiração da Divina Sabedoria.

George Washington Carver, o moderno santo da Ciência, não poderia aceitar o sono eterno da inatividade, pois ninguém melhor que ele sabe que de segredos maravilhosos ainda existem na imensa e eterna oficina de Deus.

Irmão negro, irmão superior, irmão George Washington Carver: que Deus derrame, sobre teu Espírito maravilhoso, bênçãos sem conta, para que continues a espalhar as luzes que inundam teu nobre coração.

SOCIALISMO E ESPIRITISMO

Léon Denis

Cap. III §3 (62)

Conhece-te a ti mesmo! Dizia a sabedoria antiga; o que o homem conhece de menos é ele mesmo, e dessa ignorância decorre a maior parte de seus erros, de suas faltas, de seus males. O homem moderno não se interessa senão por seu envoltório material, isto é, o que há de menos essencial em nós. É pela parte sutil, imponderável de nosso ser, aquela que escapa aos nossos sentidos, que pertencendo a este mundo invisível de onde saímos por ocasião de nosso nascimento ou aonde retornamos quando de nossa morte, e que é o mundo das causas, das sanções, o único permanente e durável.

Essa forma invisível, impalpável, que sustém ainda nosso corpo durante a vigília, que dele se destaca durante o sono e depois da morte, é, em todos os tempos, a sede de nossa alma e de suas faculdades: consciência, razão, julgamento. Por ela, somos ligados à ordem superior e divina e como ela somos imperecíveis.

Ali, está também a força das intuições profundas, das inspirações que iluminam todo

o nosso ser, quando sabemos nos abstrair das influências materiais e dar livre curso às forças ocultas em nós. Mas o homem ouve raramente as vozes que falam nele, distraído que está, na maioria das vezes, pelas preocupações exteriores.

Se soubéssemos ler o belo livro da consciência aí encontraríamos o reflexo de todas as leis superiores. Mas as vozes da consciência, as fontes da inspiração sendo abafadas, afogadas sob a onda montante dos interesses e das paixões materiais, o ensinamento dos Espíritos vem restabelecer a lei moral, chamar a todos às regras da vida aqui embaixo e no Além. E, por esse ensinamento, a justiça surge-nos como uma norma do Universo, não mais a justiça humana, sempre defeituosa, mas a justiça divina infalível, temperada pela misericórdia.

TRANSE

Robson Pinheiro

(65)

A oração continuava, enquanto eu observava os presentes. Descia do Alto uma chuva prateada de pétalas, parecendo estruturada em pura luz. Entidades luminosas penetravam no ambiente trazendo fluidos balsâmicos e refazendo as energias. Eu presenciava uma reunião espírita, do lado de cá da vida, embora num templo evangélico.

Comovia-me diante da demonstração de espiritualidade. Nunca imaginaria que os espíritos atuassem tão diretamente dentro das igrejas. Era uma grata surpresa poder presenciar o que se passava à volta.

Ernesto se dirigiu ao púlpito quando o pastor Eduardo começaria sua pregação. O nosso instrutor parou alguns segundos junto ao missionário evangélico e, colocando as mãos sobre sua cabeça, inspirou-lhe na pregação.

A cabeça do pastor parecia iluminar-se. A glândula pineal emitia luzes de tonalidades variadas e mais parecia uma chama que iluminava todo o cosmo orgânico. O córtex cerebral parecia uma rede tênue de fios luminosos. Do bulbo raquidiano, partia um fio dourado, ligando-o ao instrutor espiritual.

Para os nossos irmãos evangélicos o pastor recebia os dons do Espírito Santo. Para os nossos irmãos espíritas ele estava incorporado, utilizando-nos da expressão mais comum. O missionário falava ligado diretamente à mente de Ernesto.

UM HOMEM NO FUNDO DO ESPELHO

Décio Landoli Jr

5 (38)

Como que por encanto, Vicenzo passou a rever outros tantos episódios de sua vida profissional, onde podia, agora, observar a influência prestimosa de presenças espirituais, muitas vezes até por mérito do paciente, e não dele, que, mesmo em situações corriqueiras, dentro do consultório, recebia bons pensamentos e inspirações que o conduziam ao correto diagnóstico e à sugestão terapêutica precisa, com a espiritualidade sempre conspirando por um bom termo. Em verdade, ele nunca esteve sozinho.

Aquela constatação, num primeiro momento, pareceu frustrante. Numa clara manifestação de sua vaidade ferida, deu-se conta de que muitos dos grandes sucessos de sua vida profissional não foram exclusivamente seus como pensava, enquanto muitos dos insucessos aconteceram exatamente em algum momento ou circunstância onde ele havia

se encapsulado em sua autoestima exagerada, afastando-se da faixa vibratória de seus orientadores espirituais.

Tudo isso não significa que Vicenso só tivesse culpas e não lograsse méritos, muito pelo contrário, estudou muito, foi um aluno dedicado e sempre se preocupou com o acúmulo de conhecimentos necessários à sua profissão. Investiu muito tempo e esforços materiais para desenvolver as habilidades intelectuais e motoras que lhe permitiam exercer a medicina, tanto que é através desta competência, conquistada pelo esforço e pela dedicação, que o médico se transforma no instrumento para o auxílio divino às criaturas que sofrem.

A grande novidade para nosso querido médico é que sempre foi uma parceria, mesmo quando ele, aparentemente, estava só, com um detalhe: ele sempre foi o elo mais fraco desta corrente de serviços consoladores ao próximo mais necessitado.

Ainda perplexo com a revelação, Vicenso pôde perceber quantas oportunidades foram perdidas por seu ceticismo, quantas vezes faltou a conexão com a espiritualidade, que facilmente teria se estabelecido com um simples pensamento, uma pausa mental para pedir ajuda, uma oração, rogando a iluminação divina.

Todo um mundo invisível sempre o cercou, com auxiliares e orientadores, trabalhando para que ele fosse o melhor possível para aquele doente, naquele instante.

Aquele episódio terminou muito bem, a família tomou Vicenso por herói, ledo engano, ele foi um instrumento, um bom instrumento, é verdade, mas nada mais do que isso. Graças à sua atitude de buscar auxílio, evitar a fuga ou o desespero, enfrentando com disposição a dificuldade que, em última análise, foi gerada por ele mesmo. Pôde aproveitar a oportunidade bendita de resgate do erro cometido, o que não deve ser desperdiçado jamais.

Tudo se emaranhava como em uma selva fechada na cabeça de Vicenso, a experiência extrapolava ensinamentos para os obstáculos da vida de uma maneira geral.

Ele percebia agora, como o auxílio divino nunca falta aos que o solicitam, mesmo que não tenhamos a oportunidade de percebê-lo no instante em que age, já que, via de regra, estamos totalmente desatentos às coisas do plano espiritual, chamadas por muitos de “bobagens”.

Para encerrar o episódio, transmiti a Vicenso uma mensagem de Albino Teixeira, psicografada por Chico Xavier, para reforçar as conclusões a que chegávamos:

“É assim que, entre a necessidade humana e o socorro divino, permanece a vontade do homem, que é plenamente livre para aceitar ou não o auxílio de Deus”.

VIDA DE JESUS

Antonio Lima

Cap. II §41 (49)

As tradições, pejudadas de misticismo e mistério, vieram adulterar o pensamento originário, ainda assim obnubilado nas brumas de um raciocínio incapaz de voos altaneiros. Nota-se uma confusão de fatos, um amálgama de notícias imprecisas, incoerentes, sem melhores esclarecimentos, e admirável é verem-se homens ainda hoje aferrados a esse livro, buscando desencravar dele a decifração das suas páginas por vezes apocalípticas, quando não desconexas.

Claro que o livro de Moisés foi obra da sua mesma inspiração como verdadeiro médium, não de Deus, mas de Jesus, porém a sua capacidade não ia além daquele limite traçado ao homem para revelar as verdades compatíveis com as exigências da época, e

daí o seguinte esclarecimento de Imperator:

“Acham-se em todas as partes da Bíblia os traços da individualidade do médium, erros causados por um confronto imperfeito, e a impressão das suas opiniões, assim como as particularidades referentes às necessidades especiais do povo, ao qual a comunicação foi primeiramente dirigida.

“Numerosos exemplos desse fato podem ser verificados. Quando Isaías repetiu ao povo a comunicação de que estava encarregado, o seu discurso foi caracterizado pela sua própria individualidade e o adaptou às necessidades particulares do povo que o ouvia. Falou, é verdade, do Deus Supremo, porém, num estilo poético, com imagens patéticas, mas diversas das metáforas características de Ezequiel. Daniel tem visões de glória; Jeremias, os seus estribilhos vazados nas palavras do Senhor; Oséias, o seu simbolismo místico. Cada um conforme o seu modo individual fala de Jeová, tal como o conhece. Semelhantemente, mais tarde a natureza característica das comunicações individuais é conservada. Conquanto Paulo e Pedro falem da mesma verdade, quase a consideram sob aspectos diferentes. No entanto, a verdade não é menos real porque dois homens de espírito diverso a vejam por prisma oposto e falem dela conforme a compreendam. A individualidade do médium é palpável no estilo, senão no assunto da comunicação. A inspiração é divina, mas o médium é humano. Resulta daí que o homem pode achar na Bíblia o reflexo do seu próprio espírito, qualquer que seja o gênero desse espírito.”

Todavia, nada se perde da obra universal, e assim é que as lições do passado são magníficos contingentes de clarões para o futuro. A verdade, disse Schopenhauer, não é uma cortesã que salte ao pescoço do primeiro aventureiro que lhe apareça.

“Aprendereis mais tarde que a revelação nunca cessa, e que é progressiva, sem horas nem limites; não, pertence a nenhum povo, nem a pessoa alguma. Deus se reveem gradualmente à Humanidade.”

Eis aqui o que também nos veio do Alto:

“Por que é que a verdade não esteve sempre ao alcance de todos?”

“É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz. É preciso nos habituarmos a ela pouco a pouco, do contrário seremos deslumbrados. Jamais Deus permitiu aos homens receberem comunicações tão completas como as que agora lhes são dadas. Como sabeis, nos antigos tempos existiram indivíduos de posse do que eles consideravam uma ciência sagrada, e da qual faziam mistério para os reputados profanos. Deveis compreender, pelo conhecimento que tendes das leis que regem esses fenômenos, que tais homens só recebiam algumas verdades esparsas no meio de um todo equívoco e na sua maior parte emblemático. Entretanto, para o homem de estudo não há sistema filosófico antigo, não há tradição nem religião alguma que deva ser desprezada, porque todos encerram germens de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias umas das outras, dispersas como estão por entre acessórios sem fundamento, são de mui fácil coordenação”, etc. (1)

Atravessada essa fase do passado e dela colhendo as noções indispensáveis para que não encontrássemos solução de continuidade na vida dos povos, chegaremos rápidos como o pensamento ao período que poderemos considerar de ouro, ou seja aquele no qual nos veio banhar uma poderosa rajada de luz, quando o Divino Mestre nos visitou.

(1) O Livro dos Espíritos nº 628

VOZES DO GRANDE ALÉM

Francisco Cândido Xavier

LEMBRA-TE DE DEUS

Cap.50 §12 (210)

Reunião da noite de 31 de maio de 1956.
Encerrando-nos as lides da noite, comunicou-se Meimei,
a abnegada irmã de nosso grupo, que nos ofertou,
como de outras vezes, a sua palavra generosa e consoladora.

Lembra-te de Deus para que não olvides a tua alma no labirinto das sombras.

O Criador vive e palpita na Criação que o reflete.

Quando estiveres ferido pelas farpas do sofrimento, lembra-te de Deus que, em muitas ocasiões, socorre a terra seca, por intermédio de nuvens tempestuosas.

Quando te sentires revoltado ante as misérias do mundo, lembra-te de Deus, cuja majestade permanece incorruptível, no próprio fruto podre, através da semente pura em que a planta se renovará, exuberante e vitoriosa.

Lembra-te de Deus e aprende a não julgar com os olhos físicos, que apenas assinalam na Terra ligeiras nuances da verdade.

Tudo nos infinitos domínios do Infinito Universo é transformação incessante para a glória do bem.

Em razão disso, o mal é sempre efêmero nevoeiro na exaltação da eterna luz e toda sombra, por mais dilatada no espaço e no tempo, não passa de expressão transitória no jogo das aparências.

Não reprovés, assim, o solo estéril pela carência que patenteia e nem condenes a víscera cadavérica pelo bafio que exala, porque, amanhã, a Bondade de Deus pode reunir um e outro, com eles edificando um berçário de lírios.

Não te antecipes à Justiça do Pai Celeste quando fores incomodado, porque o Pai Celeste sabe distribuir o pão e a corrigenda com os filhos que lhe constituem o patrimônio de excelso amor.

Ainda mesmo diante do inferno que nós criamos na consciência com os nossos erros deliberados, ei-lo, bondoso, a expressar-se com o seu Divino Devotamento, transformando-o em lixívia que nos sane as mazelas da alma.

Trabalha, ajudando sempre, na certeza de que Deus sustenta a vida, para que a vida se aprimore.

Assim sendo, no princípio de cada dia ou no começo de cada tarefa nova, faz da oração a nota inicial de teu passo primeiro, para que te não falte a inspiração do Céu em toda a medida justa.

Quando fatigado, seja Deus teu descanso.

Quando aflito, seja Deus teu consolo.

Quando supostamente derrotado, seja Deus teu arrimo.

Quando em desalento, seja Deus tua fé.

Ergue, diariamente, um templo vivo de amor a Deus em teu espírito e rende-lhe preito incessante, através do serviço ao próximo, nas lutas de cada hora.

Em todos os lances de nossa peregrinação para os cimos, lembremo-nos de Deus para que não estejamos esquecidos de nós.

ENSINA-NOS A ORAR

Djalma Argollo

Resultados da prece

Cap. 25 §2 (155)

Seguindo essas rápidas indicações, poder-se-á desenvolver uma habitualidade de orar. E a finalidade deste estudo e do que resolvemos denominar Orientações Práticas. Naturalmente que, como qualquer orientação, deve ser adaptada às realidades materiais e psicológicas de quem as seguir. Uma coisa porém é certa: quanto mais nos dedicarmos ao cultivo da oração, mais ela se tornará uma bênção em nossas vidas. Descobriremos, a cada instante, nuanças diversas, que haviam passado despercebidas.

Interiormente, à medida que tornemos a prece uma realidade em nosso mundo psíquico, enriquecer-nos-emos de vibrações suaves e estimulantes. Um clima de compreensão e harmonia seguirá nossos passos. A inspiração far-se-á mais abundante e a intuição uma ferramenta preciosa no cotidiano. Os Espíritos do Bem terão mais oportunidade de permanecer envolvidos em nossa aura, pelo clima salutar que ela apresentará, ensejando a produção de fenômenos inusitados no cotidiano de nossa vida.

A prática da oração levará à descoberta dos tesouros ocultos de Alegria e Esperança. Além do mais, nos transformaremos em fonte de bênçãos para quantos sejam objeto de nossas intercessões. A intercessão que fizermos pelos outros veiculará alívio, cura, socorro, sem a menor sombra de dúvida. E isto é caridade, em toda a significação do termo.

Orando, tornamo-nos médiuns da Luz de mais Alto. E não esqueçamos que, colocando perfume na concha da mão, e atirando-o sobre os outros, quem primeiro fica perfumado somos nós...

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da Doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Introdução §9

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ademais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade.....

Introdução §11

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, podemos, com toda verdade, dizê-las segundo o Espiritismo, porque estamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a Doutrina a responsabilidade delas.